



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO DE HISTÓRIA**

Vilson José de Siqueira

**SANTA DICA: RELAÇÕES DE GÊNERO EM LAGOLÂNDIA
GOIÁS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

**Goiânia
2016**

VILSON JOSÉ DE SIQUEIRA

**SANTA DICA: RELAÇÕES DE GÊNERO EM LAGOLÂNDIA
GOIÁS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre ao programa de Mestrado em História, na linha de pesquisa, Identidades, Tradições e territorialidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. (PUC - GOIÁS).

Orientadora: Dra Ivoni Richter Reimer

Goiânia

2016

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
(Sistema de Bibliotecas PUC Goiás)

S618s Siqueira, Vilson José de.
Santa Dica [manuscrito] : relações de gênero em Lagolândia
Goiás na primeira metade do século XX / Vilson José de
Siqueira – Goiânia, 2016.
125 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em
História, 2016.

“Orientadora: Profa. Dra. Ivoni Richter Reimer”.
Bibliografia.

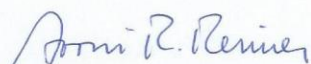
1. Gomes, Benedicta Cypriano, 1905-1970. 2. Feminismo.
3. Marginalizados. I. Título.

CDU 304(043)

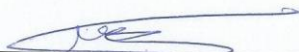
**SANTA DICA: RELAÇÕES DE GÊNERO EM LAGOLÂNDIA-GO NA
PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM HISTÓRIA DEFENDIDA EM 16 DE
MARÇO DE 2016 E APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA.

Banca Examinadora:



Dra. Ivoni Richter Reimer / PUC Goiás



Dra. Maria do Espírito Santo Rosa C. Ribeiro / PUC Goiás



Dr. Thiago Fernando Sant'anna e Silva / UFG

Eduardo Gusmão de Quadros / PUC Goiás (suplente)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus filhos, Guilherme e Manuella, por serem a minha inspiração e a razão da minha vida. Muito obrigado pelo incentivo e pelo amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Ao onipresente, onisciente e onipotente Deus, agradeço por minha existência e por me conceder persistência necessária para enfrentar os obstáculos, pois, sem Ele, eu nada seria. Sem sua permissão este trabalho não teria se consumados.

Agradeço de coração à minha orientadora, Dra Ivoni Richter Reimer, pela paciência, carinho, atenção e confiança em mim depositados, e também pelo enriquecimento intelectual e profissional. Sem suas valiosas contribuições, que foram de um valor imensurável, pois guiaram-me pelo caminho dos conhecimentos, esse trabalho não teria saído do papel.

Agradeço também às contribuições inestimáveis das professoras Dra. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante e Dra. Maria Cristina Nunes Ferreira Neto, as quais sugeriram-me leituras e teceram inestimáveis considerações metodológicas na Banca de Qualificação para a finalização deste trabalho.

Muito obrigado aos meus alunos, por darem sentido à minha vida acadêmica com sua alegria e também seriedade. Para cada um, reservo um carinho bastante especial.

Minha gratidão também aos companheiros(as) do curso de Mestrado, pelas discussões e pela contribuição intelectual de todos(as) durante os dois anos de convivência.

Agradeço também aos professores e funcionários da Escola de Formação de Professores e Humanidades do Programa de Pós-Graduação de História da PUC-GO, sempre solícitos e prestativos.

Obrigado aos meus filhos, Guilherme e Manuella, que, um dia, saberão compreender o porquê das minhas ausências.

Obrigado a Marilene Nogueira da Silva, professora, amiga e companheira, e que esteve presente nos momentos mais difíceis da minha vida. Obrigado por fazer parte desse meu universo.

Agradeço também ao professor Robson Kleber de Oliveira, por sua competência e por fazer parte dessa sublime pesquisa.

E não poderia deixar de agradecer à minha família pela educação que me deu e pela confiança depositada em mim, e que me possibilitou a busca e a realização dos meus sonhos. Sou verdadeiramente grato a meus pais por tudo que fizeram e ainda fazem por mim, por me inspirarem e acreditarem em mim.

Por fim, agradeço a todos(as) que, direta ou indiretamente, contribuíram para a finalização desta pesquisa.

RESUMO

SIQUEIRA, Vilson José de. Santa Dica: relações de gênero em Lagolândia Goiás na primeira metade do século XX. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Escola de Formação de Professores e Humanidades. Programa de Pós-Graduação de História. Goiânia, 2016

Esta Dissertação tem como objeto de pesquisa Santa Dica, discutindo a liderança e o poder de uma mulher no distrito de Lagolândia no sul de Goiás, na década de 1920. Santa Dica foi tema de outros estudos e interpretado como um movimento messiânico, no início do Brasil República, tendo sido comparado ao movimento de Canudos e Contestado. O objetivo desta pesquisa é explicar a relação de liderança e poder de Santa Dica, na comunidade de Lagolândia, pautada nas relações de gênero. Para execução desta pesquisa foi realizada uma revisão bibliográfica de fontes já elaboradas sobre Santa Dica, como, por exemplo, a dissertação de mestrado de Lauro de Vasconcellos, primeiro trabalho acadêmico sobre Santa Dica; outra dissertação analisada foi da professora Eleonora Zicari e, por último, a dissertação de Robson Rodrigues Gomes. Como análise conclusiva, o trabalho aponta que, na década de 1920, no Mundo e no Brasil, as mulheres lutaram por cidadania ao buscarem o direito ao voto. Ao realizar as primeiras leituras sobre Santa Dica, compreendi que essa mulher foi e é importante para a História de Goiás e também para o desenvolvimento da Historiografia do Brasil. Para a construção de categorias de análise como feminismo e de gênero, é importante ressaltar a importância das fronteiras entre a vida pública e vida privada em Goiás no século XX.

PALAVRAS-CHAVES: Santa Dica; Lagolândia; Gênero; Marginalização; Protagonista; História.

ABSTRACT

SIQUEIRA, Vilson José de. Santa Dica: gender relations in Lagolândia Goiás in the first half of the twentieth century. Pontifical Catholic University of Goiás . School of Teacher Training and Humanities . Program Graduate History . Goiânia, 2016

This dissertation has as a object Santa Dica, discussing leadership and power of woman who was in Lagolândia district in the south of Goiás in 1920's. Santa Dica was the subject of other studies and interpreted as a messianic movement in the early Republic of Brazil compared to the movement of Canudos and Contestado. The objective of this research is to explain the relationship of leadership and power in Santa Dica relation of Lagolândia community guided in the relations of feminism and gender. To carry out this research was carried out a literature review sources already produced about Santa Dica, such as a master's dissertation Lauro de Vasconcellos, first scholarly work on Santa Dica, another analyzed dissertation was the teacher Eleonora Zicari and ending the search to dissertation Robson Rodrigues Gomes. It was as conclusive analysis, the paper points out that in the 1920's in world and Brazil women fought for citizenship to seek the right to vote. To performing the first readings on Santa Dica I got to understand that this woman was and continue being important to the history of Goiás and also for development of historiography of Brazil. For the construction of categories of analysis as feminisms and gender. It is importance to emphasize the importance of borders between public and private life in Goiás in the twentieth century.

Keywords: Santa Dica; Lagolândia; Gender; Marginalization; Protagonist; History.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Busto de Santa Dica na Praça Central de Lagolândia cujo nome da Praça é uma homenagem à fundadora do distrito de Lagolândia Benedita Cipriano Gomes.	50
Figura 2: Túmulo de Benedita Cipriano Gomes em Lagolândia Goiás, enterrada sob uma grande gameleira.	62
Figura 3: Município de Meia- Ponte dos Pireneus.....	65
76Figura 4: Casa onde santa Dica viveu e realizou suas curas e benzenções.....	76
Figura 5: Rio do Peixe ou também conhecido como Rio Jordão, rebatizado por santa Dica.	79
Figura 6: Túmulos de Benedita Cipriano Gomes e de seu marido Chico Teixeira em Lagolândia Goiás.	88
Figura 7: “santa Dica”, por Tarsila do Amaral, In Misticismo e Loucura, de Osório César, S. Paulo, 1939.	90
Figura 8: Festa do Doce em Lagolândia.	107
Figura 9: Festa do Doce em Lagolândia	107
Figura 10: Escola Estadual Benedita Cipriano Gomes, em homenagem a “santa Dica”.	108
Figura 11: Busto de Santa Dica na Praça Benedita Cipriano Gomes fundadora da cidade de Lagolândia Goiás.....	109
Figura 12: Fundação da associação feminina de Lagolândia Goiás fundada por Benedita Cipriano Gomes.	110

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 AS MULHERES NA HISTÓRIA	14
1.1 AS MULHERES DO MUNDO ANTIGO	16
1.2 GÊNERO, O PÚBLICO E O PRIVADO	23
1.3 MOVIMENTOS DE MULHERES	27
1.4 MOVIMENTOS SOCIAIS COMO PRINCÍPIOS DO FEMINISMO	33
1.5 O FEMINISMO NA AMÉRICA LATINA E NO BRASIL	38
1.5.1 O Feminismo de Primeira Onda e Suas Repercussões no Brasil.....	43
1.5.2 O Feminismo de Segunda Onda e Suas Repercussões No Brasil	46
1.5.3 O Feminismo de Terceira Onda e Suas Repercussões no Brasil	50
1.6 MULHERES GOIANAS NA HISTÓRIA.....	52
1.7 GÊNERO: ABORDAGENS CONCEITUAIS.....	57
2 SANTA DICA: E O REDUTO DOS ANJOS	62
2.1 SANTA DICA: UMA LÍDER NO INTERIOR DO GOIÁS.....	72
2.2 SANTA DICA: A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM MARGINALIZADA.....	89
2.3 SANTA DICA E O JORNAL O SANTUÁRIO DA TRINDADE	91
2.4 SANTA DICA E O JORNAL O DEMOCRATA	97
2.5 SANTA DICA E O DISTRITO DE LAGOLÂNDIA	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS:	113
ANEXOS	122

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto de análise o poder de Benedita Cipriano Gomes conhecida como “Santa Dica” no distrito de Lagolândia em Pirenópolis/GO, sul de Goiás, na década de 1920, no contexto das relações gênero.

A história de Santa Dica nos chamou bastante atenção por causa de suas ações e seu carisma, que podem ser notados em alguns registros literários e fotográficos, pelos quais nos encantamos e que motivou nossa escolha pelo objeto de estudo desta dissertação.

A leitura de textos nas disciplinas do Mestrado em História e as viagens ao Distrito de Lagolândia para alguns levantamentos de dados históricos foram nos mostrando que o tema escolhido tinha sido acertado. Ao imergirmos nas primeiras leituras sobre Santa Dica, conseguimos compreender que essa mulher foi e é muito importante para a História de Goiás e também para a o desenvolvimento da História do Brasil.

Nesse sentido, um dos desafios e objetivos desta dissertação é questionar a importância das fronteiras entre a vida pública e vida privada em Goiás no século XX, tratando-se de um poder de gênero feminino, protagonizado por Santa Dica.

Buscamos entender como, desde muito cedo, Santa Dica conseguiu mobilizar centenas de seguidores/as e, ao mesmo tempo, confrontar com o poder e resistir à opressão dos grandes latifundiários locais, da Igreja e também da imprensa goiana na primeira metade do século XX. Nesse período, o poder econômico e político consolidou as bases do coronelismo, alicerçando as relações de poder em Goiás: ,

No estado do Goiás passam a se agrupar grandes latifundiários que na capital ou cidades do interior detinham o poder político e dominavam o comércio, passando a serem os ‘donos da terra’, agora valorizada pela agricultura e pecuária. Importante salientar, que esses latifúndios se estruturaram lentamente via sistema de Patrimônio, posse da terra sem qualquer vínculo jurídico, cujos limites eram definidos pela capacidade financeira daquele que apossava da terra e a cultivava de modo extensivo. Nessas grandes fazendas prestavam serviços os meeiros, parceiros, agregados, e jagunços que prestavam todo tipo de ‘serviços’ aos fazendeiros em troca de porcentagens e divisão dos lucros do gado e da lavoura. Havia um compromisso entre o governo e o coronel, que resultava nas características secundárias do sistema coronelista, como entre outras, o mandonismo, o apadrinhamento, o falseamento do voto, a desorganização dos serviços públicos locais (REZENDE, 2001, p 82).

As relações de poder e conflitos eram reais. Aqui buscaremos compreender as relações conflituosas ressaltadas nos estudos sobre gênero que destacam a rejeição ao caráter fixo e permanente da oposição das relações binárias de poder entre homens e mulheres (SOIHET, 1997). Especificamente no espaço goiano, centramos atenção no poder preconizado por Santa Dica como objeto e sujeito da investigação histórica desta pesquisa, de acordo com sua atuação e liderança no âmbito público no sul de Goiás, rompendo os papéis sociais masculinos. (SOIHET, 1997).

A partir das fontes consultadas, tivemos a oportunidade de realizar novas interpretações históricas acerca das relações de gênero no contexto do objeto de pesquisa, utilizando-nos das seguintes referências: o livro de Lauro de Vasconcellos – “Santa Dica: Encantamento do mundo ou coisa do povo”; uma Dissertação de Mestrado de “Eleonora Zicari Costa de Brito: A construção de uma marginalidade através do discurso e da imagem: santa Dica e a corte dos anjos Goiás 1923-1925”; outra Dissertação de Mestrado do Robson Rodrigues Gomes Filho: O movimento messiânico de “Santa Dica” e a ordem redentorista em Goiás (1923-1925)”, a Dissertação de Mestrado de Jeane das Graças Araújo Silva: Santa Dica ou reduto dos anjos: uma visão psicossocial e o livro de “Waldetes Aparecida Rezende Santa Dica – História e encantamentos”.

Para realizarmos esta pesquisa, foi importante entender as diferentes estruturas que articulam as relações de gênero como uma categoria de análise histórica, no contexto de Lagolândia. Segundo Scott (1992, p. 88), a articulação das ciências sociais sobre as estruturas do gênero presume funções socioculturais construídas a partir da oposição fixa entre os homens e as mulheres e identidades (ou papéis) separadas para os sexos, que operam consistentemente em todas as esferas da vida social.

Segundo Pedro (2011, p. 270), torna-se importante pensar e compreender as transformações a partir do movimento de mulheres que se inicia no século XVIII, na Europa, especialmente na Revolução Francesa e chegando à América, particularmente no Brasil, na virada dos séculos XIX para o XX. Os movimentos feministas e de mulheres têm contribuído para que as reflexões do gênero no campo historiográfico rompessem de fato com a neutralidade e invisibilidade feminina. É

nessa perspectiva que esse estudo pretende empenhar-se, ou seja, na construção de uma narrativa que priorize novas abordagens historiográficas acerca das análises dos discursos sobre gênero, preconizadas pela atuação de Dica como uma líder habilidosa, carismática, um “coronel de saias¹”. Santa Dica foi um coronel que não precisou de dinheiro ou terrenos para conseguir uma posição de liderança. Os que com ela conviveram não a denominaram um coronel, mas, analisando o período chamado de “Coronelismo²” em Goiás, certamente são marcantes as características na vida de Dica desse período (REZENDE, 2011. p. 85). Sua liderança transcendeu as fronteiras goianas, sua imagem foi preservada, valorizada e respeitada na memória e no imaginário local dos lagolandenses em Goiás.

Para a composição do trabalho, estruturamos a dissertação em dois capítulos. No primeiro capítulo, analisamos a inserção das mulheres na História, suas lutas e conquistas, experiências de mulheres que se destacaram em seu tempo como, por exemplo, a poetisa Safo de Lesbos na Grécia, Christine de Pizan, que se tornou escritora conhecida em seu tempo por ser uma mulher que escrevia, fato muito raro para a época. A partir de tal proposta, refletimos sobre movimentos de mulheres e sobre o feminismo em relação às novas percepções historiográficas no mundo e no Brasil. Destacamos, portanto, a importância dos movimentos sociais como princípios do feminismo na América Latina e no Brasil. Nesse sentido, buscamos o desenvolvimento de uma abordagem conceitual sobre gênero na liderança de Santa Dica no distrito de Lagolândia no sul de Goiás.

No segundo capítulo, a Dissertação destacará como objeto de pesquisa Santa Dica: e o Reduto dos Anjos, relacionando a construção de um poder e liderança por meio das análises sociais das relações de gênero construídas do distrito de Lagolândia através de suas curas, suas prisões e como uma líder de um batalhão de homens que foi arregimentado para lutar contra a Coluna Prestes e na Revolução de

¹ O termo coronel de saias, segundo Rezende (2011, p. 85) autora e moradora de Lagolândia, faz alusão a quando Dica se casa com Mário Mendes, mudando seus hábitos e seus ideais, e também dos seguidores do distrito de Lagolândia, Goiânia, Jaraguá, e outros municípios onde seu prestígio era grande, fomentando nessas regiões espaços de dominação eleitorais. Assim, sua palavra passou a ser lei para todos (as). A referida autora estabelece um paralelo entre o período do Coronelismo em Goiás e as ações e atitudes de Dica, demonstrando que ela era um coronel de saias desse período.

² Segundo Leal, o coronelismo partiu da ideia de uma interdependência entre as três esferas de poder: a local, a estadual e a federal. Contudo existe, no seu discurso, uma exaltação indireta do Estado enquanto eixo do poder, tendo em vista que, nesse caso, a posição de quem ocupa o “poder local” está sempre ligada a quem “domina” nas outras esferas. (LEAL, 1978, pp. 49-50 apud, FORTUNATO, 2000, p.27)

1932. Notamos a Imprensa goiana como um aparato de poder disciplinar e inconformado com a fama de Dica e que, com seus periódicos, buscaram desclassificar sua imagem da mulher com vistas a manter a normatização da sociedade vigente. O Jornal “Santuário da Trindade”, o Jornal “O Democrata” foram por nós analisados para entender a dimensão contrária desses periódicos sobre Dica.

O presente trabalho caracteriza-se por uma narrativa histórica produzida, pois recorre à análise histórica de autores(as) que já estudaram o assunto, mas que convergem no que diz respeito à liderança e ao poder sobrenatural de Santa Dica para as relações de gênero no distrito de Lagolândia, sul de Goiás, nas primeiras décadas do século XX.

Com esta pesquisa, esperamos contribuir significativamente para um avanço teórico, metodológico e histórico do movimento de Santa Dica, pautado nos estudos de gênero e importante para a historiografia regional goiana e historiografia nacional.

1 AS MULHERES NA HISTÓRIA

O campo das ciências humanas como a História, a Antropologia, a Psicologia e a Sociologia há tempos vem questionando a invisibilidade das mulheres no discurso historiográfico e sua inclusão na sociedade como uma categoria analítica que buscava identificar as falas e as ações das mulheres do passado, provocando no presente uma mudança na historiografia que pudesse ser (re) escrita numa “História das Mulheres”.

Escrever sobre a história das mulheres pode trazer profundas transformações, principalmente no sentido de compreender que as mulheres têm uma história e não são apenas meras reprodutoras, que elas são agentes históricos e possuem uma historicidade relativa às ações cotidianas, uma historicidade das relações entre os sexos. (PERROT, 1995, p. 09)

Como observa Pesavento (2004, p. 8/9), a análise histórica do silenciamento das mulheres, até então excluídas das narrativas historiográficas, começou ser rompido, haja vista que novos atores sociais, antes excluídos, passaram a ser ouvidos e valorizados.

A partir da valorização e por suas diferenças de crenças, valores e posições sociais, enfim, foram percebidos como atores históricos, sujeitos e assujeitados a diferentes saberes e poderes, numa dicotomia de relações em que compartilham ou confrontam interesses, valores e significações. (RIOS, 2005, p. 02)

O redirecionamento historiográfico possibilitou considerar o que, anteriormente, eram omissões e silêncios, ao lhe dar visibilidade e sentidos, desmitificando e denunciando as exclusões e discriminações sofridas pelos diferentes atores sociais, especialmente, as mulheres. (RIOS, 2005, p. 02)

É nesse contexto de reconfigurar a historiografia de mulheres que reconstituímos parte da história de Santa Dica. Ela nasceu em 1905, no interior de Goiás, especificamente no município de Pirenópolis, distrito de Lagolândia, e recebeu o nome de Benedita Cipriano Gomes, mais conhecida como “Santa Dica”. Com seus dons de curas e sua personalidade forte, tornou-se uma grande liderança feminina, rompendo os padrões de uma sociedade dominada pelos homens.

O que parecia algo imutável e considerado como natural, ou seja, as relações de poder existentes, passou a ser entendido, no campo da História, como uma realidade social que é construída como “cultural”, identificando as mudanças, tanto no tempo como no espaço. (BURKER, 1992, p. 11). Essa desconstrução do imutável em Goiás passou a ser rompida quando o poder e a liderança de Santa Dica passaram a ter visibilidade em Lagolândia (à época Lagoa), distrito de Pirenópolis, Goiás.

As críticas dirigidas ao modelo de uma história tradicional testemunhou a ascensão de uma Nova História que, por sua vez, passou a se interessar por quase toda atividade humana (BURKER, 1992, p. 11). Assim, como assinala Scott (1992, p. 64) em resposta ao modelo tradicional, se processava, então, a constituição de um “movimento da história das mulheres”.

Termo “movimento” é utilizado por ela para distinguir o fenômeno atual dos esforços anteriormente disseminados por alguns indivíduos para escrever no passado sobre as mulheres, para sugerir algo da qualidade dinâmica envolvida nos intercâmbios no nível nacional e nos interdisciplinares pelos historiadores das mulheres, e ainda, para evocar as associações com a política. (SCOTT, 1992, p. 64)

A expressão “movimentos de mulheres” significa ações organizadas e grupos que reivindicam direitos ou melhores condições de vida e trabalho. (TELES, 1999, p, 012)

Falar de tudo de que envolva as ações e lutas das mulheres é ver as mulheres inseridas no processo historiográfico, pois, durante muitos séculos, elas se viram excluídas nas diferentes sociedades e no decorrer dos tempos. (TELES, 1999). Assim, falar de tudo de que envolva as ações e lutas das mulheres é vê-las inseridas no processo historiográfico, pois, durante muitos séculos, elas se viram excluídas nas diferentes sociedades e no decorrer dos tempos.

A mulher, desde sempre, é excluída dos espaços públicos, humilhada, oprimida, deixada na invisibilidade entre todos os desprivilegiados. Sua condição, subalterna há milhares de anos, levou inúmeros pensadores a se dedicarem a pesquisar as origens de sua opressão e exploração. No entanto, apesar do modelo predominante de sociedade fortemente vivida pelo modelo patriarcal, sempre houve protagonistas que buscaram transformar essa situação desde a Idade Moderna, traçando caminhos de sua libertação.

Neste capítulo, buscaremos sistematizar acontecimentos relativos às mulheres e a sua atuação na história, partindo de uma história no Mundo Antigo, de mulheres que romperam barreiras, de movimentos sociais como princípios do feminismo, ainda abordando o feminismo no Brasil, os movimentos feministas na América Latina e, por último, os vários conceitos sobre abordagem de gênero.

1.1 AS MULHERES DO MUNDO ANTIGO

A História é uma ciência humana que proporciona ao(a) historiador(a) novos olhares sobre os acontecimentos históricos, principalmente nos campos social e cultural, seja através da sua diversidade e sua imobilidade. Isso nos leva a romper os silêncios da história, talvez nem Clio (Musa da História)³ pudesse imaginar que sua imagem predissesse o rompimento da História tradicional anunciando um eventual estudo acerca dos estudos feministas e de gênero.

Dessa forma, o feminismo associa-se ao combate de práticas autoritárias e contra a centralização do poder exercido pelo homem, e é nessas lutas que a imagem e as ações de Santa Dica nos revelam um rompimento de uma História tradicional, levando-nos a pensar num estudo das relações femininas de gênero.

Na Grécia, as posições das mulheres se igualavam à mesma condição de um escravo no sentido de que tão somente estes executavam trabalhos manuais, extremamente desvalorizados pelos cidadãos. (ALVES e PITANGUY, 2007, p.11). Em Atenas, ser livre era, primeiramente, ser homem e cidadão. A partir dos discursos na Ágora, somente homens livres e atenienses poderiam discursar e escolher seus governantes. As mulheres estavam excluídas de participarem dos debates democráticos.

Sobre os primeiros relatos que temos sobre a vida das mulheres na Grécia Antiga, elas aparecem circunscritas ao matrimônio, e sua ocupação principal era

³ Clio foi identificada como Proclamadora é a deusa da História para os historiadores, e tem como objetivo a capacidade reflexiva a partir dos múltiplos caminhos da história. Era uma musa, filha de Mnymosine (memória). Ela patrocinava a literatura exemplificada pelos hinos e panegíricos. Com sua trombeta, proclamava aos ares os nomes dos heróis, bem como suas façanhas. No Império Romano, Clio foi eleita à musa inspiradora da História. (QUADROS, 2007. p. 22)

desempenhar as atividades domésticas de dona de casa. Suas principais funções eram a reprodução da espécie humana. Elas não só geravam, amamentavam e criavam os filhos, como também produziam tudo aquilo que era diretamente ligado à subsistência do homem. (ALVES e PITANGUY, 2007, p.12)

A configuração do ideal de cidadania ateniense põe em discussão o significado de exclusão política, especialmente das mulheres atenienses, pois não lhes eram imputados os mesmos direitos dos homens gregos.

O critério de sexo tem sido fundamental para demarcar a menos valia das mulheres traçando, ao longo dos séculos, um caminho de menor titularidade. Se na Grécia Antiga as mulheres e os escravos estavam excluídos dos direitos de cidadania, era, entretanto, teoricamente possível ao escravo alcançar a liberdade em virtude de feitos heroicos. Mas, para as mulheres não havia possibilidade de superar sua condição de sexo. Também no Império Romano eram excluídas da esfera política e subordinadas ao homem no âmbito da vida privada, com base no do conceito de *pater familiae* (PITANGUY, 2011, p. 24.)

Na Grécia Antiga, desde Aristóteles, um dos primeiros a escrever as mulheres eram descritas como inferiores, pouco dignas de confiança, pouco desenvolvidas, pouco inteligentes e assim por diante. Quando a ciência se consolidou como uma fonte reveladora do saber de uma das maiores produções da espécie humana, justamente por trazer a verdade em suas palavras, as mulheres passaram a ser consideradas realmente inferiores, então com a chancela dos novos saberes científicos que estavam acima de qualquer ideologia, tendo, portanto, o direito à última e verdadeira palavra. (STREY; BRZEZINSKI; BÜCKER; ESCOBAR, 1997, p. 87).

Ainda na Antiguidade, Platão dizia⁴: “que cada um deve exercer um só ofício, àquele para que o destinou a natureza. E não há dúvida que admitimos. E, pode negar-se que a natureza da mulher difere enormemente da do homem”.

Ainda conforme Alambert (1986, p. 2-3),

Os gnósticos da Antiguidade cristã retomaram a doutrina persa maniqueísta, declarando que a primeira união conjugal foi o primeiro pecado [...]. Efeitos mais graves ainda, na mística judaica dos séculos seguintes, teve a Kabala, que iniciou no século VIII e se propagou até o século XVIII. Esta kabala judaica, sem dúvida sob a influência do pensamento gnóstico, considera a mulher uma degenerescência do homem primitivo. O homem, originalmente, era desprovido de qualquer caráter sexual exterior. Tinha em si os dois sexos. Não foram criados homens e mulheres, mas homem-mulher numa mesma pessoa, isto é, com duplicadas propriedades sexuais. A mulher não era,

⁴ Para mais detalhes sobre o tema mulheres, ver obra do filósofo grego Platão “A República de Platão, Livro V” (p.184-185)

portanto, a realização do pensamento de Deus, mas um fenômeno de degenerescência.

Outras fontes que desqualificavam as mulheres eram os “mitos”⁵. Em quase todos os mitos, o princípio masculino, além de ser o princípio de ordem, é o que põe ordem no feminino (o caos), o reprime e o controla para que não destrua o que foi criado.

É importante destacar que a história da sociedade ocidental produziu um discurso de legitimação da desigualdade entre homens e mulheres. A mitologia e as religiões são bons exemplos desse discurso (GARCIA, 2015, p.12). Tanto na Grécia como na tradição judaico-cristã, as figuras femininas de Pandora e Eva, respectivamente, desempenharam o mesmo papel: o de demonstrar que a curiosidade feminina é causa das desgraças humanas e da expulsão dos homens do paraíso. (GARCIA, 2015, p.12).

E preciso ressaltar que as mulheres gregas eram excluídas do pensamento e do conhecimento, tão valorizado pela civilização grega. Rara exceção ocorre por meio das Hetairas⁶.

Na Grécia, a pólis ateniense era formada por duas esferas distintas: a que pertencia às mulheres e o espaço dos homens, cabendo ao génos gynaikon o silêncio, a submissão, o comedimento, a fidelidade, a procriação e a reclusão. A phûl anthrópon dedicava-se à política, à guerra e à prática da oratória em praça pública. A bipartição da polis grega evidencia a bipolaridade homem/exterior e mulher/interior presente na historiografia tradicional. Todavia os estudos imagéticos comprovam a presença feminina no âmbito externo, desmistificando a ideia de reclusão absoluta defendida pela historiografia tradicional. (FARIA, 2007, p. 11)

De acordo com Vrissimtzis (2002, p. 33):

⁵ Mito significa uma história sagrada. Ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição (...). Em suma, os mitos descrevem as diversas e, algumas vezes, dramáticas, irrupções do sagrado (ou do sobrenatural) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural. (ELIADE1994, p. 11)

⁶ Hetairas eram as cortesãs cujo cultivo das artes tinha como objetivo torná-las agradáveis companheiras dos homens em seus momentos de lazer. (ALVES & PITANGUY, 1985, p. 12)

Ao contrário de Atenas, em Esparta as moças participavam das atividades físicas, algo que lhes era imposto pelo princípio de “eugenia” (Excelência da raça) do regime espartano. Tal costume escandalizava os atenienses, que as denominavam “phainomerídoi” (as que mostram as coxas), já que, durante os exercícios, suas coxas ficavam expostas. Famosos também eram os coros de garotas espartanas.

Na sociedade grega antiga, as mulheres não tinham direitos políticos e, de acordo com os padrões atuais, seu papel era subalterno. No entanto, não devemos pensar que sua posição era insignificante. Tal suposição seria totalmente incorreta.

Na sociedade romana, no ano de 195 d.C, as mulheres, muitas vezes, se dirigiram ao Senado Romano, protestando contra a sua exclusão de não poder utilizar bens públicos como os transportes públicos, privilégio masculino, tendo, obrigatoriamente, que se locomoverem a pé. (ALVES & PITANGUY, 1985, p. 14)

A vida social no espaço público de uma sociedade patriarcal pertencia exclusivamente aos homens, com exceção dos extratos mais baixos da sociedade como escreve Richter Reimer: (2006, p.09)

É no âmbito de famílias camponesas e da classe baixa urbana, no trabalho e no sustento das famílias, que teremos um quadro histórico-social diferenciado. Ali, as mulheres estavam lado a lado com os maridos. Isto ainda não significa automaticamente que elas poderiam livre e igualmente opinar e decidir sobre a condução da vida pessoal, familiar e de relações públicas. Ideologicamente também estas famílias e pessoas poderiam estar reproduzindo o *status quo* elitista patriarcal. Por outro lado, é mais fácil visualizarmos, nestes substratos sociais, ações e elementos que permitem falar da construção contra-cultural das relações de gênero, classe, etnia e de geração. Neste espaço é que se inserem as experiências e narrativas bíblicas sobre protagonismos e transgressões de mulheres, homens e crianças no primeiro século.

A partir da experiência da sociedade patriarcal romana, cabiam as mulheres serem genitoras, donas de casa, não podendo elas participar do poder social e político por estarem subordinadas à dominação de uma época patriarcal. (RICHTER REIMER, 2006, p.09).

De acordo com Alambert, na Idade Média, outros arautos da inferioridade das mulheres surgiram em cena. São Tomás de Aquino (*apud* ALAMBERT, 1986.p.3) escreveu:

A mulher é um ser acidental e falho. Seu destino é o de viver sob a tutela do homem. Sobre si mesma ela não tem autoridade alguma. Por natureza mulher é inferior ao homem em força e dignidade, e por natureza lhe está sujeita, pois no homem o que domina, pela sua própria natureza, é a facilidade de discernir, a inteligência.

A interpretação da tradição judaico-cristã não é muito diferente. Uma das narrativas míticas da criação de Adão e Eva, (Gênesis 1-2) é a de que da costela de Adão Deus fez a mulher para lhe servir de companheira, para que ele não se sentisse sozinho. Essa visão de como homem e mulher foram criados ostenta com bastante clareza, via história interpretativa dessas narrativas, todo o peso da submissão que foi atribuído ao sexo feminino no mundo ocidental. Essa condição de ser inferior ao homem, dificilmente poderia ser superada no imaginário popular, pois está na base das crenças sobre a criação da humanidade. (STREY; BRZEZINSKI; BÜCKER; ESCOBAR, 1997, p. 88)

Essas teorias se repetirão, além das religiões, em teorias psicológicas modernas como a psicanálise de Freud, que, desde 1912, sempre indagava sobre o papel da mulher na sociedade com perguntas do gênero “o que querem as mulheres”? Conforme Gonçalves (2006, p. 45), o psicanalista afirmava sua fama de ser um antifeminista e nutria preconceitos inflexíveis sobre as mulheres, como a ideia de que a elas cabia simplesmente a tarefa desempenhada pela natureza, ou seja, o lado biológico da maternidade. Remonta desse período uma oposição das mulheres que frequentavam o círculo de Viena, com destaque para Lou Andéas Salomé e a própria Anne Freud, e que empreenderam uma campanha pelos direitos das mulheres.

Contra todos esses pensamentos machistas, que buscam sempre inferiorizar a condição das mulheres dentro da sociedade, ergueram-se vozes contra a inferioridade social das mulheres, que conquistaram ou um lugar ao sol na história pela luta e pela libertação dos discursos de discriminação.

Em geral, conforme Alambert (1986), dentre os primeiros precursores do feminismo ou feministas, podemos a poetisa grega Safo, nascida na ilha de Lesbos e que, no ano de 625 A.C, além de escrever nove livros, ali criou um centro para a formação intelectual das mulheres. Os fragmentos de seus poemas, cantando os deuses e o amor, foram considerados como um dos grandes nomes da literatura da Grécia Antiga. (ALVES e PITANGUY, 1985, p. 14).

Além dela, já na Idade Média, destacou-se o nome de Christine de Pisan, que pode ser considerada uma das primeiras feministas, se levarmos em conta seu discurso, concretamente construído em defesa das mulheres. (ALAMBERT, 1986, p. 5). Christine de Pisan (1363-1431) pode ser considerada a primeira escritora

profissional, cujo talento, e grande erudição e capacidade de trabalho deram frutos dos quais se conservaram 37 obras (GARCIA, 2015, p. 26-27). Tornou-se a primeira mulher a ser indicada poeta oficial da corte, tendo polemizado com outros escritores de renome na época, ao defender a igualdade entre os sexos. Ela defendeu a necessidade de se dar às meninas uma educação igual à dos meninos. (ALVES e PITANGUY, 1985, p. 18)

Do período medieval até 1789, ano inaugural da Revolução Francesa, passaram-se longos séculos de história. Através da Revolução Francesa, percebemos o forte protagonismo das mulheres e a defesa da igualdade de direitos civis e políticos (GARCIA, 2015, p.40). Nesse ínterim, o tema mulher jamais deixou de ser comentado. Na efervescência desse movimento, havia muito do desejo de homens e mulheres esclarecidos de se oporem com energia aos defensores de uma diferença natural entre os sexos. (ALAMBERT, 1986, p. 8).

Podemos enumerar vários casos de pessoas importantes que buscaram enfrentar e discutir a opressão feminina em várias regiões do mundo. Assim como enumera (Alambert, 1986, p. 8-9) Ann Hutchinson (1591-1643), foi uma das primeiras rebeldes que a história americana conhece, ela afirmava que o homem e a mulher foram criados iguais a Deus; o filósofo Condorcet, em seus projetos, discutia a restauração dos direitos das mulheres. Em seu artigo sobre “A Admissão da mulher nos Direitos da Cidade”, demonstrou que os homens violaram a igualdade de direitos, privando a plena igualdade política entre os sexos.

Ann Hutchinson, uma americana acusada por provocar uma insurreição, congregou em torno de si uma comunidade que se reunia pra ouvir suas pregações. (ALVES e PITANGUY, 1985, p. 30). Por manter reuniões em sua casa, exerceu um grande papel de liderança, além de contrariar as regras religiosas, pelo que foi condenada, em 1637, tendo sido banida dos Estados Unidos.

No século XVIII, na França revolucionária, as mulheres que participaram do processo revolucionário ao lado dos homens não viram as conquistas políticas estenderem-se a elas. É neste momento histórico que o feminismo adquire características de uma prática de ação política organizada. (ALVES e PITANGUY, 1985, p. 32).

Olympe de Gouges, escritora já conhecida na época, decepcionou-se ao perceber que o movimento revolucionário francês não incluía temas relacionados aos direitos das mulheres. De acordo com Alambert (1986), em 1791, Olympe de Gouges publicou “Os Direitos da Mulher e da Cidadã” e, indignada por não ter atendidas suas reivindicações, fundou o clube das tricoteiras (mulheres que assistiam aos debates da Assembleia tricotando). (ALVES e PITANGUY, 1985, p. 34).

Olympe de Gouges, em seu texto “Os Direitos da Mulher e da Cidadã”, afirma:

Diga-me quem te deu o direito soberano de oprimir o meu sexo? [...] Ele quer comandar como déspota sobre um sexo que recebeu todas as faculdades intelectuais. [...] Esta Revolução só se realizará quando todas as mulheres tiverem consciência do seu destino deplorável e dos direitos que elas perderam na sociedade.

A intenção da declaração era que as mulheres se tornassem conscientes de seus direitos, que eram negados, pedindo sua reintegração para que pudessem ser cidadãs para todos os efeitos. A mulher nascia livre e igual ao homem e possuía os mesmos direitos inalienáveis: a liberdade, a propriedade e o direito à resistência à opressão. (GARCIA, 2015, p.43)

Pelas suas ações, Olympe de Gouges pagou caro, tendo sido guilhotinada em 3 de novembro de 1793. Foi acusada de ter sido um homem de Estado, pois esqueceram as virtudes próprias a seu sexo.

O processo revolucionário francês ampliou a participação das mulheres na vida pública, as mulheres redigiram manifestos, mobilizaram-se em motins contra a carestia, participaram dos principais eventos da Revolução e formaram clubes políticos. (ALVES e PITANGUY, 1985, p. 34/35).

Por essas e outras ações, as mulheres estavam imbuídas da necessidade de reconhecimento dos direitos estendidos ao sexo feminino, à luta pelo reconhecimento da igualdade na vida política e civil em relação aos homens, tanto nos deveres como nos direitos.

Hoje, olhamos para trás e, examinando várias posições surgidas em defesa das mulheres, assim como o contexto histórico em que foram elaboradas, podemos dizer que todas elas, em geral, foram bastante avançadas para a sua época e, às vezes, até mesmo revolucionárias. (ALAMBERT, 1986, p. 13).

1.2 GÊNERO, O PÚBLICO E O PRIVADO

Durante muito tempo, a História silenciou, renegou as mulheres no discurso historiográfico, fazendo com que prevalecesse uma história da dominação do patriarcado e do androcentrismo, permitindo o enclausuramento das mulheres nos espaços privado e público.

De acordo com Priore (1992, p. 12), uma das primeiras análises sobre as mulheres, mesmo que moralista, foi do historiador francês Michelet, em 1859. No seu livro, “La Femme”, Michelet compreendia que as relações entre homens e mulheres eram moduladas pelo conflito entre mulher-natureza e o homem- cultura. Segundo Michelet, a mulher só teria papel benéfico neste processo se casada e cumpridora do papel de mãe e esposa, mas já fora dos padrões privados, ou ao usurpar o poder político, como faziam as adúlteras e as feiticeiras, razão pela qual elas tornavam-se um mal.

Duby (1990) foi um dos estudiosos que abordou os primeiros relatos sobre o que era a vida privada nos tempos feudais, analisando o papel social das mulheres na sociedade e suas ações nos espaços públicos e nos espaços privados.

Para compreender o espaço privado, é necessário entender o significado do verbo “privar”: Significa domar, domesticar, revela o sentido de extrair do domínio selvagem e transportar para o espaço familiar da casa e, de maneira geral, também conduz em torno de familiaridade, ideia de família, de casa, de interior. (DUBY, 1990, p. 19).

Ao contrário do poder privado, a ação do poder público é coagida pelas relações sociais de homens e mulheres. Mas o que é o Público? *É o que é comum, que é aberto.*

As fronteiras entre os espaços públicos e o privado nem sempre existiram (PERROT, 1998, p. 176). Elas são mutáveis e mudam ao longo do tempo, tendo sido o século XIX um divisor de águas nessa transformação de arquétipos tradicionais.

Para a autora Hannah Arendt, a ascensão da administração das tarefas domésticas, suas atividades, seus problemas e seus recursos organizacionais saíram

do interior do lar para a luz do espaço público. Dilui a antiga divisão entre o privado e o político e sua importância para os cidadãos(as). (ARENDDT, 2005, p. 47)

Segundo Arendt (2005, pp. 59-62), o termo público pode ser entendido por dois fenômenos correlatos, mas não perfeitamente idênticos:

A Esfera Pública significa, em primeiro lugar, que tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível.

Em segundo lugar, o termo “público” significa o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele. Conviver no mundo significa essencialmente ter um mundo de coisas interposto entre os que nele habitam em comum [...], o mundo ao mesmo tempo separa e estabelece uma relação entre os homens.

A esfera do público deveria prevalecer sobre a esfera privada. Por conseguinte, a esfera privada era totalmente destituída de qualquer importância na configuração da vida humana.

Foi justamente na esfera pública em Goiás, uma região fortemente marcada pelas classes oligárquicas, que Santa Dica foi ouvida e vista pelos seus seguidores, formando-se uma Comunidade, sendo necessária a ação da polícia para conter sua forte liderança.

No campo privado, ou melhor, “doméstico”, existe uma subestimação das experiências acumuladas há séculos pelas mulheres que desempenham as mais diversificadas tarefas. Nas suas casas, as mulheres são ao mesmo tempo as “ministras” do seu lar. (MARANHÃO, 2000, p. 19)

Para Okin (2008), a dicotomia entre “público/doméstico” sobre as desigualdades de gênero é resultados diretamente de práticas e teorias patriarcais do passado, que teve sérias consequências práticas, especialmente para as mulheres.

A divisão do trabalho entre os sexos tem sido fundamental para essa dicotomia desde seus princípios teóricos. Os homens são vistos como, sobretudo, ligados às ocupações da esfera da vida econômica e política e responsáveis por elas, enquanto as mulheres seriam responsáveis pelas ocupações da esfera privada da domesticidade e reprodução. As mulheres têm sido vistas como “naturalmente” inadequadas à esfera pública, dependentes dos homens e subordinados à família. (OKIN, 2008, pp. 307-308)

Em face disso, cabia às mulheres naturalmente sua presença no espaço doméstico. Em contraste com o que é público, o termo “privado”, em sua acepção

original significa “privação”, isto é, está privado é viver limitada, somente ao espaço da casa, do lar, esposas, mães.

Viver uma vida inteiramente privada significa, acima de tudo, ser destituído de coisas essenciais à vida verdadeiramente humana, ser privado(a) de realidade que advém do fato de ser visto e ouvido por outros, privado(a) de uma relação objetiva com eles decorrente do fato de ligar-se e separar-se deles mediante um mundo comum de coisas, e privado(a) da possibilidade de realizar algo mais permanente que a própria vida. A privação da “privatividade” reside na ausência de outros; para estes, a mulher privada não só se dá a conhecer, e, portanto é como se não existisse. (ARENDRT, 2005, p. 68)

Os homens do século XX tentaram, de fato, isolar a força crescente das mulheres, buscaram enclausurá-las ar em seus lares, excluindo-as dos espaços públicos. Santa Dica soube apossar-se dos espaços que lhes foram deixados ou confinados, para desenvolver sua influência e seu poder. Nem tudo que é público é masculino, ou o que é privado é feminino, A espacialização faz fortemente o seu papel No entanto, ela não comanda tudo (PERROT, 2005, p.269). O exercício do poder não se reduz evidentemente a uma geografia, mas, no sul do Goiás, Dica provocou mudanças de ordem estrutural em relação às questões de gênero.

Ao afirmar que o “pessoal é político”, esse discurso passa a ser pensado não apenas como uma bandeira de luta mobilizadora, mas como um questionamento profundo dos parâmetros conceituais do político. Entretanto, o conceito político que, até então fora identificado pela teoria política com o âmbito da esfera pública e das relações sociais que aí acontecem, passa a ser corrompido. (COSTA, 2005.p. 10)

Costa (2005, p 10) também afirma que:

O pessoal é político, o feminismo traz para o espaço da discussão política às questões até então vistas e tratadas como específicas do privado, quebrando a dicotomia público-privado, base de todo pensamento liberal sobre as especificidades da política e do poder político. Para o pensamento liberal, o conceito de público diz respeito ao Estado e às suas instituições, à economia e a tudo mais identificado com o político. Já o privado se relaciona com a vida doméstica, familiar e sexual, identificado com o pessoal, alheio à política.

A representação simbólica construída pelo imaginário entre as fronteiras do público e do privado coloca em evidência algumas ressalvas preliminares. Primeiramente, “nem todo o público é o político” e “nem todo o público é masculino”, No século XVIII, houve um grande crescimento da circulação da mulher nas ruas, crescimento que persistiu no século XIX. Por outro lado, “nem todo o privado é feminino”. (PERROT, 1998, p.180)

Para a autora, há um entrelaçamento entre a demarcação dos espaços público e privado, de modo que o espaço de um acaba sendo ocupado pelo espaço do outro. (PERROT, 1998, p. 180)

Na família, o poder principal continua a ser o do pai, de direito e de fato. Estudos políticos recentes chegaram a demonstrar que a penetração da ordem republicana nas aldeias veio acompanhada por um reforço do poder do pai, único cidadão integral, sobre a mulher e filhos. Na casa, coexistem lugares de representação (o salão burguês), espaços de trabalho masculinos (o escritório onde mulher e filhos só entram na ponta dos pés). A fronteira entre público e privado é variável, sinuosa e atravessa até mesmo o micro espaço doméstico.

Desde tempos passados, as mulheres enfrentam os desafios de disputar espaços nas clássicas instituições de poder. Desmascaram uma concepção majoritária da sociedade, que tenta provar ser sua condição biológica incompatível com o papel de liderança política, e que a feminilidade jamais se adaptaria à condição de comando (MARANHÃO, 2000, p. 19).

É justamente nesses dois campos conflituosos que, inicialmente, poderemos compreender a genealogia do poder público/privado entre homens e mulheres, nas relações sociais, culturais, políticas e sexuais. Portanto, as relações de poder confirmam as categorias público/privado são históricas, reafirmadas por uma ordem androcêntrica, sempre justificado pela “diferença sexual”. (SWAIM, 2010, p.40).

Essa diferença sexual rompe o véu historiográfico a partir do momento que as mulheres se tornaram, nas últimas décadas, objetos/sujeitos da historiografia, rompendo a invisibilidade e atuando nos processos discursivos acerca da sua presença na História.

A diferença entre os sexos é um espaço: um lugar onde se racionaliza a desigualdade para ultrapassar um lugar de realidade em que os acontecimentos modelam um lugar imaginário e imaginado que narram, cada qual à sua maneira, as imagens, os contos e os textos. (FARGE e DAVIS, 1991, p. 13-14)

O espaço público, equivalente à cidade, é um espaço sexuado em que homens e mulheres se encontram, se evitam ou se procuram, as relações entre homens e mulheres geram intrigas. O espaço, ao mesmo tempo que a regula, e a exprime, tornando-a visível. (PERROT, 1998, p. 08)

1.3 MOVIMENTOS DE MULHERES

Até pouco tempo atrás, história se escrevia com inicial maiúscula e no singular. Valendo-se de sua antiguidade e de sua capacidade de síntese e de racionalização de todas as dimensões do real, a história procurava, se não um sentido, pelo menos um sentido de duração. (DOSSE, 2003, p. 269)

Segundo Dosse (2003, p. 269), a escola dos Annales operou recentemente uma fragmentação da história, que se escreveremos, daqui em diante, no plural e com inicial minúscula. Não existe mais a história, mas as histórias.

A fragmentação da história foi bastante desmitificada, partindo de uma visão dos historiadores sociais, desde os anos 1970, os quais defenderam uma percepção do estudo da “história vista de Baixo”, buscando incluir os sujeitos, excluídos da história.

Já as feministas reivindicavam incisivamente muito mais do que a presença das mulheres nas grandes narrativas históricas. Ao lado de pós-estruturalistas como Jacques Derrida, radicalizaram a crítica, contestando a própria construção discursiva na qual os acontecimentos ganhavam sentido, recusando-se a entrar nos espaços previamente delimitados para as mulheres nas metanarrativas históricas e a representar os personagens estereotipados aí configurados. Ousadamente, reivindicaram histórias plurais, contadas também no feminismo. (RAGO, 2007, pp. 10-11)

Ao analisar qualquer estudo das obras de história em qualquer parte do mundo, veremos que, de um modo geral, as mulheres sempre estiveram ausentes e foram mal interpretadas nesses estudos históricos. Os historiadores sempre negaram as mulheres nas narrativas e seu papel desempenhado na história. Sem as mulheres, a história, como tem sido escrita em seu sentido mais amplo, fica incompleta e, inevitavelmente, incorreta. (HAHNER, 1981, p. 13)

As mulheres sempre lutaram pelos seus direitos que, por outro lado, sempre lhes foram negados, num mundo construído totalmente pela dominação masculina. Os movimentos feministas, além dos direitos políticos ao voto, também buscaram reivindicar direitos sociais, como educação, cidadania e igualdade, o que possibilitou transitar da esfera doméstica (privado) para o público, abrindo caminho para as discussões e debates sobre o mundo feminino.

Somente a partir da década de 1970 é que uma série de estudos, predominantemente feministas veio examinar o trabalho feminino, o trabalho doméstico e os tipos de articulações da mulher, entre o domínio público e o domínio privado. (DUBY, 1990, p.22).

Como assinala Perrot (2012, p. 15-16), a História começou a indagar: Quem são essas mulheres? O que querem? Aonde pretendem chegar? Elas não se contentaram em serem reconhecidas simplesmente no espaço da vida privada, queriam alcançar voos mais altos, desejavam ser vistas no espaço público. Desejavam que sua história fosse reconhecida na política, na guerra, no trabalho.

A maior dificuldade dos historiadores(as) de quebrar o silêncio e a invisibilidade sobre o passado das mulheres é a ausência de fontes produzidas por elas acerca dos espaços públicos. Os poucos objetos deixados como vestígios pelas mulheres referem-se ao espaço privado do universo feminino, e os registros de arquivos públicos sobre elas são concentrados nas representações através dos discursos dos relatos masculinos na história.

Destinadas à esfera privada as mulheres por largo tempo estiveram ausentes das atividades consideradas dignas de serem registradas para o conhecimento das gerações subsequentes. Fala-se das mulheres, sobretudo, quanto perturbam a ordem pública, destacando-se, nesse caso, os documentos policiais, aliados aos processos criminais. Constituem-se numa fonte privilegiada de acesso ao universo feminino dos segmentos populares, inclusive através dos seus próprios depoimentos. Também os jornais não devem ser esquecidos. (SOIHET, 1997, p.295)

Esse silêncio é quebrado a partir do momento que elas deixam de ser reprodutoras dos discursos masculinos e passam para a condição de agentes históricos, engendrando, com sua historicidade, novos objetos relativos às ações do cotidiano. (PERROT, 1995, p. 09)

Não se pode negar que surgiu na historiografia uma nova escrita com características peculiares que constituíram um campo específico de estudo identificado como “História da Mulher”, “História das Mulheres”, “Estudos das Mulheres” e/ou “Estudos das Relações de Gênero”. (MUNIZ, 2010, p. 66)

Acerca da invisibilidade das mulheres, torna-se necessário preencher estas lacunas e redefinir suas especificidades, tornando-as capazes de construir sua própria história. Essa história começa com o desenvolvimento de novos campos temáticos,

tais como a história das mentalidades e a história cultural, campos do conhecimento que vieram reconhecer o avanço do feminismo. Esses estudos apoiam-se em outras áreas de conhecimento, tais como a literatura, a linguística, a psicanálise e, principalmente, a antropologia (SOIHET, 1997, p. 276).

Durante muito tempo, as mulheres estavam fora da visibilidade histórica, mas podemos observar, através das narrativas e fontes históricas, que elas já começavam a lançar suas vozes. O feminismo surgiu nas décadas de 1960 e 1970, nos Estados Unidos e na Europa, em um contexto de efervescência política e cultural. (PINTO, 2003).

Para Michelle Perrot (2012), o feminismo é plural. Neste sentido, nas últimas décadas na França, foram elaborados numerosos trabalhos sobre o feminismo que já disponibilizavam, para a autora, considerável bibliografia, embora haja uma indagação em relação à 'paternidade' da palavra "feminismo". O feminismo age em movimentos súbitos, em ondas. É intermitente, sincopado, mas ressurgiu, porque não se baseia em organizações estáveis capazes de capitalizá-lo. É um movimento e não um partido político. (PERROT, 2012, p.154)

A partir dos impulsos dos debates nos anos de 1960 e 1970, no campo das ciências humanas, ocorreu uma efetividade e necessidade de uma história-problema, viabilizada pela abertura da disciplina às temáticas e métodos das demais ciências humanas, num processo de alargamento de objetos e aperfeiçoamento metodológico. A interdisciplinaridade serviria, desde então, como base para a formulação de novos problemas, métodos e abordagens da pesquisa histórica, (CASTRO, 1997, p. 45-46).

O movimento feminista se reafirmou como movimento social em prol da luta da emancipação. Em diferentes espaços e conjunturas, as mulheres articuladas pelo feminismo entram em cena com suas bandeiras, denúncias, alianças, trajetórias, ações e estratégias. (SILVA, 2007).

A importância da emergência do movimento feminista na América Latina data da década de 1970, quando grupos de mulheres se reuniram para discutir a situação de opressão e submissão em um mundo patriarcal.

A partir da década de 1970, iniciaram-se as primeiras discussões, investigações sobre o feminismo, quando surgiram os pequenos grupos de mulheres em quase todos os países da América Latina, Caribe e Brasil.

Assim como no Brasil, nos países da América Latina e Caribe, não foi nada fácil entender o lugar das mulheres na sociedade e suas conquistas, pois este era marcado pela forte opressão masculina. Assim, quase não havia fontes, documentos ou dados sobre a participação das mulheres na história.

La dificultad -al menos personal- para hacer este trabajo, fue la de escribir desde el margen, con bibliografía escasa y dispersa, y desde la novedad de la problemática en el campo académico. Pero hay otra dificultad que pertenece al orden del saber feminista: se trata de literatura urgente, de esa escrita al calor de la coyuntura.

Parte importante de los discursos feministas son manifiestos, testimonios, revistas. (CIRIZA, 1994, pp 41-42)

No Brasil, são marcantes as vidas de muitas mulheres que se destacaram na luta pelos direitos políticos, mediante a participação no processo eleitoral. Também foi expressiva a luta de Bertha Lutz, que, em 1921, liderou campanha, no Brasil, pelo voto feminino, definitivamente conquistado em 1932; a advogada Myrthes de Campos, primeira mulher aceita na Ordem dos Advogados; Carlota Pereira Queiroz, médica, a primeira representante feminina no Congresso Nacional, sendo seguida por Bertha Lutz, a segunda a ocupar uma cadeira na Câmara Federal. A pediatra Zilda Arns, que é outra mulher notável, alcançou reconhecimento nacional por seu trabalho no combate à desnutrição e à mortalidade infantil. (MATOS, 2009, p. 10).

Ao lado dessas mulheres, há um sem número de outras, em muitos campos de atividade, sendo que inúmeras pesquisas historiográficas, na década de 1980, partiam da categoria “mulheres”. Nessa trilha, muitas pesquisadoras e pesquisadores têm procurado destacar as vivências comuns, os trabalhos, as lutas, as sobrevivências, as resistências das mulheres no passado. A fragmentação de uma ideia universal de mulheres por classe, raça, etnia, geração e sexualidade associava-se a diferentes políticas sérias no seio do movimento feministas. Assim, de uma postura inicial em que se acreditava na possível identidade única entre as mulheres passou-se a outra, em que se firmou a certeza na existência de múltiplas identidades: mulheres negras, índias, mestiças, pobre, trabalhadoras. (SOIHET; PEDRO, 2007, p. 286).

Na década de 1920, em meio às transformações que agitavam o país, entre as quais as lutas feministas em prol do direito do voto pleno da mulher, à educação, ao trabalho e ao voto, algumas mulheres anônimas atuavam isoladamente nos

interstícios do sistema, tomando decisões ousadas (SOIHET, 1989, p. 212), contrariando um sistema plenamente masculino.

Atuando isoladamente nesses interstícios do sistema em Lagolândia, aparece santa Dica, nos primeiros anos da década de 1920 como curandeira, transformando-se em alvo de admiração dos sertanejos ou mesmo dos litorâneos. (VASCONCELLOS, 2013, p. 118)

Em muitos momentos da história, as mulheres sempre foram vistas como seres inferiores, um “produto de cama e mesa” e, embora tivessem sido musas inspiradoras de vários homens, foram escravas, rainhas, prostitutas. Sabia-se sim que elas tinham um corpo feito para a sedução e, principalmente, um útero. (MATOS, 2009, p. 10)

Fala-se muito sobre o a invisibilidade das mulheres no discurso historiográfico e, devido a essa ausência na historiografia, buscou-se encontrar um lugar de inclusão para falar de suas práticas no presente, relacionadas aos movimentos feministas e pontuadas em várias disciplinas de ciências humanas.

Por isso, as mulheres, durante muitos anos, foram deixadas na obscuridade na história. O desenvolvimento da antropologia e a ênfase dada à família, a afirmação da história das mentalidades, mais atenta ao cotidiano, ao privado e ao individual, o próprio movimento de mulheres e suas interrogações contribuíram para que saíssem dessa sombra do passado. (DUBY, 2009, p.7).

A submissão das mulheres, a qual, durante muito tempo, foi imposta pelo masculino, nos faz crer que essa imposição de dominação estava diretamente relacionada com a relação histórica, cultural e linguisticamente construída, sempre afirmada como uma diferença de natureza, radical, irreduzível e universal. (CHARTIER, 1995, p. 42).

Esse sempre foi o discurso legitimado e fundamentado no cotidiano e na fala, inscrito na diferença sexual, a Revolução Industrial contribui para a divisão dos sexos nas relações de trabalho, ampliando cada vez mais o poço das desigualdades entre masculino/feminino – enraizando numa diferença de natureza a oposição entre atividade doméstica e atividade assalariada entre função reprodutora e trabalho produtivo, entre o lar e a fábrica. (CHARTIER, 1995, p. 42).

Veyne (1982) chama nossa atenção para o novo discurso, a partir das práticas da História Tradicional sobre a observação preconceituosa a respeito das mulheres na historiografia. Para Foucault, era preciso buscar a parte oculta do iceberg. A parte oculta desse iceberg partia da subjetividade dos dados objetivo, feitos pelo historiador diante de uma infinidade de temas.

Vocês podem continuar a explicar a história como sempre o fizeram: somente, atenção: se observarem com exatidão, despojando os esboços, verificarão que existem mais coisas que devem ser explicadas do que vocês pensavam; existem contornos bizarros que não eram percebidos. (VEYNE, 1982, p. 252)

A partir dessas novas percepções de temas, o conceito de mentalidade provoca e/ou implica numa extraordinária dilatação do território do historiador. (ARIÉS, 2005, p. 227).

De fato, desde o fim da década de 1960, esse território estendeu-se a tudo o que é perceptível pelo observador social, sem exceção. Ampliação da história além de suas antigas margens e, ao mesmo tempo, retorno a seu antigo domínio, que se imaginava bem explorado: o historiador relê hoje os documentos utilizados por seus predecessores, mas com um novo olhar e outro gabarito.

A “Nouvelle Historie”, na década de 1970, foi, sem dúvida, o arcabouço que favoreceu a expansão da Antropologia Histórica, colocando em debate o papel da família e da sexualidade e a História das Mentalidades seria voltada para as pesquisas sobre o popular, que inauguraram uma conjuntura mais aberta para ouvir falar a mulher. (PRIORE, 1992, pp. 12-13)

Ainda conforme (PRIORE, 1992, p. 12-13), havia duas preocupações acerca da produção que ora se iniciava:

Fazer emergir a mulher no cenário de uma história pouco preocupada com as diferenças sexuais;
Demonstrar a exploração, a opressão e a dominação que vitimavam as mulheres.

A “Nouvelle Historie” contribuiu para contemplar a valorização de novos personagens e sujeitos anônimos, fragmentados no lugar das “narrativas dos grandes personagens”, não apenas para a superação de vários impasses que atormentavam os historiadores das mulheres, como ocorreu para a renovação dessa área do conhecimento. (GONÇALVES, 2006. p. 61).

Entretanto, essa renovação passou pela grande maioria dos historiadores (as) da história das mulheres, que têm buscado, de alguma forma, incluir “as mulheres” como objeto de estudo, da história, rompendo a ideia do ser humano universal, incluindo as mulheres e evidenciando interpretações sobre as várias ações e experiências das mulheres no passado. (SCOTT, 1992, p. 77).

A partir de um novo ponto de vista da história das mulheres, que buscam serem reconhecidas na sociedade, as mulheres se constituem em grupos de mobilizações que lutam em causas femininas. O conjunto dessas ações une categorias sociais, que criam sujeitos, que produzem movimentos sociais. (GOHN, 2007. p.45).

1.4 MOVIMENTOS SOCIAIS COMO PRINCÍPIOS DO FEMINISMO

A sociedade civil é o espaço onde surgem e se desenvolvem os conflitos econômicos, sociais, ideológicos e religiosos. (LIMA, 2008, p. 04). Aqui importam os movimentos sociais que surgiram a partir do século XIX, como expansão da atividade política, defendendo interesses próprios, com o intuito de provocar mudanças institucionais⁷.

O movimento feminista no Brasil e na América Latina emergiu como um fenômeno moderno e de massas, a partir de movimentos sociais urbanos associadas às crises econômicas e políticas, com a emergência da mulher no mercado de trabalho e o cenário do desenvolvimento industrial do capitalismo.

A partir desse cenário nos anos 1980 e 1990, a luta pela redemocratização política e pelos direitos civis, as mulheres iriam se organizar em diferentes instituições de camadas populares, mobilizadas em associações de bairros de amigos e

⁷ Entretanto, a história antiga encontra-se marcada por afinidades de movimentos sociais. Exemplos emblemáticos são as revoltas dos escravos espartíacos, as Cruzadas e as diversas guerras religiosas em Roma, as guerras campestres na Alemanha do século XVI, os conflitos étnico-raciais por todo o continente europeu. Além desses, é digno de nota o movimento de mulheres que, em virtude do contexto histórico social no qual estava inserido e das ideias revolucionárias que trazia em seu bojo, acabou de desencadear uma verdadeira perseguição às participantes. (LIMA, 2008)

moradores, iniciando a luta por uma identidade feminina, e associando os temas feministas às questões urbanas e políticas e sociais. (ABREU, 2001, p.42).

Não há uma data precisa do início dos movimentos sociais, mas sabemos que as ações humanas e suas relações em sociedade possibilitam acreditar que suas origens remontam aos primórdios da civilização.

Os movimentos sociais ganharam força a partir do século XX, final da década de 1960, mais precisamente com o movimento de 1968, na França, quando os movimentos sociais deixaram de ser contemplados como organização e ação dos trabalhadores em sindicatos para dar destaque aos chamados *novos* movimentos sociais. Com isso, qualquer discussão travada sobre movimentos sociais recai na formulação de um conceito, pois, apesar de todo desenvolvimento alcançado pelos pesquisadores para traçar uma definição, não há consenso entre os estudiosos do tema. (LIMA, 2008, p. 08),

Rompendo a questão somente das reivindicações operárias, os movimentos sociais iniciaram uma (re) definição do conceito, a partir do qual demarcaremos nosso entendimento sobre alguns conceitos de movimentos sociais.

É inegável o papel de luta das mulheres em países da América Latina. Há várias décadas, as mulheres tornaram-se protagonistas em muitas lutas sociais e concentradas na grande capacidade de autoorganização coletiva.

De acordo com Mérola (1985, p.112):

Ela postula el feminismo como movimiento social y no como ideologia, um movimiento de rebelión “contra um orden no natural, portanto, modificable”. También afirma que el feminismo debe ser una ciencia com concepción materialista.

O papel dos movimentos sociais produziu nas mulheres latinas uma conscientização política que veio a desaguar na ideologia da luta constante contra opressão e subordinação feminina.

Ainda segundo Mérola (1985) as mulheres latinas estavam muito mais condicionadas à situação de opressão e injustiça do que as mulheres europeias e

norte-americanas. Assim, a atuação dos movimentos feministas foi decisiva para mudanças significativas⁸.

Através da organização dos movimentos sociais, os movimentos feministas da América Latina começaram a definir propostas de reivindicação de luta contra a subordinação e coisificação do objeto mulher, procurando desenvolver um sistema histórico-social de institucionalização das políticas de gênero na América Latina.

Através das lutas contra a subordinação e coisificação, desenvolveu-se uma política de inclusão de novos atores sociais (GOHN, 2003. p. 13):

Vemos como ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas. Na ação concreta, essas formas adotam diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações etc.), até as pressões indiretas.

Os movimentos sociais representam forças sociais aglutinadas por pessoas ou grupos que lutam por uma identidade e afirmação sociocultural, enfrentando as adversidades da exclusão.

No Brasil e em grande parte dos países da América Latina, no final da década de 1970 e início dos anos 1980, os movimentos sociais articularam-se em lutas contra o regime militar.

A subordinação feminina na sociedade manifestou-se como uma forma antiga, milenar e universal, compreendendo como a primeira forma de opressão dos sexos na humanidade.

Evidentemente, não foi apenas a Europa que se viu palco de convulsões sociais. Na Ásia, no mundo Árabe, na África e também na América Latina, muitos

⁸ Las mujeres comenzaron a cuestionar la situación intolerable que vivían como seres humanos, sometidos a la cosificación de una sociedad de consumo, que las rebajaba a la calidad de objeto sexual. Esta protesta permeó, en pocos años los medios de comunicación, partidos políticos y otras instituciones, y prácticamente casi todos los centros de educación superior, que vieron revitalizadas nuevas áreas de estudio e investigación. El movimiento feminista en estos países ha sido tomado en cuenta con toda la seriedad que merece uno de los movimientos sociales más originales de este siglo. (MERÓLA, 1985. p. 113).

movimentos têm sido os agentes de resistência e transformação social ao longo da história. (LIMA, 2008).

É importante ressaltar que os movimentos sociais passaram ser um dos fenômenos mais estudados das Ciências Sociais entre meados das décadas de 1970 até 1990. Evidente que hoje o cenário é muito diferente do cenário da década de 1960, quando iniciaram as primeiras reivindicações norte-americanas como a cruzada pelos direitos civis dos negros e o movimento feminista.

Pensar movimento social é imaginar uma sociedade que passa a fomentar um papel de mudança, na busca por reivindicação, melhoria e visibilidade na sociedade.

Neste contexto, também a opressão e a subordinação da mulher passam a ser contestadas a partir do surgimento de uma consciência crítica 'feminista' (SARDENBERG; COSTA, 1994, p. 81). Partindo dessa consciência, notamos o crescimento de movimentos de emancipação e libertação da mulher.

A década de 1970, nas Ciências Sociais, foi um período de ruptura epistemológica provocada por novas ideias surgidas no seio do movimento feminista impregnadas de temas políticos, como gênero, patriarcado e androginia. (ARRUDA, 2000, p. 113).

A partir dessa década, com a mudança de novos paradigmas, criou-se um interesse crescente pelo estudo das desigualdades de sexos, que trouxe um novo olhar, desestabilizando abordagens anteriores.

Ainda segundo Arruda (2000, p, 113):

É efetivamente no limiar da década de 70 e durante o seu decorrer que a política com P maiúsculo é posta em causa, ampliando seu sentido, passando a abrigar domínios variados. O movimento feminista foi sem dúvida um dos responsáveis pela politização da vida privada, ao desvendar as relações de poder embutidas no convívio entre homens e mulheres, na família, na cama, além da esfera pública em geral.

A década de 1970 rompeu os velhos paradigmas com a chamada crise da modernidade. As transformações decorrentes da globalização e as novas tecnologias fomentaram o reconhecimento de novos atores paradigmáticos, levando uma rediscussão dos paradigmas explicativos da realidade e uma produção de uma crítica científica do último século. (GOHN, 2007, p, 41).

A crítica da modernidade fez surgir nos movimentos sociais dos últimos tempos uma nova transformação sobre a importância do papel das mulheres e suas conquistas.

Uma transformação importante é o novo papel das mulheres nesses movimentos sociais dos quais elas constituem a maioria dos participantes ativos, levando temas culturais e sociais, um apelo em prol da contracepção e da liberdade de abortar sua expressão mais consciente e organizada. (TOURAINÉ, 1994, p. 261)

Nesse contexto, as discussões teóricas de outras racionalidades têm pautado os debates acerca da crise da modernidade, trazendo à tona outras dimensões sobre os novos movimentos sociais que dialogam com questões de gênero, feminismo, orientação sexual, trabalhador rural etc.

Os movimentos sociais são dinâmicos e constantemente são abarcados com novos paradigmas, de acordo com as reivindicações das classes sociais, como é demonstrado (ABREU, 2001) em suas perspectivas:

a) os movimentos sociais são dotados de uma estrutura participativa em consequência de seu próprio objeto e experiência de organização e luta;

b) os movimentos sociais têm sua própria temporalidade, em grande medida definida por sua ação diante do sistema de relações históricas;

c) os movimentos sociais desenvolvem-se de forma multilateral heterogênea no espaço, em decorrência do desenvolvimento desigual da consciência, da organização e da economia de uma localidade. Essa particularidade faz com que os movimentos tenham características e significados distintos em cada região determinada;

d) os movimentos sociais exercem efeitos sociais específicos sobre as relações sociais e sobre a sociedade, não somente como produto da ação do sujeito, mas também como produto de um campo de conflito em que os atores envolvidos na ação modificam-se a si mesmos através da interação recíproca e compartilhada para atingir uma meta.

O movimento feminista é, nestes termos, um movimento coletivo que podemos considerar como movimento social, pois possui uma estrutura que passa a organizar diferentes formas de mobilização e participação feminina na defesa pelo direito das mulheres. Essa luta, a defesa do direito, assume especificidades que variam no tempo e no espaço, dependendo das questões culturais, do

desenvolvimento das relações capitalistas de produção ou das conquistas do próprio movimento feminista que determinam a elaboração de novos projetos. (ABREU, 2002, p. 30)

Os movimentos sociais, especialmente das mulheres, em sua concepção mais ampla, resgataram e deram significado à fala das mulheres no espaço da sociedade pela exclusão destas das benesses da cidadania .

O cotidiano das mulheres se entrelaçava entre o espaço público e o espaço privado. O feminismo construiu um contra discurso do poder a partir das falas e desses lugares, com base nas vivências femininas marcadas pelas relações de classe, de geração e de gênero. (RIBEIRO, 2011, p.16).

Portanto o avanço do movimento feminista da luta e pela igualdade jurídica mais ampla e justa da vida social e individual da mulher fez e faz parte da evolução do pensamento político e social contemporâneo (RIBEIRO, 2011, p.17), desenvolvendo, assim, o enriquecimento da percepção do ser humano em sua totalidade.

1.5 O FEMINISMO NA AMÉRICA LATINA E NO BRASIL

É importante ressaltar que, ao longo da história da sociedade ocidental, as mulheres sempre foram vítimas da legitimação do discurso da desigualdade entre homens e mulheres, legitimado pela mitologia, religião judaico- cristã, ciência e filosofia. (GARCIA, 2015, p. 12).

Os primeiros vestígios do feminismo como movimento político remontam o ano de 1789 com o advento da Revolução Francesa. O direito de cidadania era reivindicado pelas mulheres francesas que buscavam maior reconhecimento dos direitos políticos.

O surgimento do feminismo eclodiu mais fortemente nas décadas de 1960 e 1970 nos Estados Unidos e na Europa que estava relacionada estreitamente ao movimento de efervescência cultural e política que aquelas regiões experimentavam, formando um caldo de cultura propício para o surgimento de movimentos sociais. (PINTO, 2003. p. 41)

Diferente do cenário da Europa e dos Estados Unidos, onde inseriam cenários de agitações políticas, revolução de costumes e revolução cultural, no Brasil o cenário era completamente outro, vivíamos um clima de ditadura militar. Apesar dessa conjuntura, na virada para a década de 1970, surgiu e desenvolveu, no Brasil e na Europa, o movimento feminista. (PINTO, 2003.p 43).

É importante destacar que o feminismo é um movimento social de emancipação que tem uma longa história de lutas e vitórias, e que tornou-se capaz, através do seu discurso, de impugnar, criticar, desestabilizar e mudar essa relação injusta de dominação entre homens e mulheres.

A trajetória dos estudos feministas brasileiro foi acompanhada por novas discussões teóricas que incidiram diretamente na realidade, desencadeando mudanças sociais e políticas. Destacamos dois aspectos:

a) questionamento da produção de conhecimento centrada na razão humana masculina.

b) pluralização e diversificação do olhar para os diversos campos disciplinares, como a experiência humana cotidiana. (DUMARESQ, 2010. p.28)

Para Garcia (2015), o feminismo está sempre se renovando em suas acepções como movimento social que aborda novas tendências. Nos últimos anos, vários trabalhos feministas apareceram, e ainda irão florescer, com novos conceitos e novas interpretações. O campo está aberto para novos textos e contribuições das feministas que analisam e rastreiam nomes, ações, histórias, e desnudar o oculto de fontes ainda desconhecidas.

O feminismo iniciou uma onda de transformações, desestabilizou velhas estruturas e abriu caminho para derrubar antigas teses sobre a inferioridade das mulheres em relação ao homem.

O determinismo biológico, o determinismo econômico, os dogmas religiosos. Pronunciou-se contra a opressão do sexo. Preconizou a busca da autoconsciência em relação ao funcionamento do próprio corpo, já que entendiam como um lócus de dominação de gênero, e, portanto, de resistência e rebeldia. Proclamou como princípio um movimento de afirmação com enorme potencial e revolucionário: “nosso corpo nos pertence”. Criticou e recusou a hierarquia, a centralização e a verticalização do poder na prática social e política. Construiu o ideário de autonomia como forma de manter seus próprios caminhos de compreensão, formulação e condução de suas

lutas. Desnudou o poder, revelando-o em suas formas não reconhecidas, e assim chegou à outro slogan com força revolucionária: “o privado também é político”. (RIBEIRO, 2011, p. 17)

Para as feministas, se a política expressa poder, então se baseia em função ou em relação a alguém. Conclui-se, desta forma, que a política é uma luta de combate, ora para viabilizar, ora para implementar, ora para impor determinada ideologia ou mentalidade. (RIBEIRO, 2011, 17).

O feminismo brasileiro, assim como o mundial, de fato mudou, e não mudou, somente em relação àquele movimento sufragista, emancipacionista do século XIX, mudou também nas décadas de 1960, 1970, 1980 e, até mesmo, na década de 1990 (COSTA, 2009, p.51).

É notável perceber essa mudança cotidiana e, a cada enfrentamento, a cada conquista, a cada nova demanda, numa dinâmica impossível de ser acompanhada por quem não vivencia suas entranhas. No movimento feminista, a dialética viaja na velocidade da luz. (COSTA, 2009, pp.51-52)

O século XX foi o século revolucionário das mulheres, quando estas foram em busca do seu espaço e sua visibilidade. No Brasil, a historiografia sobre as mulheres vem nos mostrando o papel feminino desde a colônia, até os dias atuais e, gradativamente, as mulheres vêm conquistando seu espaço e sua importância marcada por uma sociedade masculina.

Conforme Alves e Pitanguy (1985, p. 7), é difícil estabelecer uma definição precisa do que venha ser exatamente “feminismo”. Trata-se de um termo extremamente flexível, uma vez que compreende todo um processo de transformação. Existem vários conceitos sobre esse termo, o que torna difícil conceituá-lo. Cada autor(a), desta forma, ressalta e/ou enfatiza alguma característica em especial na sua conceitualização. Entretanto, para as referidas autoras, são vários os conceitos sobre feminismo:

O feminismo ressurgiu num momento histórico em que outros movimentos de libertação denunciavam a existência de formas de opressão que não se limitam ao econômico. Saindo de seu isolamento, rompendo seu silêncio, movimentos negros, de minorias étnicas,

ecologistas, homossexuais, se organizam em torno de sua especificidade e se completam na busca da sua superação das desigualdades sociais (ALVES E PINTAGUY, 1985, p.7).

Segundo as mesmas autoras:

O feminismo busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades “femininas” ou “masculinas” sejam atributos do ser humano em sua globalidade (ALVES E PINTAGUY, 1985, p.9).

O feminismo é entendido como um movimento social em prol dos direitos das mulheres, surgido no bojo dos movimentos sociais nas décadas de 1960 e 1970, e que buscaram reivindicar e protestar contra a institucionalização das esferas do poder. (ZIRBEL, 2007, p. 17)

Conforme Garcia (1997, p. 13): o feminismo pode ser definido como uma tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração.

O feminismo pode ser definido como uma tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fazes históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim.

Percebe-se, dessa forma, uma heterogeneidade na literatura do feminismo, na busca de um reconhecimento da igualdade de direitos entre os homens e contra o fim da opressão masculina numa sociedade formada culturalmente pelo modelo do patriarcado. Mas entendemos que todas as ponderações dizem respeito ao fato de não existir uma homogeneidade no discurso feminista.

Já Soares (1998, p. 33) utiliza o conceito de feminismo partindo do princípio de que seja a ação política das mulheres, englobando teoria, prática, ética e tomando as mulheres como sujeitos históricos da transformação de sua própria condição social. A autora ainda propõe que as mulheres partam para transformar a si mesmas e ao mundo.

O movimento feminista busca romper o espaço privado, a fim de abrir caminho para a uma discussão dos limites políticos, ao afirmar que o “pessoal é político”. Com essa afirmação, autoras Gonçalves e Pinto (2011, p. 32) enfatizaram que a opressão das mulheres é decorrente de sistemas múltiplos de dominação masculina, e que esse ideário feminista foi se disseminando, sobretudo nas camadas médias intelectualizadas no Brasil.

As feministas têm denunciados os privilégios da experiência masculina, enquanto a experiência feminina tem sido renegada, desqualificada e negligenciada. Elas demonstram, ainda, que o poder foi e continua sendo predominantemente masculino.

O movimento feminista contemporâneo, reflexo das transformações do feminismo original - predominantemente intelectual branco e de classe média, configura-se como um discurso múltiplo e de variadas tendências, embora com bases comuns. Ainda segundo as autoras, as feministas destacam que a opressão de gênero, de etnia e de classe social perpassa as mais variadas sociedades ao longo dos tempos. (NARVAZ e KOLLER, 2006, p. 648)

Para a filósofa Amelia Valcárcel (2003, p. 3), o feminismo é definido assim:

O Feminismo é a tradição política da modernidade, igualitária e democrática, que mantém que nenhum indivíduo da espécie humana deve ser excluído de nenhum bem e de nenhum direito devido ao seu sexo. Feminismo é pensar normativamente como se o sexo não existisse. Portanto o feminismo não é um machismo ao contrário, mas algo muito diferente: uma das tradições políticas fortes igualitárias da modernidade, provavelmente a mais difícil também, posto que se opõe à hierarquia mais ancestral de todas. Mesmo quando todas as hierarquias são questionadas, a hierarquia entre os homens e as mulheres manteve-se. Mas, como o feminismo se opõe ao uso do sexo como medida, opõe-se aos abusos em função do sexo: não é um machismo ao contrário, mas é absolutamente contrário ao machismo. A verdadeira razão de ser do machismo é a própria hierarquia sexual, não algumas das suas indesejáveis consequências.

O movimento feminista tem como interesse central a igualdade de direitos entre homens e mulheres, questionando a submissão a que as mulheres são submetidas. Podemos notar que existem várias gerações ou várias fases conhecidas do feminismo, dentre elas citaremos o que se denominou “ondas do feminismo”, a exemplo da primeira, segunda e terceira onda na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina.

O feminismo latino americano transformou-se em num campo teórico e reflexivo que fomentou uma discussão crítica, desconstruindo as estruturas e ideologias de dominação e reprodução em diferentes campos sociais, abrindo espaço para temas que antes não eram discutidos em espaços públicos⁹.

Os estudos das mulheres na América Latina variam das especificidades e situação de cada país. Os primeiros vestígios da temática feminina remontam à década de 1960, quando se estabeleceram as primeiras investigações e os programas acadêmicos sobre a discriminação de mulheres.

1.5.1 O Feminismo de Primeira Onda e Suas Repercussões no Brasil

O feminismo de primeira onda marca o desenvolvimento do feminismo liberal, juntamente com o capitalismo industrial, formado nos séculos XVII e XVIII, na Inglaterra e na França pela luta da igualdade dos direitos políticos, civis e educativos, que eram reservados somente aos homens.

Ainda no feminismo de primeira onda, o movimento sufragista (iniciado na Inglaterra, França, nos Estados Unidos) teve um papel fundamental na conquista pelos direitos políticos. As 'sufragetes', como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome. (PINTO, 2012, p. 270)

O objetivo do feminismo *de primeira onda* era a luta contra a discriminação s mulheres e a garantia de direitos, inclusive o voto. Novas experiências cotidianas entraram em conflito com o padrão tradicional de valores nas relações familiares, sobretudo o autoritário e o patriarcado. (SARTI, 2004, p. 39)

E foi sobretudo na luta contra o patriarcado¹⁰ que o papel de Santa Dica ganhou destaque na primeira metade do século XX. Trata-se de uma mulher que

⁹ [...] planificación familiar, aborto, violencia doméstica, etc, ensanchando de este modo el ámbito de La política, levándola de lo cotidiano y personal e impulsando su transformación. La interpretación, teoría y praxis feminista operan como una garantía de radicalidad em la gestacion de alternativas y em la construcción de um proyecto político. (CAROSIO, 2012, p. 13)

¹⁰ Pela teoria política feminista, patriarcado se refere à sujeição da mulher, e singulariza a forma de direito político que todos os homens exercem pelo fato de serem homens. (PATERMAN, 1993, *Apud* SAFFIOTI, 2015, p. 58)

lutou pelo desenvolvimento de uma comunidade para que usasse as terras de forma coletiva, rompendo valores pautados na misogina.

Entretanto Santa Dica encontrou grandes dificuldades, pois, em torno de sua liderança e imagem, se construiu um estereótipo de marginalização por parte de instâncias como a Igreja, a Imprensa e o Estado.

A história de santa Dica e sua comunidade tem o sabor, comum a muitas outras, das histórias construídas por personagens relegados(as) às margens e frequentemente tomados como objetos e não como sujeitos de suas tramas. Ela é feita de lacunas, incertezas e imprecisões que jamais serão resolvidas e que passarão pelo tempo cercadas de mistérios, alimentando, simultaneamente, a curiosidade e a desconfiança frente ao passado. Da própria comunidade poucos foram os registros que ficaram, fotos, depoimentos de um processo maquiavélico montado para condená-la. (BRITO, 2001, p. 68)

Como vimos acima, a liderança de Santa Dica em Lagolândia foi uma voz solitária que se rebelou contra o sistema vigente da época. Compreendemos que o feminismo daquele período esteve intimamente associado a personalidades. Sua liderança rompeu com os papéis para ela socialmente estabelecidos e se colocou no mundo público e na defesa do direito de viver de forma coletiva, extraindo da terra a alimentação para a sobrevivência da comunidade.

No contexto maior dos movimentos sociais de mulheres, a partir dos anos de 1920, a luta sufragista se ampliou, em muitos países latinos americanos, sob o comando de mulheres de classe alta e média, as quais, com uma ação direta, conquistaram o direito de voto ao poder legislativo. O Equador foi o primeiro país sul americano a conquistar o voto feminino em 1929, o que aconteceu no Uruguai e no Brasil em 1932. (COSTA, 2005, p.12)

No Brasil, já no século XIX, apareceram mulheres que lutaram pelo direito ao voto, porém, de forma individual, solicitando seu alistamento como eleitoras e candidatas. (PINTO, 2003, p. 15). A primeira mulher a requerer o direito de se alistar foi a dentista gaúcha Isabel de Sousa Matos em 1881, com base numa lei que facultava o voto aos portadores de títulos científicos. (PINTO, 2012)

As primeiras sufragetes brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, que foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), cuja organização lutava pela conquista do voto. (PINTO, 2012, p. 270).

A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF)¹¹ também lutava por outros objetivos, segundo (TELES, 1999, p. 44):

Promover a educação da mulher e elevar o nível de instrução feminina; proteger as mães e a infância, obter garantias legislativas e práticas para o trabalho feminino, auxiliar as boas iniciativas da mulher e orientá-la na escolha de uma profissão, estimular o espírito de sociabilidade e cooperação entre as mulheres e interessa-las pelas questões sociais e de alcance público, assegurar à mulher direitos políticos e preparação para o exercício inteligente desses direitos.

Ainda conforme Sarti (2004, p. 40), os grupos feministas, tendo a origem social de suas militantes nas camadas médias e intelectualizadas, em sua perspectiva de transformar a sociedade como um todo, atuaram articulados às demandas femininas das organizações de bairro, que se tornaram próprias do movimento geral das mulheres brasileiras.

Em suma, se a luta das mulheres cultas e das classes dominantes se estruturava a partir da luta pelo voto, não era tão somente porque esta se colocava como a luta do momento nos países centrais, mas também porque encontrava respaldo entre os membros dessa elite e conseguia respeitabilidade até na conservadora classe política brasileira. Era, portanto, um feminismo bem-comportado, na medida em que agia no limite da pressão intraclasse, não buscando agregar nenhum tipo de tema que pudesse pôr em xeque as bases da organização das relações patriarcais. (PINTO, 2003, p. 26)

Algumas mulheres tiveram grande destaque na luta, em seus Estados, pelo voto, que foi incorporado em 1932, através do decreto nº 21176 de 24 de fevereiro e, posteriormente, incorporado na Constituição de 1934.

Enquanto era instituído o direito de votar das mulheres na Constituição de 1934, em Lagolândia, sob liderança e influência de Santa Dica, Mário Mendes, seu primeiro marido, foi eleito para o Executivo Municipal de Pirenópolis.

Em suma, compreendemos que, já naquele momento, a questão de gênero era como um aspecto organizador de um dos elementos estruturantes das desigualdades presentes nas relações entre Santa Dica e uma tradição política altamente misógina no município de Pirenópolis.

¹¹ A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) foi uma importante e conhecida organização em defesa dos direitos da mulher no período e foi criada em 1922, sob a liderança de Bertha Lutz.

1.5.2 O Feminismo de Segunda Onda e Suas Repercussões No Brasil

A segunda fase do feminismo (segunda geração ou segunda onda) ressurgiu nas décadas de 1960 e 1970, em especial nos Estados Unidos e na França. As feministas americanas enfatizavam a denúncia da opressão masculina e a busca da igualdade, enquanto as francesas postulavam a necessidade de serem valorizadas as diferenças entre homens e mulheres, dando visibilidade, principalmente, à especificidade da experiência feminina, geralmente negligenciada. As propostas feministas que caracterizam determinadas posições, por enfatizarem a igualdade, são conhecidas como o “feminismo da igualdade”, enquanto as que destacam as diferenças e a alteridade são conhecidas como “o feminismo da diferença”. (NARVAZ e KOLLER, 2006, p. 649)

A segunda onda do feminismo é uma continuação esperada da primeira. As mulheres, então, queriam leis que garantissem sua cidadania e individualidade. Mulheres podiam trabalhar, mas também queriam que seus direitos de mães trabalhadoras fossem respeitados, ou então não querem ter filhos e desejavam que esse direito também fosse assegurado pelo Estado. A segunda onda, além de garantir a conquista desses os, assegurou sua manutenção. . (ASSUNÇÃO, 2014)

O traço particular que marca a trajetória do feminismo no Brasil é diferente de outros países, e diz respeito ao caráter dos movimentos sociais no Brasil em sua relação com Estado. Os primeiros vestígios do feminismo em nosso país nasceram no seio das camadas médias¹².

No Brasil, o feminismo nasceu na luta da classe média, diferentemente do que ocorreu em outros países, mas com uma particularidades: a aproximação com as associações que lutavam por melhores condições de vida para as camadas populares. Chamado de “Movimentos de mulheres”, buscava a melhoria das condições de vida para a população mais pobre. (MARTINS e ALCANTARA, 2012, p. 105)

Outra característica importante é a ação dos movimentos sociais urbanos que organizaram-se em bases locais, enraizando-se nas experiências locais dos moradores das periferias, que buscavam se organizar para reivindicar temas de

¹² Segmento social no qual se situavam as mulheres que tiveram acesso à educação universitária e a estilo de vida propiciado pela modernização excludente, que caracterizou o desenvolvimento social e econômico brasileiro a partir da década de 1950. (SARTI, 2004, p. 39)

infraestrutura básica (água, luz, esgoto, asfalto e bens de consumo). E esses movimentos têm como parâmetro o mundo cotidiano da reprodução – a família, a localidade e suas condições de vida. (SARTI, 2004, p, 40)

Os grupos feministas alastraram-se pelo país. Houve significativa penetração do movimento feminista em associações profissionais, partidos, sindicatos, legitimando a mulher como sujeito social particular. (SARTI, 2004, p, 42)

O feminismo latino americano de “segunda onda” nasceu num contexto político e cultural desfavorável, a articulação do movimento feminista ocorreu no contexto de ditaduras militares como parte da luta de redemocratização.

De acordo com o pensamento de Stolcke (2004, p. 80), o feminismo na América Latina teve suas origens na década de 1960, a partir do feminismo de “segunda onda”, período bastante tumultuado pelas perseguições macartistas, Guerra Fria, movimento estudantil.

Os sonhos das mulheres começaram a se tornar reais com a publicação do livro de Betty Friedan, “A mística feminina”, publicado em 1963. Nessa obra, a autora discute a “crise da identidade feminina”, discutindo de forma incisiva e perturbadora a infelicidade das mulheres e suas insatisfações.

O movimento feminista denuncia a manipulação do corpo da mulher e a violência a que é submetida, tanto aquela que se atualizam na agressão física, espancamentos, estupros, assassinatos, quanto a que o coisifica enquanto objeto de consumo. Denuncia da mesma forma a violência simbólica que faz de seu sexo um objeto desvalorizado. Reivindica a autodeterminação quanto ao exercício da sexualidade, da procriação, da contracepção. Reivindica, também, o direito à informação e ao acesso a métodos contraceptivos seguros, masculinos e femininos. Propõe, principalmente, que o exercício da sexualidade de desvincule da função biológica de reprodução, exigindo dessa forma o direito ao prazer sexual e à livre opção pela maternidade. Neste sentido, advoga o aborto livre, e a ruptura com os moldes tradicionais em que o desempenho sexual da mulher vem sendo encerrado. (ALVES e PITANGUY, 1985, pp. 60-61)

As inquietações ultrapassavam qualquer limite de classe social, idade, credo. Buscar a causa dos problemas era o objetivo das insatisfações¹³.

¹³ Mas afinal, que problema sem nome era esse? Como esse problema era descrito pelas mulheres que falavam a Friedan? O sentimento de estar vazia, sentir-se incompleta, ter impressão de não existir, sentir-se cansada e aborrecida, zangar-se facilmente com as crianças e o marido, chorar sem motivo aparente pontuava as angustias das falas. O problema acabava, muitas vezes, por desaguar nos consultórios de médicos, psicanalistas ou era temporariamente driblado com a ajuda de tranquilizantes. (DUARTE, 2006, p. 288)

Friedan sentia-se incomodada com os sentimentos das mulheres. As feridas começaram a ser tratadas na medida em que os problemas passaram a ser encarados, transformando transformar as inquietações femininas em soluções plausíveis¹⁴.

No Brasil, com o processo de abertura política, lenta e gradual do militarismo e a decretação da anistia política, foi possível a volta das exiladas ao Brasil. A experiência política na Europa durante o exílio foi importante para o fortalecimento do feminismo brasileiro. Entretanto, como salienta Sarti (2004), as exiladas trouxeram na bagagem não só experiências políticas anteriores, como também a influência de um feminismo atuante europeu.

De 1975, marco do movimento feminista no mundo e no Brasil, até 1979, quando o país dá os primeiros passos firmes em direção à democratização, com a anistia e a reforma partidária que terminou com o bipartidarismo [...] as mulheres de classe média, intelectualizadas, que estiveram nos Estados Unidos ou na Europa como exiladas, estudantes ou simples viajantes em busca de novas experiências, voltavam para o Brasil trazendo uma nova forma de pensar sua condição de mulher, em que o antigo papel de mãe, companheira, esposa não mais servia. Essas mulheres haviam descoberto seus direitos e, mais do que isso, talvez a mais desafiadora das descobertas havia descoberto os seus corpos, com sua mazelas e seus prazeres. (PINTO, 2003, p. 65)

Além disso, a própria experiência de vida no exterior, com uma organização doméstica distinta dos tradicionais padrões patriarcais da sociedade brasileira repercutiu decisivamente tanto em sua vida pessoal quanto em sua atuação política. (SARTI, 2004, p, 41)

Foi na década de 1980 que o movimento feminista foi consolidado no Brasil e, e junto com o processo de redemocratização no país, alastrou-se a ideia de que as mulheres viviam a opressão sob a égide da dominação masculina. A afirmação era que, no âmbito doméstico e nas relações interpessoais, a mulher era vitimada, o que levou uma série de mudanças, à implementação de políticas sociais e pessoais

¹⁴ [...] O problema não pode ser compreendido nos termos geralmente aceitos pelos cientistas ao estudarem a mulher, pelos médicos ao tratarem dela, pelos conselheiros que as orientam e os escritores que escrevem a seu respeito. A mulher que sofre deste mal, e em cujo íntimo fervilha a insatisfação, passou a vida inteira procurando realizar seu papel feminino. Não seguiu uma carreira (embora as que o façam talvez tenham outros problemas); sua maior ambição era casar e ter filhos. Para as mais velhas, produtos da classe média, nenhum outro sonho seria possível. As de quarenta ou cinquenta anos que, quando jovens, haviam feito outros planos e a eles renunciado, atiraram-se alegremente na vida de donas-de-casa. Para as mais moças, que deixaram o ginásio ou a faculdade para casar ou passar algum tempo num emprego sem interesse, sendo este era o único caminho. Eram todas muito “femininas” na acepção. (FRIDAN, 1971, p. 27)

(MARTINS e ALCANTARA, 2012, p. 106), sendo necessário discutir um novo discurso feminista, pois estava em jogo era a discussão das relações de gênero.

Gênero refere-se ao discurso da diferença dos sexos. Ele não se refere apenas as ideias, mas também às instituições, às estruturas, às práticas quotidianas, como também aos rituais e a tudo que constitui as relações sociais. O discurso é um instrumento de ordenação do mundo, e mesmo não sendo anterior a organização social, ele é inseparável desta. Portanto, o gênero é a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido dessa realidade. A diferença sexual não é a causa originária da qual a organização social poderia derivar. Ela é antes uma estrutura social movente, que ser analisada nos seus diferentes contextos históricos. (SCOTT, 1998, p. 115)

Incorporada ao meio acadêmico, a categoria gênero passou a ser utilizada de diversas formas. Algumas vezes, como reconhecimento do caráter relacional implicado nos estudos sobre mulheres, outras vezes como sinônimo de mulheres. Por exemplo, muitos estudos sobre mulheres passaram a ser intitular como estudos de gênero, por ter uma conotação mais neutra e objetiva que, supostamente, teria maior legitimidade institucional. (ZANETTI, 2009, p. 22)

A década de 1980 ficou marcada pela redemocratização e a consolidação do feminismo no Brasil e também pela mudança nas relações sociais entre feminino e masculino. Nesse período, Santa Dica já não mais vivia em Lagolândia, pois já havia falecido. Contudo suas ações e liderança fizeram parte de contribuições culturais importantes para o distrito de Lagolândia, como, por exemplo, a praça central do distrito (FIGURA 1) que encanta os visitantes que chegam ao local, pela beleza, variedade de flores cultivadas e todo o capricho, pela limpeza, que é mantida pela

Associação Feminina de Lagolândia, herança deixada por santa Dica.



Figura 1: Busto de Santa Dica na Praça Central de Lagolândia, cujo nome é uma homenagem à fundadora do distrito de Lagolândia, Benedita Cipriano Gomes.

Fonte: Acervo fotográfico de Siqueira (2015).

1.5.3 O Feminismo de Terceira Onda e Suas Repercussões no Brasil

Final dos anos 1980 e início dos anos 1990, a crítica dos chamados pós-modernistas coloca em interrogação os paradigmas das incertezas do conhecimento. As feministas francesas, influenciadas pelo pensamento pós-estruturalista que predominava na França, especialmente pelo pensamento de Michel Foucault e de Jacques Derrida, passam a enfatizar a questão da diferença, da subjetividade e da singularidade da subjetividade e da singularidade das experiências, concebendo que as subjetividades são construídas pelos discursos, em um campo que é sempre dialógico e intersubjetivo. (NARVAZ e KOLLER, 2006. p. 649)

A terceira onda feminista é a do “sexo”, pois a mulher passa a olhar para o próprio corpo de outra forma, questionando a própria liberdade sexual, o que marca também a luta do uso de métodos contraceptivos e do direito ao aborto.

Entretanto o movimento feminista propõe que o exercício da sexualidade se desvincule da função biológica de reprodução, exigindo, dessa forma, o direito ao prazer sexual e à livre opção pela maternidade. (ALVES e PITANGUY, 1985, p. 61)

Nesse sentido, o foco dos estudos das mulheres e do sexo, desloca-se para os estudos das relações de gênero.

No Brasil a década de 1990 é notória pelo desenvolvimento a multiplicação de muitas organizações feministas no Brasil, as quais que desenvolvem atividades permanentes- debates, cursos, publicações, pesquisas, levando milhares de mulheres a reivindicar direitos específicos.

O feminismo se constrói a partir das resistências, derrotas e conquistas que compõem a *História da Mulher* e se colocam como um movimento vivo, cujas lutas e estratégias estão em permanente processo de re-criação. Na busca da superação das relações hierárquicas entre homens e mulheres, alinha-se a todos os movimentos que lutam contra a discriminação em suas diferentes formas. (ALVES e PITANGUY, 1985, p. 74)

Por conseguinte, sob o signo negativo da opressão e pela alteridade da exclusão, sob os domínios do sexo dominador, a universalidade e onipresença da opressão feminina no espaço e no tempo deram origem à crença na possibilidade de certa unidade (CIRIZA, 2006, p. 59). Pode-se considerar, assim, que, apesar da pluralidade, das diferenças e das experiências, o feminismo foi uma nova fonte de um princípio da unificação e da experiência humana ligadas ao sentimento de alteridade que lutou contra um sistema de subordinação e opressão. (CIRIZA, 2006, p. 59).

É inegável que o cenário mudou e se transformou, e mais de trinta anos de feminismo nos situam diante de uma forte modificação nas relações entre sociedade civil e estado, entre teoria e política, entre cultura e política, entre feministas e feministas. (CIRIZA, 2006. p. 60).

Sem dúvida, como assinala Ciriza (2006), percorrido meio século de feminismo pelo mundo, entendemos que em cada país há uma pluralidade de demandas acerca das mulheres. As transformações e ocorrências não seguem uma discussão homogênea, as feministas se uniram para discutir e debater sobre a

diferença sexual, a dominação masculina, a religiosidade e outros tabus antes não comentados nas sociedades.

Houve, a partir dos anos 1990, uma afirmação de outras identidades que fugiam da masculina/feminina e o crescimento do feminismo de mulheres negras, das lésbicas, das proletárias, entre outros. E iniciou-se uma nova fase de afirmação das diferenças e uma tensão dentro do próprio movimento no reconhecimento das práticas de poderes exercidos pelas militantes que ainda afirmavam uma luta baseada na experiência das mulheres brancas e heterossexuais. (MARTINS e ALCANTARA, 2012, p. 106)

Portanto se firmaram outras linhas de reflexão que serviram de experiências e conclusões para compreender a nova realidade e demandas numa (re) visão das teorias, estratégias e metodologias dos estudos das mulheres, que permitiram desmontar a naturalização da divisão social do sexo no mundo do trabalho, revisar a exclusão das mulheres em relação ao sujeito no espaço público, assim como também questionar a retórica universalista da ideologia do patriarcado¹⁵.

Patriarcado nesse sentido passa a ser criticado e conceituado como um regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens, a partir dos estudos de gênero como construção social do masculino e do feminino. (SAFFIOTI, 2015, p. 47).

Os estudos de gênero propõem refletir sobre novas tendências e construir uma nova categoria social na construção social das identidades e subjetividades de homens e mulheres, propondo uma discussão acerca da importância e visibilidade das mulheres nos países da América Latina e no Brasil.

1.6 MULHERES GOIANAS NA HISTÓRIA

Os intensos debates nas décadas de 1960 e 1970 nas ciências humanas levaram um redimensionamento do questionamento do modelo histórico tradicional, das certezas e as verdades absolutas de seus objetos e interpretações (MOTTA, 2006, p. 64), suscitando debates acerca de uma história em crise. (CHARTIER, 2001)

Acerca de uma história em crise, busca-se desconstruir o sujeito:

¹⁵ É o regime da dominação, exploração das mulheres pelos homens. (SAFFIOTI, 2015, p. 47)

Desconstruir o sujeito construído na perspectiva essencialista, binária e fixa, é suspender todos os compromissos com aquilo a que o termo sujeito se refere, isto é, o sujeito universal, absoluto, racional, livre e referente, que ocupa a posição de centro das identidades sociais, sexuais e de gênero. Nessa desconstrução, alteram-se, redefinem-se, reutilizam-se e redistribuem-se as posições de sujeito, as relações de poder. (RIOS, 2005, p. 10)

Sobre esse os novos discursos historiográficos, é inegável o espaço alcançado pela História das mulheres e, conseqüentemente, pela luta do movimento feminista. Todavia, isso não significa que elas estivessem presentes na história como historiadoras ou como objetos de estudo. Ao contrário, a, suposta ausência das mulheres no mundo científico, já em si, indicativas das implicações causadas em razão das desigualdades estabelecidas entre os sexos. (MOTTA, 2006, p. 65)

Nesse espaço de redimensionamento, as mulheres passaram a atestar presença como sujeitos históricos, atuantes nos diversos domínios da vida social (MOTTA, 2006, p. 65). Todavia, porém, era importante conferir visibilidade àquelas mulheres que, durante muitos séculos, tiveram suas experiências silenciadas. (PERROT, 1988)

De acordo com Motta (2006, p.65):

Contudo, a argumentação de que as diferenças biológicas entre homens e mulheres justificam as desigualdades sociais impôs às estudiosas a necessidade de reflexão sobre as relações entre os sexos. Nesse ínterim, a categoria gênero, cunhado por feministas anglo-saxãs torna-se fundamental, uma que considera as diferentes práticas culturais que formam o indivíduo.

A história de lutas e resistências das mulheres em Goiás é antiga. Desde o século XIX, mulheres já denunciavam a opressão de gênero em seu tempo. Muitas mulheres em Goiás tiveram destaque na história do estado goiano. Pelas pesquisas encontraremos uma diversidade de material como o livro de Célia Coutinho¹⁶, processos-crimes, monografias, jornais, dissertações e teses.

A vida dessas mulheres em Goiás foi relatada através das fontes que informaram as singularidades da história das mulheres que se tornaram personagens já amareladas pelo tempo, e sob outros olhares no presente ganham visibilidade e historicidade. (CAVALCANTE, 2012, p. 8)

¹⁶ O objetivo de Célia Coutinho foi o de escrever a biografia de mulheres goianas que, de alguma forma, contribuíram para os primeiros estudos sobre as ações e identidades de várias feministas em Goiás.

Compreendemos que, com a atuação de diversas mulheres goianas em seus respectivos períodos, tornou-se possível analisar seu papel de destaque como precursora do processo histórico em que as mulheres apresentaram-se como protagonistas.

Pensar esses protagonismos através das diversas fontes e abordagens, até então construídas aqui, é um convite a ouvir os rumores que a história começa a perscrutar. (CAVALCANTE, 2012, p. 10)

Salientamos que Goiás, durante muitos anos, foi um estado patriarcal e que o lugar da mulher era na “cozinha”. É importante destacar a luta e a resistência dessas mulheres goianas contra os valores de uma sociedade patriarcal (ABREU, 2001, p. 52), que figuraram durante muitos anos em Goiás e em seus municípios. Durante muitos séculos, foram silenciadas e isoladas na historiografia e, partir do século XX, várias experiências foram vivenciadas pelas mulheres em Goiás.

De um modo geral, a realização de biografias de mulheres goianas realizada por Célia Coutinho na década de 1970, foi importante, pois, nesta galeria de mulheres notáveis, a autora ressaltou a importância de várias mulheres que foram importantes na história de Goiás.

Como assinala Abreu (2001, p. 52)

Apesar das vozes isoladas que desde antes denuncia, a submissão da mulher por meio de poemas, revistas e outros periódicos, é somente na década de 30 do século XX que vamos assistir à emergência de um movimento organizado pelas mulheres de Goiás: a luta sufragista. A campanha pelo voto feminino foi encabeçada por mulheres como Ida Artiaga¹⁷, Maria Peclat¹⁸.

¹⁷ Ida Artiga, em 1923, já alfabetizada, sentia uma sede imensa de leitura. A menina queria ler tudo e ficava contrariada com a proibição imposta pelos pais. Por mais que a mãe explicasse, seus argumentos não convenciam a menina de que não deveria ler. Ida menina queria mergulhar na profundidade das coisas, dos mistérios, não se contentava com o superficial, o estereotipado, as aparências. Ida terminou o primário e preparou-se para a admissão no Lyceu de Goiaz. Sua turma fundou o Grêmio e o primeiro jornal estudantil em Goiás.

Em 1931, com 16 anos, Ida Artiaga conheceu na velha capital o Gabinete Literário Goiano, ponto de encontro dos intelectuais da terra, uma equipe de mulheres valorosas que batalhavam pela emancipação da mulher [...] A pauta de assunto do dia era o voto feminino, tema que será o embrião da luta pelo sufrágio universal. (Rocha; Bicalho e Faria 1999, p. 11-12)

¹⁸ Maria Henriqueta Peclat (1886-1965), educadora, jornalista, atuante na área política, nos palanques, denunciava as injustiças sociais. É considerada uma das maiores e mais importantes mulheres da política em Goiás, enfrentando, inclusive, críticas e perseguições. Além da política, cantava e atuava no teatro. (Rocha; Bicalho e Faria 1999, p. 11-12)

Existiram outras mulheres goianas que foram as pioneiras na luta feminina: Ana Xavier de Barros Tocantins (1857-1949), educadora, pianista, poeta, recebeu aos oitenta anos, o título de sócia fundadora do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás; Eurydice Natal e Silva (1883-1970), em 1904, foi a líder do grupo que fundou a primeira Academia Goiana de Letras, na Cidade de Goiás, tornando-se sua presidenta; Maria Angélica da Costa Brandão – ‘Ninhá do Couto’ (1880-1945) criou a primeira orquestra da cidade, que fazia fundos musicais para os filmes mudos da época e também fundou a “Caravana Smart”, um clube feminino carnavalesco que fazia promoções culturais durante o ano. Criou escolas, grupos de teatro e música por onde passava. Sonhou e lutou muito para formar uma escola de música em Goiânia.

Ainda merece menção de destaque Damiana da Cunha (1779-1837), índia caiapó. Esta se empenhou em levar a civilização aos índios, lutando pelo direito de seu povo. Essas atitudes significaram a luta de uma grande líder e resistência de uma raça e etnia com a marcante presença feminina; Maria Roma da Purificação Araújo (1800-1873), dedicou-se ao magistério. Era professora pública, foi à primeira mulher goiana que tomou posição no magistério da Província; Pacífica Josefina de Castro (1826-1933), “Mestra Inhola”, também foi professora; Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, ‘Cora Coralina’ (1889-1983), é sinônimo de ‘doces e poesia’, tendo sido uma reconhecida poetisa goiana.

Ainda nesse mosaico de mulheres, como informam Rocha, Bicalho e Faria (1999), existiram várias mulheres que se destacaram em seus municípios:

Belkiss Spenciére Carneiro de Mendonça, fundadora e diretora do Conservatório de Música da Universidade Federal de Goiás. Representou o Brasil a convite do Itamaraty, Ministério de Estado do Exterior do Brasil;

Oscarlina Alves Pinto (1885-1949) foi poetisa e jornalista, além de diretora e redatora de “O Lar”, periódico literário e noticioso feminino; Alice Augusta de Sant’Anna (1884-1963), foi a direção do Semanário A Rosa (1907), impresso em papel cor-de-rosa. Esse semanário difundia as ideias do Movimento Literário da Cidade de Goiás. Combativa colunista do periódico Voz do Povo, jornal oposicionista, Alice foi grande entusiasta na mudança da capital de Goiás.

Amélia Brandão, 'Tia Amélia' (1898-1983), talentosa pianista e compositora, apresentou-se em diversos países, mas foi em Goiânia que Amélia descobriu sua 'grande paixão': o chorinho. Esse gênero musical tornou Amélia admirada por Ary Barroso, Lamartine Babo, Silvio Caldas, Pablo Neruda e outros.

Benedita Cipriano Gomes – 'Santa Dica' (1905-1970). Na década de 1920, foi líder mística que atraía multidões com os milagres que realizava promovia o coletivismo da posse da terra; Célia Coutinho Seixo de Brito (1914-1994), desenhista e escultora, cursou Belas Artes; Floramy Pinheiro (1927-1988) é considerada uma das pioneiras do teatro goiano. Fundou, junto com Otaviano Arantes, a Agremiação Goiana de Teatro (AGT).

As mulheres goianas, durante muito tempo, viveram silenciadas, mas manifestações femininas isoladas marcaram desde muito cedo a luta da mulher goiana contra os valores da sociedade patriarcal (ABREU, 2002.p 52). Essas resistências movidas pelo desejo de mudança ecoaram sons femininos que modificou o percurso da história das mulheres em Goiás no século XIX e XX.

A pluralidade de atuações de várias mulheres em Goiás, nos séculos XIX e XX, é reveladora das diferentes construções de gênero que perpassaram a vida dessas mulheres ao longo de suas ações contra uma sociedade misógina.

Nota-se que todas essas experiências demonstraram que as mulheres não estavam ausentes, elas não só eram líderes em seus lares, mas também ocuparam os espaços públicos. Assim, suas ausências se deram na historiografia.

Cabe aqui registrar a atuação de cada uma dessas mulheres, criando um verdadeiro mosaico que identifica no simbolismo das lutas e resistências em terreno goiano, tornando-as famosas e protagonistas na historiografia do Goiás. Não se pode deixar de destacar, nessa análise, o papel de destaque e a atuação de Benedita Cipriano Gomes, conhecida por "Santa Dica", no local chamado inicialmente de Lagoa e , posteriormente, de "Redutos dos Anjos" .

1.7 GÊNERO: ABORDAGENS CONCEITUAIS

No início, o termo “gênero” era um conceito novo, que causava certo receio, mas, aos poucos, essa perplexidade foi vencida quando do contato com as teóricas feministas do “Primeiro Mundo”. Com a entrada nas universidades, o termo gênero passou a ser discutido e debatido em círculos feministas universitários.

Para a historiadora americana Joan Scott, o conceito de gênero tem duas partes e várias subpartes. Inicialmente, definiremos somente os primeiros dois conceitos. O primeiro conceito de gênero: é um elemento constitutivo de relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos. E segundo conceito: o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. (SCOTT, 1995, p. 86).

As feministas começaram a usar o termo “gênero” como uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos.

O termo gênero parece ter feito sua aparição entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. “A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’. O termo gênero enfatiza igualmente aspectos relacionais das definições normativas da feminilidade (SCOTT, 1995, p. 72).

Atualmente, a palavra gênero é utilizada cotidianamente, e remete a vários significados. Pode simplesmente fazer referência à percepção biológica da anatomia corporal, como também pode expressar a maneira e posição dentro do complexo mapa classificatório da feminilidade ou masculinidade na qual o indivíduo se identifica ao papel ou orientação sexual. (ANDRADE, 2007, p. 17).

O livro “Segundo Sexo”, escrito em 1949 por Simone de Beauvoir, de certa forma, influenciou o pensamento feminista e tem contribuído para transformar não somente a visão de milhares de mulheres sobre a vida em sociedade, como também suas condutas. Desta sorte, des-re-construiu – e continua a fazê-lo em áreas do planeta onde penetrou recentemente – o feminino e, por via de consequência, o masculino. (SAFFIOTI, 1999, p.163)

A partir da década de 1990, nos Estados Unidos, começavam as primeiras discussões acerca das relações de gênero. “*Os gender studies*”, alcançava novas fronteiras que iam além das historicidades epistemológicas sobre as diferenças sexuais entre homens e mulheres.

Os estudos sobre as mulheres já não eram capazes de responder aos desafios feministas. Entretanto tendiam a se tornar descritivos e reiterativos, reificando a situação das mulheres. De outro lado, não respondiam aos anseios e desafios de um pensamento analítico e teórico. (MACHADO, 1998, p. 107).

Nesse sentido, o termo gênero emergiu como um instrumento de (des) construção dos significados atribuídos ao sexo biológico, capaz de mostrar que, para além das diferenças anatômico-biológicas, as diferenças sexuais adquirem um significado cultural. Gênero, nesse sentido, passa, assim, a desnaturalizar a condição das mulheres e, em relativa consequência, a sua subordinação.

Na trajetória do pensamento ocidental, ao associar o envolvimento do corpo feminino com a função reprodutiva, entende-se as mulheres como pessoas menos propícias à cultura, pois são menos capazes de transcender sua natureza biológica do que os homens. (ANDRADE, 2007, p. 18)

O conceito de gênero nasce, assim, com o objetivo de identificar e explicar um sistema de poder, que, historicamente, decorre de um conflito social antigo, tendo sempre relegado as mulheres a condições desfavoráveis em praticamente todos os “tecidos sociais” relativos aos homens. (ANDRADE, 2007.p 18)

Ao buscar indagar uma reflexão acerca dos questionamentos sobre a conceitualização de gênero, não resta dúvida que o interesse sobre o estudo das mulheres foi fator preponderante para formação de novas abordagens teórico-metodológicas sobre a diferença dos sexos.

A interrogação sobre um novo olhar a partir dos lugares das mulheres possibilitou o questionamento de novas abordagens e conceitos, além da introdução do gênero como um novo modelo epistemológico.

A generalização do uso do conceito de gênero no campo intelectual anglo saxônico, nos saberes disciplinares da sociologia, antropologia, história, literatura, filosofia e psicologia, ocorrida nos anos oitenta e noventa, trouxe consigo o compartilhamento da radicalização da ideia da desnaturalização biológica das categorias de homem e mulher e da radicalização da construção simbólica (entendendo-se aqui a natureza da dimensão social e cultural) da construção das noções de feminismo e masculino. (MACHADO, 1998, p. 107).

Conforme Lia Zanotta (1998), a generalização do conceito de gênero possibilitou, no campo intelectual do Brasil, a construção de um novo modelo metodológico, usado, mesmo que de modo imparcial, para os estudos sobre as mulheres no fomento de um novo paradigma usado pelos estudos de gênero. O estudo das relações de gênero tem importância significativa para explicar e reavaliar as múltiplas experiências de mulheres e dos grupos de mulheres.

Para César (1995, p. 6), em sua acepção original, gênero é o emprego de designações diferenciadas para designar indivíduos de sexo diferentes ou ainda objetos sexuados. O termo, no entanto, tomou outras conotações e aqui significa distinção entre atributos culturais relativos a cada um dos sexos.

Compreendemos que o gênero concebido do sujeito social, imbricado nas das relações da subjetividade, não é marcado apenas pela diferença sexual, mas também por sistemas de códigos linguísticos e representações culturais. (LAURETIS, 1994, p.206). Assim, o gênero pode ser pensado a partir de uma epistemologia foucaultiana, enxergado na sexualidade como uma “tecnologia sexual” (LAURETIS, 1998).

O gênero através da nova abordagem epistemológica, pode ser entendido com representação e como autorrepresentação, é produto de diferentes tecnologias sociais, como cinema, televisão, de novos discursos, de práticas críticas institucionalizadas, como também fruto de comportamento e de complexas práticas das relações sociais do cotidiano. (LAURETIS, 1998, p. 208)

Os estudos de gênero contribuíram para a desnaturalização das desigualdades, ganhando real valor na equalização das relações das desigualdades entre homens e mulheres.

Sabemos que as relações de gênero, e as convenções resultantes delas, criam socialmente o homem e a mulher, conferindo-lhes atributos de acordo com os valores em vigor, indicando quais comportamentos são adequados ou não para um ou outro sexo. Em outros termos, essas, convenções ajudam a organizar o que se convencionou tomar como sua identidade. Definitivamente, santa Dica não encontrava, na perspectiva da Igreja, um

espaço junto ao que se convencionou como o lugar da mulher honesta. (BRITO, 2001, p. 69)

Para Rago (1998, p. 89), gênero se “define como construção social e cultural das diferenças sexuais”.

Na historiografia brasileira, o estudo de gênero ampliou e ganhou espaço a partir das mudanças e transformações das conquistas das mulheres nos espaços sociais, formulando novas teorias e metodologias. O estudo de gênero nasceu a partir da chamada “crise de paradigmas” da escrita da história tradicional.

A categoria gênero reivindica para si um território específico, em face da insuficiência dos corpos teóricos existentes para explicar a persistência da desigualdade entre mulheres e homens. Nessas circunstâncias, o gênero vem procurando dialogar com outras categorias históricas já existentes. (MATOS, 1998, p.68).

Gênero pensado como diferença sexual sempre foi desenvolvido e usado em oposição ao “sexo” para descrever o que é socialmente construído, em oposição ao que é biologicamente dado. Gênero também pode ser pensado como referência a personalidade e comportamento, não ao corpo. (NICHOLSON, 2000, p. 09).

Na concepção de Varikas (1999, p. 17), gênero chamava a atenção para a construção social das categorias de sexo, para as relações sexuais que tornam os seres de sexo feminino e masculino em homens e mulheres numa sociedade dada. A partir da “diferenciação entre os sexos”, gênero tornou-se um objeto questionado e que passasse a se decifrável, necessário ao estudo do social, histórico e político.

A categoria de gênero constitui, dessa forma, um conjunto de características sociais, culturais, políticas, psicológicas, jurídicas e econômicas, atribuídas às pessoas, de forma diferenciada, de acordo com o sexo, que buscam apreender as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres por razões sociais e culturais.

Dessa forma, o sexo biológico é dado pela natureza, enquanto o gênero é construído pela sociedade, pois define alguns tributos, qualidades e papéis, alguns como masculinos e outros como femininos. Gênero é, então, uma construção baseada na atribuição de papéis e pelas relações entre mulheres e homens, que não são determinados pelo sexo, mas pelo contexto social, político e econômico em que as

peças crescem, são educadas, trabalham e se desenvolvem socialmente. (ANDRADE, 2007, p.19)

O uso do termo gênero passou a ser analisado e estudado por historiadoras(es) que buscavam compreender cada vez mais as mudanças dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens na sociedade.

O estudo de gênero busca descrever as estruturas de subordinação existentes entre os gêneros, considerando e comparando o papel da mulher em relação ao homem e vice-versa, com vistas ao desenvolvimento equânime.

Dessa forma, o conceito de gênero tem edificado a trajetória de luta das mulheres nos avanços alcançados nas áreas de educação, trabalho, saúde e participação social, (ANDRADE, 2007, p.24), mas ainda enxergamos e convivemos com níveis gritantes de violência, desemprego e ainda exclusão de grande parcela feminina da sociedade no que se refere a representação política.

A conquista por novos espaços permitiu que as mulheres reivindicassem cada vez mais o direito de serem tratadas com igualdade em relação aos homens, e de serem mulheres atuantes também no espaço público.

Em Goiás, os primeiros discursos feministas começaram a ser articulados por volta do século XIX. Podemos considerar que estas primeiras manifestações possam ser entendidas também como movimentos sociais que, em torno das demandas dos camponeses, passaram a utilizar a terra de forma coletiva. Compreendemos que as ações de Santa Dica passaram a ser identificadas como liderança feminina e de gênero, pautadas na disputa de poder entre o feminino e o masculino, e nas questões específicas de opressão.

A este conjunto de discursos, eivado pelo preconceito e opressão e pela certeza numa razão superior, subjaz a presença constante de uma certa imagem de Dica, construída graças ao uso implacável de convenções de gênero. A desmoralização do movimento passou, o tempo todo, desqualificando sua líder e esta, por sua vez, “pecou” sobretudo por ser uma mulher diferente da mulher de seu tempo. (BRITO, 2001, p. 69)

O movimento feminista, ao afirmar a diferença e ao enfatizar as dimensões subjetivas, tenta resgatar um ideal de igualdade, porém com respeito às diferenças, tanto no âmbito público como no âmbito privado na sua luta cotidiana. (FERREIRA, 2010, p. 29). Em seu contexto, também a atuação de Santa Dica, no século XX, denunciava a opressão de gênero.

2 SANTA DICA: E O REDUTO DOS ANJOS

Foi no Município de Meia Ponte dos Pireneus, hoje Município de Pirenópolis, (FIGURA 2) especificamente no Distrito de Lagolândia¹⁹, também conhecida como “República dos Anjos”²⁰, que nasceu Benedicta Cipriano Gomes, no dia 13 de Abril de 1905 (REZENDE, 2001p. 15). Seu pai era lavrador de profissão e tinha ali um pequeno engenho de cana, onde fabricava rapadura. Além desses afazeres, para crescer à receita da família, trabalhava ainda como traçador de laços e rédeas. (VASCONCELLOS, 2013 p. 118)



Figura 2: Município de Meia- Ponte dos Pireneus.

Fonte: MOURA, Antônio José de. 1989, p. 8.

¹⁹ Lagolândia hoje é uma cidade distrito do Município de Pirenópolis. Na época do acontecido, era um conjunto de fazendas, também conhecido como “Lagoa”.

²⁰ Segundo Waldetes, a República dos Anjos faz referência das diversas conversas de Benedicta com seres invisíveis, que afirmaram serem Anjos Celestes, pessoas que morreram ainda crianças. Às vezes, ela falava outras línguas. (WALDETES, 2011, p, 17).

Desde muito cedo Benedita Cipriano Gomes²¹ passou a viver com sua avó paterna, dona Isabel Borges, no pequeno vilarejo conhecido como Lagoa. Dica cresceu aprendendo as tarefas domésticas e a prática da religião católica. Foi esta, não tendo ela aprendido a ler e nem a escrever. (VASCONCELLOS, 2013 p. 118). Hoje, sua História, ou parte dela, é lembrada também em forma de poesia.

Os versos retratam inicialmente a pureza de uma menina, mas, ao longo dos primeiros anos de vida, fenômenos sobrenaturais ocorreram, ausências foram três. Quando menina, falava com os anjos e, quando moça, fez milagres e curas, o que lhe valeu o nome de santa. As notícias de seus feitos ultrapassaram o sertão, Dica agora não é só Goiás, Dica Santa Dica do Sertão? Santa Dica do Rio de Janeiro, Santa Dica de São Paulo, santa Dica do Brasil.

Santa Dica

Quando ela era pequena
 Não sofreu bicho-de-pé.
 Quando ela era pequena
 Nunca esteve com puxado.
 Ela nunca comeu terra
 Quando ela era pequena.
 Quando ela ficou moça,
 a cama dela era estreitinha,
 as mãos juntas para o céu,
 pernas juntas para o mundo.
 A roupa dela tinha cheiro de alecrim.
 - roupa de casa,
 Trança grande,
 Laço azul
 Que nem santa de verdade!
 Santa Dica, ora por mim!
 Quando ela ficou moça ficou santa,
 Fez milagres,
 curou gente,
 curou boubas,
 espinhelas.
 Curou tudo,
 Curou moléstias do mundo, curou mais
 que o padre Cícero Romão.
 Santa Dica, ora por mim.
 O Rio do Peixe
 - Rio Jordão
 Lavava a roupa da santinha,
 Lavava o corpo da santinha,
 Sem Sabão.
 O Rio do Peixe,
 O rio santo do sertão
 Deu muita boquinha doída,
 Deu muito arrocho apertado
 Pelo corpo da santinha

²¹ Importante ressaltar que a grafia desse nome aparece nas fontes ora como Benedita Cipriano Gomes, ora como Benedicta Cypriano Gomes.

Santa Dica, ora por mim!
 Santa Dica livrou dos revoltosos
 O Governador Brasil Caiado.
 Santa Dica protegeu Siqueira Campos.
 Todos são filhos de Deus
 E do Espírito Santo. Amém.
 Santa Dica, ora por mim.
 Santa Dica fez milagres,
 curou gente,
 curou mais
 que o padrinho Cícero Romão do Juazeiro.
 Metralhadoras,
 Carabinas do Governo...
 Nem uma bala acertou
 Em Santa Dica.
 Santa Dica era mais forte que o governo,
 Era mesmo que nem santa de verdade.
 - Santa Dica do Rio de Janeiro,
 e foi morar no Hotel Pompeu.
 Curou gente da Avenida.
 Foi depois para S. Paulo...
 Santa Dica ora por mim!
 Santa Dica do Rio do Peixe,
 Santa Dica de Goiás,
 Santa Dica do Sertão
 Ora por mim!
 Rio do Peixe de Santa Dica,
 Rio do Peixe – Rio Jordão
 Que lavaste Santa Dica,
 Que lambeste Santa Dica...
 Rio do Peixe?
 - Não.
 Rio do Cão.
 Santa Dica do Rio do Peixe,
 Santa Dica de Goiás,
 Santa Dica do Sertão?
 - Não.
 - Santa Dica do Rio de Janeiro,
 Santa Dica de São Paulo,
 Santa Dica do Brasil.
 Santa Dica, ora por mim!

(Jorge de LIMA, 1974)

Para analisar esses versos, procurei identificar no tempo e no espaço, os “lugares de memória” (NORA, 1993) e a exploração da representação simbólica da “cartografia social”²², assim como o papel e a importância de Dica para a visibilidade na história, principalmente no Distrito de Lagolândia no sul de Goiás.

²² Segundo Pesavento, cartografia do social remete a pensar as ações dos homens, ações estas que se inscrevem, necessariamente, em lugar e um momento. É já avançar da natureza para a cultura. Temos assim, na cartografia do social, o enquadramento dos dois vetores pelos quais os homens têm construído, através da história, a sua apreensão e organização do mundo: o espaço e o tempo. (PESAVENTO, 2005.p.17)



Figura 3: Túmulo de Benedita Cipriano Gomes em Lagolândia Goiás, enterrada sob uma grande gameleira.

Fonte: Acervo fotográfico de Siqueira (2015).

O imaginário tem como um dos pontos de referência, a lembrança, “os lugares de memória”. Na expressão de Nora (1993, p.25), vincula-se a lugares como a história em acontecimentos. Acreditamos que o túmulo de Santa Dica (FIGURA 3) desempenha, enquanto lugar de memória, papel fundamental no processo de construção do imaginário sobre suas ações de liderança na Corte dos Anjos.

Tempo e espaço são construções do imaginário, indissociáveis, são referências para a correlação da ordem do mundo (PESAVENTO, 2007, p. 16). A partir dessas correlações, constrói-se o marco inicial para dar sentido ao real.

O imaginário de uma simples vida material considerada a única real ganha um sentido tão concreto quanto material. (BACZKO, 1985, *apud* BRITO, 1992, pp. 29-30)

Entretanto é através da imaginação social que uma coletividade elabora sua identidade através das representações que faz de si mesma e daquelas que aparecem como ameaçadoras. A legitimação do poder se dará, entre outras coisas, quando houver uma eficiente apropriação desses bens simbólicos por determinado grupo social. Esses símbolos reunidos em forma de discursos,

não apenas instituem um poder, introduzem valores que servem para moldar os comportamentos individuais e coletivos. (BACZKO, 1985, pp. 299-231 apud BRITO, 1992, p. 30)

Santa Dica foi para seus seguidores uma taumartuga (MOURA, 1989, p. 19) com poderes de cura e milagres. Suas ações e sua liderança desenvolveram, no imaginário do povo, uma fantástica, trágica e verídica história, uma mulher cuja memória ainda é lembrada por muitas pessoas no estado de Goiás, que fascinou milhares de sertanejos e que moldou comportamentos individuais e coletivos.

O real insere-se nas relações das mulheres com o “poder”, o termo que compreende polissemia, conforme Perrot (1998). Para a autora, poder, no singular, tem uma conotação política e, comumente, supõe o poder centrado no masculino. No plural, ele se estilhaça em fragmentos múltiplos, equivalentes a “influências” difusas e periféricas, onde as mulheres têm sua grande parcela. (PERROT, 1998, p. 167)

Encontraremos na liderança feminina de Santa Dica, um pensar da cartografia dos territórios sociais e daqueles saberes que nos proporcionam a compreensão da, dos fatos, das ações no tempo e no espaço sobre o poder construído nessa mulher.

Essa mulher rompeu as fronteiras de qualquer suspeita acerca de sua atuação, pois foi guerreira, líder, carismática, conselheira, mãe, esposa, curandeira e, acima de tudo, foi uma “grande mulher”. Segundo o brasilianista Lynn Smith, “Santa Dica foi uma iluminada” (LYNN SMITH, 1967 apud VASCONELLOS, 2013, p. 21). Sua imagem e ação provocaram um grande conflito religioso e social no sul de Goiás, gerando uma grande insatisfação das classes oligárquicas e dos padres Redentoristas.

Afinal, a partir de 1905, fenômenos estranhos estavam ocorrendo no Sul do Estado de Goiás, especialmente no distrito de Lagolândia. Uma menina foi considerada morta por quatro vezes e, por isso, a medicina diagnosticou o fato como processo de catalepsia²³. No entanto, para o povo, o que ocorrera eram ressuscitações, o que mudou a região de Lagoa. (REZENDE, 2011, p. 15)

²³ Um distúrbio que impede o paciente de se movimentar, apesar de manter os sinais vitais e os sentidos em funcionamento. A catalepsia é um caso raro registrado na Medicina, mas que pode acontecer, deixando a pessoa em estado de morte aparente. Na literatura médica, já foram registrados alguns casos, inclusive, de pessoas que foram enterradas quando se encontravam em situação como essa. Jornal “O Anápolis”, 30 de Abril a 6 de Maio de 2011, nº 7751.

Santa Dica, desde o ventre de sua mãe, foi tida como uma menina diferente. A mãe estranhava o comportamento do feto dentro de seu ventre, pois, às vezes, passava dias sem me mexer, parecendo morto e, em outras ocasiões, somente estremecia. O pai tivera um sonho em que um anjo anunciava que a filha teria uma missão muito especial, e que este deveria ter muita força, a fim de que ela pudesse cumpri-la²⁴. (REZENDE, 2001, p. 15)

Dica veio ao mundo com muita dificuldade. A princípio, os pais receberam as primeiras notícias da parteira de que a menina não sobreviveria já que não esboçava qualquer barulho de choro, apesar de todos os recursos utilizados como rezas e simpatias. Os parentes já se preparavam para enterrá-la, quando, quase 24 horas depois, ouviram o choro da criança apresentando os primeiros sinais de vida. (REZENDE, 2011, p. 15/16)

Como salienta Rezende (2011, p. 16):

Os pais de Dica eram muito católicos, fizeram promessa a São Benedito pela vida da filha ressuscitada, em ação de graças batizou-a com o nome do santo, e prometeu celebrar o seu dia enquanto vida tivesse o que depois foi cumprido pela filha.

De acordo com a memória popular, outro fato marcante ocorreu quando a menina tinha a idade de dois anos.

Com a idade de dois anos, sem sofrer de nenhuma doença aparente, para de respirar, fica totalmente imóvel sem responder a nenhuma tentativa de recobrar-lhe os sentidos, o que causa imensa tristeza em seus familiares e naqueles que moravam na região, que não tinham conhecimento de enfermidade alguma que pudesse ter causado tal tragédia. Após um período de velório, todos se assustaram diante da cena que assistiram, Dica tossia e de sua boca golfadas de sangue e pus saíam sem que pudessem ser contidas.

Ao cessarem, ouviram quando uma voz estranha, que certamente reconheciam como não sendo a da criança, dizia: "O sangue derramado a livrou do pecado e o pus a limpou das impurezas". Todos os presentes tiveram um único entendimento do fato ocorrido, que Dica era uma criança especial e nascera com uma missão a cumprir, acima da compreensão de qualquer um deles. (REZENDE, 2011, p. 16)

²⁴ Segundo os primeiros contatos com a senhora Rezende, autora e moradora de Lagolândia, relatados em seu livro "Santa Dica: História e Encantamentos", pois suas fontes orais, originaram da família de seus esposo, portanto, familiares de seu esposo conviveram na mesma época dos fenômenos sobrenaturais realizados na comunidade por Dica na década de 1920.

Pode-se entender que as ressurreições de Dica estão relacionadas de elementos místicos presentes no imaginário popular. (GOMES FILHO, 2012, p.64)

Quando criança, Dica demonstrava misteriosos poderes, ao tratar com ervas e rezas as doenças dos parentes e amigos mais próximos. (BRITO, 1992, p. 03). Aos 16 anos, sofreu um novo ataque e foi acometida de um mal desconhecido, caindo gravemente enferma. Na tentativa de usar os recursos locais, como chás e simpatias, Dica foi dada como morta ao final de três dias de prostração (VASCONCELLOS, 2013, p 118). Ao prepararem seu corpo para o enterro no tradicional “banho dos defuntos²⁵”, ela ressuscitou , deixando todos surpresos.

Pela terceira vez Dica ressuscitou e, em decorrência disso, seus pais, católicos praticantes e resistentes à aceitação de em aceitar seus poderes sobrenaturais, não puderam mais esconder sua fama de milagrosa. (BRITO, 1992, p. 3)

Seus familiares, por não aceitar os poderes sobrenaturais da menina, enviaram-na para viver com os avós paternos, Bento Cipriano e Isabel Borges, residentes no povoado de Lagoa. Dica já despertara a atenção de vizinhos que o começaram a buscar cura de males que os afligiam. (REZENDE, 2011, p. 16-17)

Os milagres realizados ali, primeiramente, tomaram vultos e ganharam repercussão, não só no município, mas no Estado de Goiás e pelo Brasil (VASCONCELLOS, 2013, p 118). Começou, então, então uma longa peregrinação a Lagolândia e, contrariando a vontade dos pais, Dica assumiu seus poderes sobrenaturais. (BRITO, 1992, p. 3)

Aos 18 anos, já cercada de fieis, santa Dica, como passa a ser conhecida, começa a curar e a ser chamada de “Dica dos Anjos”

Pois era constantemente pega conversando com seres invisíveis, que afirmava serem Anjos Celestes, pessoas que morreram ainda crianças, às vezes falava em outras línguas, curava através da imposição das mãos sobre a cabeça ou ferimento, outras vezes, levava o dedinho à boca molhando-o de saliva que passava sobre o ferimento em forma de cruz. E desse modo peculiar, sem utilizar raiz ou ervas, curou vários tipos de enfermidades, até 1925, quando perde a inocência. (REZENDE, 2011, p.17)

²⁵ Era comum, tempos atrás, lavar o morto, antes de vesti-lo para o sepultamento, costume que teve sua vigência não só na zona urbana, mas principalmente na zona rural. (VASCONCELLOS, 2013, p. 118)

No início, Dica era somente curandeira, diagnosticando males e aplicando-lhes os remédios adequados. Os primeiros diagnósticos eram feitos durante os acessos ou momentos de ausência por ela sofrida, quando uma legião de anjos vinha ao seu encontro. Durante esse tempo, em que ficava completamente imobilizada e inconsciente, falava com os anjos de quem passou a ser representante na Terra, segundo crença geral. (VASCONCELLOS, 2013 p. 119)

Após as primeiras curas, Dica passou a ser considerada também como milagreira, pois a realização de curas em muitos fieis fizeram que muitos passassem a crer e apregoar o milagre. (VASCONCELLOS, 2013 p. 119)

Dica, então, passou de milagreira a profetisa, realizando conferências, dando conselhos, transmitindo ordens e prevendo acontecimentos, não só individualmente, mas com a sociedade como um todo. (VASCONCELLOS, 2013 p. 119). Para os fiéis, tornou-se “Santa Dica²⁶”.

Quanto à gênese de santidade em Dica, atentemos para o autor Vauchez (1987, p.287), que entende “santidade”, como a possibilidade de uma relação com o Divino suscetível de efeitos purificadores.

O autor salienta também:

A santidade não se confunde com o extraordinário ou o maravilhoso, mesmo se estes elementos lhe estão quase constantemente associados. O que caracteriza o santo(a) é que, depois de ter adquirido o domínio da natureza em si e à sua volta- ele põe o seu poder ao serviço dos homens. É também verdade que muito raramente este lhes é oferecido: é necessário ir procurá-lo(a), suplicá-lo(a) e por vezes persegui-lo(a) para conseguir que ele(a) aceda a usar as suas prerrogativas carismáticas, cuja existência começa por negar, normalmente por humildade, como sublinham os biógrafos de tais personagens, mas também para preservar a tranquilidade da própria meditação solitária. Os fiéis, e em breve os devotos do santo(a), não se enganam: todos eles sabem que o homem de Deus é capaz de operar milagres e que praticamente não pode recusar-se a realizá-los. De tal modo que, quando uma comunidade de camponeses, ou mesmo uma comunidade urbana, teve a sorte de entrar em contato com um deles, já não renuncia a isso. (VAUCHEZ, 1987, p.290)

²⁶ São os milagres e profecias que transformam a adolescente Benedicta Cypriano Gomes em santa para aqueles que ali se achavam. A fama e a crença em seus poderes sobrenaturais, que conferencia com uma legião de anjos. (VASCONCELLOS, 2013, p. 119)

As “Ausências” de santa Dica, evidenciadas nas manifestações em Lagolândia, demonstram, após suas “ressuscitações, de forma pletórica para os populares, sua “santidade” .

Após esses acontecimentos, aos 18 anos, no ano de 1923, cercada de seguidores, Dica começou formar uma comunidade, reunindo aproximadamente 500 pessoas, quantidade que demonstra o seu prestígio na época (BRITO, 1992, p. 02). Essa comunidade foi formada no que hoje é o Distrito de Lagolândia, espaço antes que pertencia à Fazenda Mozondó²⁷.

A fazenda Mozondó, que apresenta nomes variados²⁸, era um condomínio pertencente a vinte famílias²⁹. Em suas terras, às margens do rio do Peixe, havia poucas casas.

Na localidade da fazenda Mozondó, Dica dividiu coletivamente as terras entre seus seguidores, impondo a utilização coletiva dela e os bens nelas produzidos. Os fatos se expandiam pela região de Lagoa, entretanto, muitos trabalhadores de fazendas vizinhas começaram a aderir ao movimento, abandonando seus antigos empregos e passando a trabalhar de forma coletiva nas terras da comunidade.

O poder de Dica incomodava a elite local, os coronéis, que via nesse cenário uma repetição do movimento de Canudos³⁰. Não obstante, a fama de Dica espalhou-se por outras regiões, atraindo grande número de pessoas para a comunidade. As imprensas goianas e mineiras, inconformadas com a ascensão da fama de Dica e com um discurso de apoio aos fazendeiros denunciavam como embuste o grupo

²⁷ A Fazenda Mozondó era um condomínio de mais ou menos 12 lotes de tamanho desigual, não demarcados àquela época. Grande parte do terreno era composto de matas, sendo a área voltada ao cultivo, apenas suficiente à subsistência daqueles que lá moravam. (BRITO, 1992, p. 3-4)

²⁸ O condomínio Mozondó apresenta, no Censo de 1920, as denominações Lagoa, Misondó e Sapezal, entre outras. É que cada condomínio denominava sua porção de terra da forma como queria. O conjunto total da fazenda era, no entanto, conhecido como Mozondó. (VASCONCELLOS, 2013, p. 122)

²⁹ Eram proprietários de frações desiguais de terreno no condomínio Mozondó, à época de sua partilha, em 1927: Jacinto Cypriano Gomes, Benedicto Cypriano Gomes, Manuel Ferreira de Brito, Pedro Ribeiro Barbosa, Cecílio Rodrigues de Siqueira, Joaquim Francisco d'Abbadia, Benedicto Rodrigues de Oliveira, Antônio Delfino Duarte, Joaquim de Deus Passos, Benedicta Baptista Ferreira, Miguel Máximo Pereira, Joaquim José de Siqueira, José Antônio Delfino Duarte, Moyses Rodrigues do Nascimento, Francisca Pereira de Siqueira (representando os herdeiros de Adão Coelho da Silva), José Bruno da Silva e Melciades José de Siqueira. (VASCONCELLOS, 2013, p. 122)

³⁰ O medo dos coronéis era que o movimento de Dica ganhasse projeção muito rápida, causando descontrolado populacional. Nas fazendas, muitos trabalhadores já havia se debandado para a comunidade, em busca de uma vida melhor. (SILVA, 2005, p. 15)

fervoroso, pedindo ao governo providências contra os seguidores de Dica (SILVA, 2005, pp. 15-16), muitos deles trabalhadores de fazendas vizinhas que, ao aderirem ao movimento, deixaram para trás seus antigos empregos e passaram a trabalhar coletivamente nas terras da comunidade dos anjos. (BRITO, 1992, p. 4).

Na “Corte dos Anjos” eram reproduzidas festas religiosas praticadas pela Igreja Católica, a qual fora criada por Dica. Nesse período, a comunidade era invadida por romeiros vindos dos mais diversos lugares, ocasiões de festa religiosas a comunidade chegavam a receber entre 2 mil a 15 mil pessoas. (GOMES, 2012, p. 68)

Face a isso, santa Dica ganhava o ódio de outra parcela da sociedade, que, liderada pela Igreja, denunciava sua ousadia em presidir as cerimônias. Tais ações levaram Dica ser criticada por realizar batizados, confirmações e matrimônio cujas realizações cabiam às instituições religiosas, contrariando, assim, às normas da Igreja. (BRITO, 1992, p. 4)

Portanto a partir da religião, de seu carisma e de sua liderança construída na figura de santa Dica, da legitimidade religiosa conquistada mediante constantes provas de suas intermediações sobrenaturais, que o movimento social e político pôde se estruturar (GOMES, 2012, p. 71), sobretudo, nas relações de gênero. Gênero, aqui, como instrumento analítico, entendido também enquanto uma construção ordenadora da própria configuração social. Vale salientar também que as diferenças (saberes) estabelecidas entre os sexos permeiam redes de relações (inclusive, relações de poder) e práticas entre as pessoas em sociedade, interferindo nos comportamentos e na percepção de suas próprias identidades. (MOTTA, 2006, p. 69)

Tal comportamento feminino de Santa Dica gerou em Lagolândia, implicações de natureza social significativas, as quais, por sua vez, criaram condições para a compreensão da categoria de gênero nessa região, onde Dica atuou como curandeira, conselheira, líder e “santa”. A abrangência dessas situações contribuiu para a resignificação dos comportamentos e das regras construídas culturalmente a partir das diferenças biológicas. (MOTTA, 2006, p. 70)

2.1 SANTA DICA: UMA LÍDER NO INTERIOR DO GOIÁS

A historiografia tradicional tentou isolar as mulheres da História, mas entendemos que as ações de diversas delas, especialmente as de Goiás, nos mostram como sempre foram atuantes não só no espaço familiar como mães, esposas e líderes dentro do seio privado, mas, principalmente, nos espaços públicos goianos, como escritoras, professoras, poetisa, jornalistas etc.

Manifestações femininas marcam desde muito a luta das mulheres goianas contra os valores da sociedade patriarcal, motivadas por um desejo de mudança e por melhores condições sociais, marcam desde muito a luta das mulheres goianas contra os valores da sociedade patriarcal. (ABREU, 2001, p. 53). A liderança de santa Dica, a partir das relações de gênero, reforça nossa conclusão acerca dos conflitos sociais realizados em Lagolândia.

Benedicta foi uma mulher muito criticada por romper padrões e transgredir uma sociedade misógina, ultrapassando as barreiras das autoridades conhecidas até então e construindo uma nova ordem, uma ordem em que todos tinham direitos iguais. (SILVA, 2005, p. 46)

Ainda de acordo com Silva (2005), podemos observar outra característica importante sobre sua liderança feminina:

Benedicta Cypriano, líder, era mulher o que era bastante incomum para a época, visto que a mulher não tinha vez, nem voz. Não podia falar em público, não podia exercer uma liderança. E Dica conseguiu não só liderar uma Comunidade como também contribuiu com sua força para a formação de uma tropa, que muito auxiliou o governo do estado, contra a Coluna Prestes. (SILVA, 2005, p.46)

A liderança de uma mulher era um fato muito incomum para o período, e a sociedade goiana viu-se confrontada pelo poder daquela mulher, “capaz de comandar homens e se fazer obedecer cegamente, e, isso numa época em que a mulher ao menos tinha o direito à participação política através do voto”. (BRITO, 1992, p. 05)

Santa Dica não se alinhava ao modelo de uma sociedade fortemente influenciada pelo masculino, e suas ações de liderança, em âmbito público, abalaram a sociedade, as hierarquias e os valores pelos quais a permissão deveria

ser concedida apenas aos homens, enquanto às mulheres, cabia somente a reprodução. (REZENDE, 2011, p. 23)

Percebe-se, então, que Dica conseguiu estabelecer uma liderança muito forte de seus adeptos com a criação de um documento chamado Carta Sagrada.

A “Carta Sagrada” foi um importante documento que serviu como uma espécie de literalização de todo um conjunto de normas éticas, profecias e deveres religiosos que faziam parte do cânon oralmente estabelecido na “Corte dos Anjos” (GOMES, 2012, p.76), Dica ditava as normas e as leis a serem seguidas. Aqui observamos, mais uma vez, o gênero como confronto das regras anteriormente construídas.

Carta Sagrada

Carta Sagrada, dada por Nosso Senhor Jesus Cristo. Pelo monge Santo Frei Manoel Salvador, dizendo, filhos meus, reunindo como o sangue derramado na Cruz. Por vós aviso com tempo para livrarem de vossos pecados que tens feito contra mim. Pois, meus filhos se não fosse eu ter pezar, já tinha destruído todas as maldades que tens feito contra mim. Se não fosse os Benditíssimos rogos de minha mãe, Maria Santíssima, Santa Catarina, Santa Tereza e São Francisco e os anjos de vossas guardas, eu já tinha consumido abraçado o divino pedido por vossa vida, contra os erros que tens feito cruel contra mim, e tanto que tenho avisado pelos meus vigários e meus profetas. Nem assim vós não arrependesses, para mudar de vida. Eu mando que vais à missa aos domingos e os dias Santos de guarda, fazeres suas orações para cumprir como os meus preceitos. Eu não quero que trabalhe aos dias de sábado, domingos e dias santos. Dar esmolas aos pobres de bom coração e de rosto alegre, que terais de mim o sacro, no dia do grande castigo, que eu mandarei de Agosto em diante também destroirei com raios, medonho trovões, tempestades e tremor de terra. Verais tocar cornetas, temer a minha ira contra vós. Terão vossos pais arrependidos de não ter educado os vossos filhos quando era tempo, agora é tarde. Se não arrepender com lágrimas naquele momento e todos que duvidar das minhas palavras não terão benção e serão condenados no inferno para sempre. Todos que usarem o ato de caridade para com os seus semelhantes e fizerem a misericórdia para o seu próximo. Santa Catarina, Santa Tereza, São Francisco e os Anjos da vossa guarda são que este meu aviso, com tempo de arrepender dos erros que tens cometidos, para livrar do inferno para sempre. E quem tiver em sua casa esta carta sagrada de aviso, com fé em mim não terão o castigo. E quem duvidar que estes meus avisos foi feito por minhas sagradas mãos e trazida por meus anjos, serão destruídos como o primeiro século. Todos aqueles que tiver esta carta em casa com grande fé em mim deve copiar pelo amor de Deus a primeira para minha mãe Maria Santíssima a segunda para Santa Catarina, para ser espalhada pelo mundo. Eu perdorei todos os pecados daqueles que não souber ler nem escrever, dar um vintém a quem souber, este vintém será posto no cofre das almas para ficar vigorosa esta carta. É para ler todos os Domingos sem falhar e serão livres de todos os perigos desta vida. Quem temer do castigo e quem tiver e não cumprir com os meus preceitos não terão o pão e nem alimento corporal. Verão vossos filhos morrer de tanta crueldade e tormento e não saberão por onde vai, a respeito dos abusos, das culpas cometidas que tens feito contra mim. Meus ingratos filhos, torno

a avisar com tempo é preciso rezar uma salve rainha, para minha mãe Maria Santíssima, para Santa Catarina, para Santa Tereza e para São Francisco, e um pai nosso uma ave-maria e um Glória ao pai, por vosso anjo da guarda, para que interceda para não ser castigado, pelas vossas plantações e criações e serão todos felizes por minha mãe Maria Santíssima, por todos os séculos dos séculos, Amém. (VASCONCELLOS, 1991, p. 212-213)³¹

Entendemos que a Carta Sagrada serviu como um código de conduta, regras e preceitos morais instituídos por Dica na comunidade, determinando o que era ou não permitido.

As novas leis emanadas da autoridade carismática de Dica eram obedecidas sem qualquer questionamento, tornando-se claro que a obediência significava a legitimação da nova liderança de santa Dica na comunidade.

A Carta Sagrada foi um documento fixado em Lagoa, cuja população passou a obedecer e que serviu para a comunidade de Lagolândia como um código de regras de conduta ética exercido no reduto dos anjos. A Carta Sagrada constituiu-se também como um documento religioso, o que é comum em quase todas as religiões que instituíram documentos como as escrituras sagradas.

A Carta Sagrada era o melhor documento para exprimir a nova ordem a ser seguida. Santa Dica era obedecida pelos fiéis e romeiros, pois a crença geral é que ela mediava a terra e o sobrenatural: onde morava Benedita, viviam seus seguidores. Seguir os ensinamentos estabelecidos pela Carta tornou-se uma devoção religiosa para os fiéis e romeiros que esperavam alcançar a proteção dos anjos. (VASCONCELLOS, 1991, p. 140)

Os moradores da “corte dos anjos” buscavam em Santa Dica segurança para que pudessem viver em paz e liberdade. No reduto, não deveria haver qualquer discórdia, sendo proibida a ingestão de bebidas alcoólicas. Benedicta, portanto, não permitia na comunidade a venda de aguardente entre seus seguidores para que os mesmos não pudessem sair de seu estado natural, evitando criar qualquer discussão ou violência. Também era proibido o trabalho nos dias de sábado, domingo e dias

³¹ Na leitura da Carta Sagrada, há uma dificuldade de compreendê-la, pois há os erros de “grafia em português”, provavelmente fruto da pouca alfabetização do autor(a) da carta (seja Dica ou não). O texto foi mantido do documento original (cópia mantida por moradores vivos à época da pesquisa de Vasconcellos). Anexo por Vasconcellos (2013).

santos. Tal mandato, no entanto, dilatava os dias de descanso dos trabalhadores e, por tal razão, contrariava a lei emanada do poder civil, que previa não só um horário de doze horas de serviço, mas que o descanso se fizesse aos domingos e dias santificados, conforme a religião dos contratantes. (VASCONCELLOS, 2013, p. 134)

Dica não parou e através dos “conselhos” e instituiu que o produto do trabalho da terra deveria ser repartido por todos, recebendo cada um conforme sua necessidade. (VASCONCELLOS, 2013, p. 134)

Santa Dica, em seus momentos de ausência, comunicava-se com as falanges de Anjos, que propunham o novo modelo de vida a ser seguido pelos fiéis. Os contatos com os anjos davam-se em momentos de transe e desligamento do mundo terrestre. (SILVA, 2005 p.78)

Quando vai ficando em transe, isto é, quando dela vem se apoderando esta espécie de enervação de seu corpo e perda dos sentidos, vê, claramente, com os olhos abertos, uma várzea muito grande e limpa, onde pessoas do outro mundo se encontram, chegando mesmo a verificar a presença ali, de alguns conhecidos seus, já mortos, mas nada ouve a não ser uma campainha que soa a seus ouvidos, fatos esses que são o prenúncio, como disse, de um estado de torpor ou mesmo insensibilidade absoluta em que minutos depois cai e sob o qual dizem falar em nome dos espíritos [...]. Que pessoas que vê na várzea aquém se referiu tem um todo diferente das da terra, pois são de ordinário bastante alvas e trajam-se de modo diverso dos deste mundo. (VASCONCELLOS, 2013, p. 130)

Havia os conselhos, reuniões que aconteciam no casarão de curas e nas casas dos moradores, ocorridas às quartas e às sextas-feiras. Nesses dias, Dica não comia antes da cerimônia ser encerrada, ficava em jejum. Em seguida, era levada para o banho³², e depois se dirigia para a sala maior da casa onde se encontrava um altar. Em sua casa para a realização dos conselhos, Dica deitava-se e, em poucos minutos, fica estática, parecendo mesmo estar morta. Nesse momento começavam as manifestações dos Guias espirituais. Segundo relatos, Dica, durante os transes, ficava como morta, a voz saía de seu corpo, mas sua boca não se mexia, mudava de voz constantemente, conforme os Guias se manifestavam, sempre com as luzes apagadas. (REZENDE, 2011, p. 18)

³² Banho, nesse sentido, representa simbolicamente um ato de purificação.

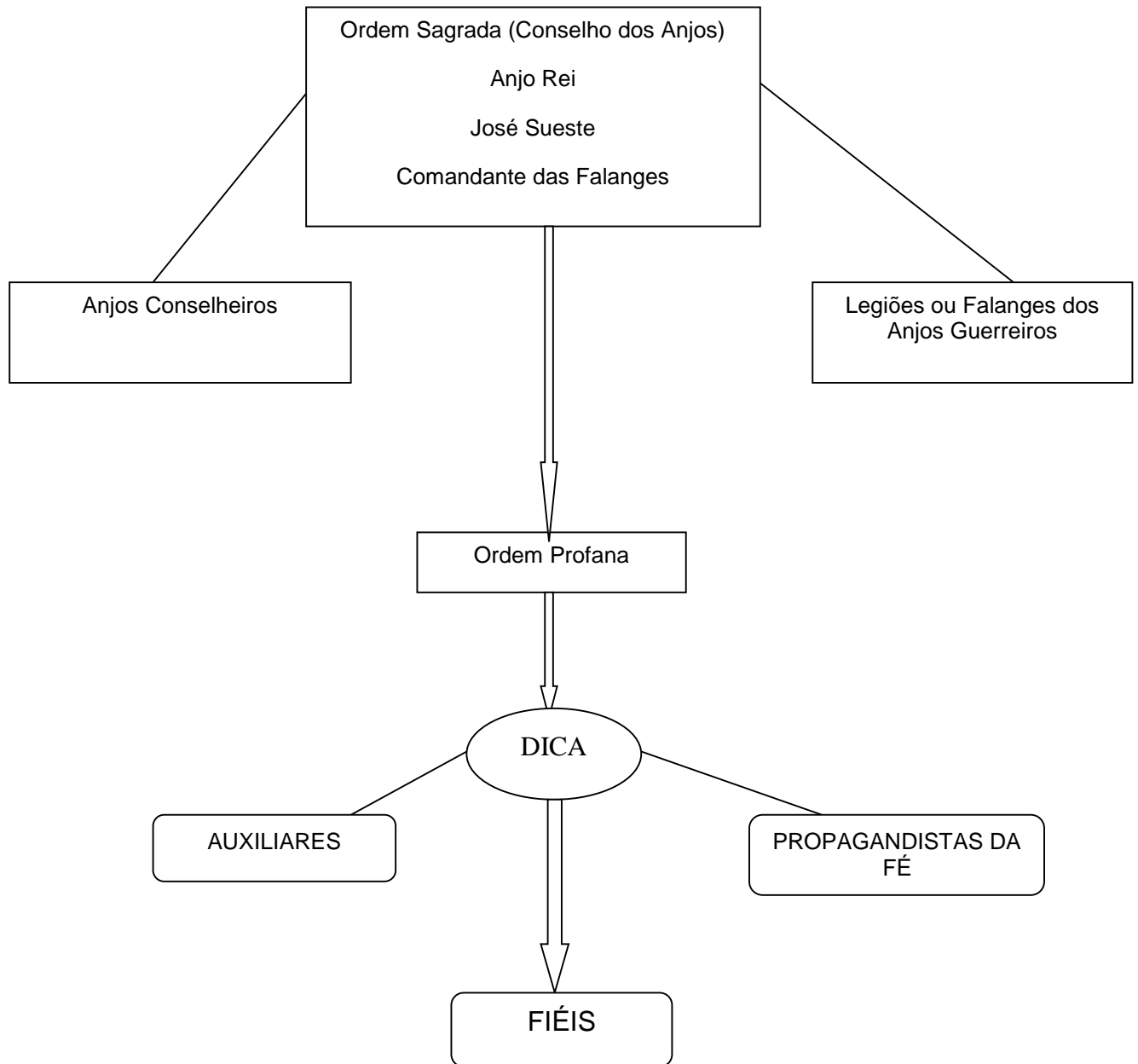


Figura 4: Casa onde santa Dica viveu e realizou suas curas e benzeções.

Fonte: Acervo fotográfico de Siqueira (2015).

Através da realização dos conselhos espirituais (FIGURA 4), com o corpo imóvel, em estado de transe, Dica transmitia as mensagens recebidas. As que necessitavam de serem anotadas eram manuscritas por Alfredo dos Santos, único seguidor de sua confiança, sendo também o único que sabia ler e escrever no reduto. Dentre os conselhos recebidos, encontravam-se indicações para a cura de doenças, distribuição das tarefas da comunidade, regras morais, organização de festas, orações de curas, benzeções, aconselhamentos de problemas particulares, de ordem amorosa e financeira etc. (REZENDE, 2011, p. 19)

Organização social e sistema de poder em Lagolândia:



Fonte: MOURA, Antônio José de. 1989, p. 57. Segundo o jornal “Estrela do Jordão”.

Segundo Rezende (2011), esse era o sistema de poder que regiu a Sociedade Sagrada, da qual, e os habitantes de Lagolândia, por inspirados em anjos passaram a ser considerados irmãos. Ágora dos Anjos ou República dos Anjos foi a denominação recebida para o local onde Dica morava com seus fiéis.

Nesse sentido, através da concepção da obediência e do pecado, Dica determinou, com sua autoridade feminina sobre os moradores da comunidade, emanada de ordens de anjos e guias específicos, que a administração do reduto se

faria com leis do Conselho Espiritual, constituído por anjos que pertenciam à falange que vinha falar com a santa. Essas leis seriam transmitidas ao povo diretamente por Santa Dica, sem qualquer intermediário. (VASCONCELLOS, 2013, p. 127)

Importante lembrar que Dica tem como referência, na Carta Sagrada contra o pecado que fosse praticado na comunidade, as três santas. Maria Santíssima, Santa Catarina, Santa Tereza. Isso vem reforçar a tese da importância da mulher como líder e seus direcionamentos contra os males que pudessem atingir o indivíduo ou a coletividade, caso desobedecessem às leis identificadas na Carta.

Assim, essas considerações, segundo Gomes (2012, p. 80):

O processo de eticização e racionalização da religiosidade de Dica, portanto, se deu também por meio da literalização das normas de condutas e deveres éticos religiosos. Os demais caminhos tomados por tais processos se deram a partir dos ritos religiosos praticados por Dica, a partir dos quais não somente a ética religiosa era instituída por meios das revelações, como a própria hierarquia e ordem social foram estabelecidas no reduto.

A literalização das normas de conduta na “corte dos Anjos” eram estruturadas em alguns elementos rituais com a realização de batismos, casamento, crismas e as manifestações em relação às conferências proferidas para os moradores da comunidade.

A partir das ordens emanadas da liderança de Dica, os fatos religiosos tornaram-se a expressão ritual de uma grande característica da Corte dos Anjos.

De fato, os ritos têm uma repercussão social enorme, seja pelo elemento gestual, que é mais visível, seja pela organização que implicam (preparação, atores, lugar, objetos ou utensílios usados na sua realização etc). O rito é o equivalente gestual do símbolo. Dito de outra maneira, o rito é um símbolo em ação. (CROATTO, 2001, p. 329)

Para Eliade (1998, p. 364), o símbolo não é importante apenas porque prolonga uma hierofonia ou porque a substitui, ele revela uma realidade sagrada ou cosmológica que nenhuma outra manifestação revela.

Desta forma, Dica, usando da sua autoridade e nas manifestações durante as conferências com uma legião de anjos, passou a revelar e a diagnosticar simpatias, a fabricar remédios para todos os males (SILVA, 2005 pp, 66-67), além de realizando batismos, normalmente em crianças recém-nascidas, através da imersão das mesmas nas águas do Rio do Peixe (principal rio que corta o reduto), cujo nome Dica mudou para “Rio Jordão”. (FIGURA 5). (GOMES, 2012, p. 81)



Figura 5: Rio do Peixe ou também conhecido como Rio Jordão, rebatizado por santa Dica.

Fonte: Acervo fotográfico de Siqueira (2015).

A sacralidade das águas e a estrutura das cosmologias e dos apocalipses aquáticos só podem ser reveladas, integralmente, através do simbolismo aquático, que é o único sistema de integrar todas as revelações particulares das inúmeras hierofanias. Naturalmente este simbolismo aquático não se manifesta em parte alguma de modo concreto, não tem suporte, é constituído por um conjunto de símbolos interdependentes e suscetíveis de se integrarem num sistema, mas nem por isso é menos real. Basta que nos lembremos da coerência do simbolismo da imersão nas águas (batismo, dilúvios, Atlântida), da purificação pela água (batismo, libações funerárias), da pré-cosmogonia (as águas, o lotos ou a ilha, etc.), para nos darmos conta de que estamos em presença de um sistema bem articulado, sistema que, evidentemente, está implícito em qualquer hierofania aquática, por modesta que seja, mas que se revela mais claramente através de um símbolo (por exemplo, o “dilúvio”, ou o “batismo”) e só se revela totalmente no simbolismo aquático, tal como se destaca de todas as hierofanias. (ELIADE, 1998, p. 366)

As hierofanias realizadas por Santa Dica nas águas do “Rio Jordão”, rebatizando seus seguidores, significou para os fiéis um recomeço de uma nova vida,

isso significou para a Igreja, o medo da perda do poder ou simplesmente sua divisão. (BRITO, 1992, p. 80)

Em face das curas e dos batismos, Dica, usando da sua autoridade, passou a controlar os atos da população no reduto, chegando a propor uma vida melhor aos camponeses que ali passaram a residir.

De acordo com Rezende (2011, p.78):

Santa Dica foi uma luz desses peregrinos que pertenciam às classes sociais de baixa renda, e encontraram ali, junto de Dica muito mais que alimentos e remédios, a proteção contra todos os males que afligiam naquele período: a violência, a opressão e a desigualdade social. Para a maioria, era como se tivessem ainda encontrado o "Paraíso", aqui mesmo na terra, e se não houvessem ainda encontrado a perfeição e a felicidade eterna, essa era dada como certa, conforme o que era pregado na Bíblia Sagrada, lida todos os dias, seguindo orientações dos Guias Celestes, através dos Conselhos.

A população do reduto acreditava que Dica era capaz de realizar a missão que lhe fora confiada. Seus seguidores, ou fanáticos, como querem outros, passam a obedecê-la, reconhecendo nela um chefe e guia. (VASCONCELLOS, 2013, p. 120)

O fenômeno santa Dica, sendo um movimento social com fortes características de gênero, confrontou o sistema social marcado pela forte influência, até então, centrado em um poder masculino.

Entendemos, como Scott (2004), que gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.

Para que haja a instalação de uma comunidade ou uma nova ordem, é necessária a presença e a atuação de uma pessoa que rompa os padrões da ordem vigente. E para que haja movimento nas relações de gênero, é necessária a presença de uma líder. Dica foi líder, profeta, redentora e considerada possuidora de dons sobrenaturais, foi capaz de realizar uma missão que parecia impossível, lutando contra uma sociedade fortemente marcada pela misoginia.

Quando Dica afetou os interesses de fazendeiros, que eram aqueles que promoviam o trabalho, ela estava, na verdade, afetando muito mais que o poder da oligarquia, estava indo de encontro a uma estrutura social de dominação masculina

que não admitia a “novidade”, muito menos a liderança de uma mulher, pois só podia funcionar pela ausência de oposição. (BRITO, 1992 p. 94)

Ainda segundo Brito (1992, p. 94):

Sob essa perspectiva, santa Dica pode ser entendida como irrupção de um poder paralelo que ao apresentar alternativas à ordem estabelecida, engendra as resistências/oposições dessa mesma ordem.

É justamente nesse aspecto, ao aprofundar e completar a crítica à sociedade patriarcal, que o feminismo constituiu-se num tipo de poder e de ação que envolve toda a sociedade, não só as mulheres, contra o sistema de poder identificado com o elemento a que se opõe o patriarcalismo. Entretanto o feminismo tem sido capaz de causar impacto considerável sobre as estruturas sociais, as relações interpessoais e as instituições (ABREU, 2001, p.38)

Entretanto os milagres foram, sem dúvida alguma, os anunciadores da existência de santa Dica como mediadora entre o céu e a terra para a região de Lagoa. A realização dos milagres e sua liderança despertaram a atenção do país para o vilarejo da Lagoa, Calamita dos Anjos³³, Reduto dos Anjos, Corte dos Anjos, como ficou denominado o lugar liderado por Dica.

No reduto dos anjos, Dica também prenunciou acontecimentos ao relatar a Pedro Ludovico o nascimento de seu filho Mauro Borges, a transferência da Capital da Cidade de Goiás para Goiânia, e realizar sua maior previsão no que se refere à política nacional, quando conheceu Juscelino Kubistchek e relatou que, futuramente, ele seria Presidente da República. (REZENDE, 2011, pp 79/80).

A fama de Dica ganhou destaque nacional na “corte dos anjos”. Santa Dica teve ainda mais força e política ao editar um jornal manuscrito, “A Estrela do Jordão Órgão dos Anjos, da Corte de Benedita”, que foi responsável por divulgar todos os fatos ocorridos no reduto, e que também se tornou destaque em outros estados. (SILVA, 2005, p. 45)

³³ A designação Calamita dos anjos só é encontrada no jornal O Democrata, em sua edição de 10 de outubro de 1924, no artigo “Santa Dica”. O local ficou conhecido por Anjos por ser ali a sede das conferências entre estes e Dica. Há quem diga que aquele local seria chamado de Canaã. (VASCONCELLOS, 2013,p 136)

A corte dos anjos passou a ser ameaçada pela “sociedade circundante”, e seus séquitos, por serem adeptos da santa, passaram a sofrer restrições, pela presença de muitos desocupados no recinto de Lagoa.

Na Lagoa, o poder de Dica é mediado entre o céu e a terra, fazia com que suas ordens fossem obedecidas sem qualquer questionamento pelos seguidores do reduto. Nesse momento, a sociedade se colocou em oposição ao reduto, sendo secundada por segmentos da Igreja, da sociedade e do Estado. (VASCONCELLOS, 2013, p. 132)

Com as crises internas do estado, a presença da Coluna Prestes em Goiás (1924-1925) repercutiu intensamente.

De acordo com Vasconcellos (2013, p. 146):

A propaganda desenvolvida pelo governo contra revoltosos da coluna fez espalhar o terror entre as populações do sertão goiano, que chegaram a abandonar as cidades onde vivem, temerosos dos saques e destruições que, supostamente, eram feitos.

Sobre a passagem dos revoltosos em Goiás, o governo organizou duas frentes de batalhas, a primeira na capital, Cidade de Goiás, formada por 1114 homens, sob o comando do Senador Eugênio Jardim e do 1º Tenente do Exército Floriano Brayer. (REZENDE, 2011, p. 26).

Ainda como assinala Rezende (2011, p. 26):

O segundo batalhão, formado no sul do Estado de Goiás, compondose de 1116 homens, sob o comando do Senador Antônio Ramos Caiado e dos 1º Tenentes, Aguinaldo de Castro e Jaime A. dos Santos, fazendo parte também, o Vice- presidente do Estado, Senadores, deputados Estaduais, Juizes de Direito, Médicos, Comerciantes, Chefes Políticos de toda a região sul de Goiás, inclusive santa Dica, que recebeu quinhentos mil réis de doação do Coronel Chico de Sá, da cidade de Pirenópolis, apesar da perseguição sofrida por parte da Igreja Católica e da Imprensa.

Com a passagem da Coluna Prestes em Goiás, Dica a convite do governo estadual a época pelos Caiados, comandou um batalhão de homens de aproximadamente de 400 homens armados, integrando o Batalhão Patriota, também conhecido como Coluna Caiado, para impedir a entrada dos revoltosos na cidade de Goiás. Embora não tenha ocorrido confronto entre a Coluna Prestes e a Coluna Patriota, santa Dica participou de manobras militares em Goiás. (BRITO, 1992, p.05).

A imprensa tornou-se uma grande aliada e, em conformidade com os interesses da Igreja, da sociedade e do Estado, passou a exigir intervenção policial contra a perturbação da ordem ocasionadas pela liderança de santa Dica.

A partir da participação de Dica e de seus homens na Coluna Patriota, Benedicta Cypriano ganhou maior prestígio na sociedade goiana, aumentando o confronto com a “comunidade circundante”.

O prestígio de Dica aumentou a ira do jornal Santuário de Trindade ao pressionar o Poder Público, acusando novamente os “foros cultos de Goiás”, mencionando uma suposta homenagem a Dica quando de sua presença na capital.

Bem feito! Não quiseram da ouvidos às nossas reclamações a respeito da tal Histórica “Dica dos Anjos” e agora tem de sofrer as consequências. A imprensa do Rio de Janeiro e São Paulo darem boas cachinadas da credence e insensatez dos que cultuam a grande santa. Os motejos e sarcasmos indicando nomes e narrando as homenagens prestadas à Dica na capital do estado, são verdadeiramente desconcertantes e humilhantes para os foros cultos de Goiás. Já os títulos que dão as suas crônicas, em tipos gordos e alarmantes chamam à atenção do leitor e expõem no ridículo o procedimento dos goianos que se deixaram levar pela lábia da Dica. E a história não ficará nisso: daqui a dias essa imprensa colocará nosso estado no rol das tribos selvéticas que acreditam em feiticeiras e bruxas e nós teremos de engolir a pílula porque os próprios goianos (grifo nosso) deram a mão à palmatória. (Santuário da Trindade. Ano 4, n. 123. 05/09/1925 apud GOMES, 2012, p. 124. Grifo nosso)

Uma mulher que explora o povo, ou que é apenas doente, não se encaixa nesse modelo de mulher idealizada. (BRITO, 1992. p.190)

A Comunidade passou, então, a conviver com constantes ameaças de fazendeiros locais, descontentes com o perigo que representava o exemplo de exploração coletiva da terra, proposto por Dica, sendo vista como um risco sua expansão no quadro político-social do Estado. (SILVA, 2005, p. 17). Outras ameaças partiam da Igreja, com denúncias feitas pelos padres redentoristas que controlavam a evangelização no sul do Goiás, e da imprensa do estado, que alertava para a repetição de um novo movimento de Canudos, que poderia ocorrer na Corte dos Anjos. (BRITO, 1992, p. 6)

Em 1925, pressionado pelos fazendeiros, Igreja e imprensa, o governo estadual resolveu dar fim à comunidade. Santa Dica e alguns auxiliares foram acionados pela justiça, com a ordem de prisão decretada. Forças policiais receberam ordens expressas de reagirem, caso o reduto dos anjos resistisse à ordem de prisão

decretada. (SILVA, 2005, p. 16). A advertência foi seguida à risca e , à primeira reação, as forças policiais abriram fogo contra José Cipriano Gomes, tio de Dica, que reagiu e caiu morto na rua. Esse episódio ficou conhecido como o “Dia do Fogo”.

Dadas a proporções do episódio do “Dia do Fogo”, encontramos relatos de moradores sobre os poderes sobrenaturais de Dica, uma vez que, segundo as duas autoras a seguir, a santa não foi morta e nem presa pela força policial .

De acordo com Brito (1992, p. 6):

Esse fato é relatado de uma forma sempre espetacular: as balas batiam no vestido de santa Dica e ricocheteavam, os anjos não permitiam que as balas os alcançassem, por isso elas subiam acertando apenas as partes altas das casas, santa Dica teria entrando no rio andando pelas águas, ou então, ao mergulhar no rio, teria sido puxada pelos longos cabelos por Caxeado até alcançar a outra margem do rio, aqueles que prenderam-se a seus cabelos também se salvaram. Os depoentes revelam que não acreditam nessas histórias, mas garantem que isso era o que se contava a época.

Segundo assinala Rezende (2011, p. 30):

Encontramos quem garante que no início, antes da fuga de Dica e seus seguidores, os tiros foram quase todos em direção desta, mas as balas caíam de seus cabelos como se fossem grãos de milho e não entravam no corpo dela. O vestido usado por ela naquele dia até pouco tempo podia ser visto, pois fora guardado, e permanecia todo perfurado pelas balas. Soldados disseram que quando receberam ordens para atirar, avistaram nos galhos mais altos da gameleira em frente ao salão onde funcionava o hospital de curas, três crianças nas quais atiraram acirradamente sem que nenhuma delas caísse. As três crianças de branco seriam os anjos: José Sueste Silvéria e Serafim³⁴, que estavam aí para protegê-los, como havia sido falado pelos Guias de Dica.

A resistência oferecida pelos seguidores à prisão dos indiciados é assim descrita pelo tenente Monteiro da Força Pública do Estado dom Goiás:

[...] a cada alto de nossas armas, mais se redobrava a insânia dos adeptos, que prorrompiam em vivas aos anjos, à Santa Dica, a Isidoro, além de improperios dirigidos à força e acompanhados de toques de buzinas e batidas em latas ou coisa semelhante.

[...] durante o combate, fiz com que as nossas armas se sustentassem por três vezes, a fim de me aperceber do ânimo dos fanáticos, expediente esse infrutífero, pois, a cada alto das nossas armas, mais redobrava a insânia dos adeptos [...] empreguei esforços possíveis e tendentes a evitar o sacrifício de vidas para o que mandei que se levantasse as alças de mira das metralhadoras, afim de que elas desempenhassem somente o papel

³⁴ Os Guias espirituais mais importantes, José Sueste e Silvéria, tinham sido primos de Dica e haviam morrido prematuramente, ainda crianças, e, em espírito, passaram auxiliar em sua missão de curar os enfermos. (REZENDE, 2011, p. 73)

intimidamente, tanto assim que os projetos atingiram à parte alta das casas e ranchos. (Processo 651, 1925, 33 apud VASCONCELLOS, 2013, p. 158)

Importante compreender, que a Força Pública estava dotada de armamento mais pesado e em local estratégico, não sendo possível um número maior de baixas entre a população do reduto. Analisamos duas versões diferentes apresentadas pelos dois lados, que apontam para o mesmo fato. Se, de um lado, tem-se a linguagem oficial, na qual os fatos são narrados de acordo com a ótica do poder, do outro, ouve-se a versão dos fiéis, que veem os fatos como poderes sobrenaturais intermediados entre Dica e os anjos na proteção aos que ali viviam

Com o fim do conflito que durou não mais de 30 minutos, segundo relato do tenente Monteiro, restou um saldo de (16 mortos e 5 gravemente feridos) seguidores da santa, não sendo reconhecidas baixas por parte das forças policiais.

José Antônio, adepto de Santa Dica e presente à tomada da corte dos anjos, discordou do relato do tenente Monteiro quanto ao tempo de duração do combate. Afirma ter este se prolongado por uma hora e quarenta minutos, e que o pelotão era formado por 114 soldados. (VASCONCELLOS, 2013, p. 156)

Após o fim do conflito, foram realizadas 2 prisões, a de Alfredo dos Santos e Jacintho Cypriano Gomes. De santa Dica, sabe-se que ela conseguiu atravessar o Rio Jordão, dirigindo-se para os lados de Sant'Anna do Moxorongo (atual Uruaçu), e, que seu pai Benedito, seu tio Gustavo e Manoel José Torres (Caxeado) fugiram.

Tendo se apresentado dias depois, santa Dica foi julgada e condenada a um ano e dois meses de prisão na Capital, sob a acusação de atentado à saúde pública e ao pagamento de uma multa de 200\$00 mil réis. Com ela, foram também julgados e condenados Benedicto (pai) e Alfredo dos Santos.

Benedicta, ao ganhar a liberdade, após cumprimento parcial da decisão devido a novo julgamento, realizado em sessão de 13 de julho de 1926, que julgou improcedentes as acusações contra os réus, teve que abandonar Goiás, dirigindo-se, com alguns seguidores, para o Rio de Janeiro e São Paulo. (SILVA, 2005, p. 18)

Um ano depois, após a invasão do reduto, em 1927, Dica retornou a Lagolândia, onde continuou realizando suas conferências e sua liderança feminina,

casada com o jornalista Mário Mendes, com quem teve 5 filhos e permaneceu casada até 1940.

Instruída pelo jornalista Mário Mendes, Dica começou a usar sua influência cada vez maior sobre um grande número de seguidores, participando da Revolução de 1930 e da Revolução Constitucionalista de 1932, ao lutar ao lado das tropas legalistas. Dica incorporou ao Batalhão Goiano de Siqueira Campos à frente de um exército formado com cerca de 150 homens, que voltou sem nenhuma baixa, resultado atribuído à liderança de santa Dica (SILVA, 2005, p. 19), que foi condecorada com a patente de capitão do Exército. (REZENDE, 2011, p. 88)

Após a participação da Revolução Constitucionalista de 1932, o prestígio de santa Dica cresceu, amedrontando o poder dos coronéis em Goiás. Foram grandes os esforços dos inimigos de Dica para contê-la, pois Benedicta desafiava seus inimigos e, cada vez, mais seus opositores perdiam poder para uma “mulher”. De acordo com Rezende (2011, p. 88):

Dica causava espanto aparecendo vestida de calças compridas e camisa, botas e armas na cintura, às vezes montada a cavalo. Como consequência da participação contribuindo com as forças governistas estaduais e federais, consegue a nomeação do esposo para o cargo de Prefeito Municipal de Pirenópolis, o qual ocupou de 1934-1937. Ele chegou a ser suplente de Deputado Estadual em 1935.

O coroamento desse período da vida de Dica foi à emancipação do distrito de Lagolândia, conseguido através de um favor político, ou seja, uma barganha, feita com o deputado estadual da época, Olímpio Jaime, que afirmou ter conseguido essa emancipação através de muito esforço, pois considerava-se em dívida com Dica, que o havia ajudado nas eleições passadas quando ele pleiteara a cadeira de deputado estadual, antes de apoiá-la, Dica havia dito que lhe daria a vitória e em troca queria a emancipação política de Lagolândia.

A emancipação do distrito de Lagolândia tornava Dica uma liderança cobiçada, sendo que durante o curto período em que durou o novo município todos os cargos eletivos ou nomeados tiveram a aprovação desta, tornando-se indispensável a qualquer um que pensasse em se candidatar a ocupar um cargo eletivo municipal, estadual ou federal, pois seu prestígio sobressaía os limites do estado de Goiás chegando aos grandes centros do país.

Muitos foram os políticos que a visitaram em sua casa, de destaque no cenário político estadual como Rezende Monteiro, Mauro Borges, Osiris Teixeira, Olímpio Jayme, Gonzaga Jayme, Nelson de Castro, Ary Valadão e Iris Rezende.

Contudo, afirma que os nomes de maior importância na vida política de Dica, foram Pedro Ludovico por ter se tornado amigo particular e livra-la de um complô para dar fim à sua vida, quando presa em 1950 e Juscelino Kubitscheck, após tomar posse como Presidente do Brasil desfila com ela pelas ruas de Goiânia.

Em 1950, Dica foi presa novamente, acusada, junto ao autor do crime, seu 2º marido, Francisco Luis Teixeira, conhecido como “Chico da Dica”. Nesta ocasião, Pedro Ludovico, governador do Estado de Goiás à época, transferiu Dica da cadeia de Pirenópolis para a Casa de prisão Provisória em Goiânia, tendo ela conseguido a liberdade em 1953.

Dica, no entanto, foi vendida por Mário Mendes pela quantia de 50 contos de réis para o seu sócio Francisco Luís, e, após sua liberdade, passaram a dividir residência, entre Goiânia e o distrito de Lagolândia.

Benedicta Cypriano faleceu em Goiânia em 9 de novembro de 1970, e foi sepultada, conforme seu desejo em Lagolândia. Chico Teixeira faleceu em 14 de junho de 1983, tendo sido seu corpo sepultado ao lado do túmulo de Dica (FIGURA 6).



Figura 6: Túmulos de Benedita Cipriano Gomes e de seu marido Chico Teixeira em Lagolândia Goiás.

Fonte: Acervo fotográfico de Siqueira (2015).

Santa Dica, antes de falecer, sempre mencionava onde gostaria de ser sepultada, afirmando que estaria em vigília na “República dos Anjos”, segundo as observações de Rezende (2011, p. 52):

Cumprindo um último desejo seu, Dica teve o corpo transportado para o distrito do qual foi fundadora e tentara transformar em uma República dos Anjos. O corpo foi velado no Salão de Curas e enterrado de frente ao mesmo, com a cabeça voltada para a igreja, e os pés para frente do casarão, como se um dia fosse se levantar e quisesse permanecer para sempre em vigília, cuidando dos necessitados que buscam ajuda nessa casa de curas. A sepultura é debaixo da sombrosa gameleira, cujas folhas serviram para curar uma infinidade de doenças, não contaram qual a razão, mas outra gameleira nasceu e foi deixada aos pés da sepultura de Dica, e agora já bem crescida arrebenta com toda a estrutura. Como se a gameleira pequenina que se desenvolveu seja a própria Dica, que está ressurgindo numa nova vida.

Como ponto de partida de uma teoria social do gênero, entretanto, a concepção universal da pessoa é deslocada pelas posições históricas ou antropológicas que compreendem o gênero como uma relação entre sujeitos socialmente constituídos, em contextos especificáveis. (BUTLER, 2015, p.32). Em Lagolândia, a relação entre os sujeitos sociais construiu-se com base na relação entre Santa Dica e os segmentos que eram contrários à liderança de uma mulher nas primeiras décadas do século XX, como os coronéis, a Igreja Católica e a Imprensa, a partir de um contexto especificável em que as mulheres na historiografia brasileira eram excluídas e silenciadas por não serem reconhecidas como sujeitos da história.

2.2 SANTA DICA: A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM MARGINALIZADA

De acordo com Rezende (2011, p. 39), Benedicta Cypriano Gomes foi moça bonita, simpática e inteligente, impressionou, com sua beleza, vários homens, e tornou-se uma mulher surpreendente pela coragem em enfrentar instituições como a imprensa goiana, a Igreja Católica e os coronéis.

Após ser proibida de retornar ao reduto dos anjos, Dica mudou-se para o sudeste brasileiro, ficando bastante conhecida em várias partes do Rio e São Paulo³⁵, (FIGURA 7) chegando ao ponto de destacar-se nas imprensas locais.

³⁵ O quadro com a imagem de santa Dica acima, foi pintado pela pintora e desenhista Tarsila do Amaral, ainda da década de 1920, confirmando o quanto Dica ficou conhecida na região sudeste brasileiro, após ser banida do estado de Goiás.



Figura 7: “santa Dica”, por Tarsila do Amaral, In *Misticismo e Loucura*, de Osório César, S. Paulo, 1939.

Fonte: MOURA, Antônio José de. 1989, p. 06.

A partir de 1922, o jornal católico, “O Santuário da Trindade”, foi criado para reforçar a fidelidade e os deveres dos religiosos, ao mesmo tempo que procurava reprimir qualquer inimigo da Igreja.

O referido jornal falava em nome da religião, edificando sua verdade sobre o confronto social e religioso contra Dica. Com isso, o objetivo do jornal era construir uma imagem negativa de Santa Dica, pois queria estabelecer sua autoridade sem ser contestado por qualquer inimigo(a) que viesse a contrariar a hierarquização do “status quo” do sistema.

2.3 SANTA DICA E O JORNAL O SANTUÁRIO DA TRINDADE

O Santuário da Trindade teve sua edição (1922-1931) coordenada pelos padres redentoristas, que chegaram a Goiás em 1894, vindos da Baviera Alemã, onde os redentoristas tiveram um papel fundamental para a manutenção da hegemonia católica local e contra a religiosidade e religiões não católicas.

De acordo com Gomes (2005, p. 133):

Este periódico em questão, por outro lado, tem sido utilizado pela historiografia goiana que estuda o movimento de santa Dica como sendo a principal fonte confirmadora da tese de condenação da Igreja Católica contra o poder de Dica, supondo, não raras vezes, que os religiosos estrangeiros teriam vindo ao Brasil com esta missão: controle e/ou eliminação das religiosidades populares. Não obstante, uma análise mais profunda do contexto, dos sujeitos e das conjunturas que envolvem tal processo de repressão de religiosa revela-nos que, embora tenha de fato havido tais condenações por parte dos Redentoristas, este processo é fruto também, de um conjunto de fatores históricos específicos e de uma conjuntura política, econômica, social e religiosa específica, que devem ser levados em conta quando intentamos compreender melhor suas motivações e interesses em tal condenação e repressão ao movimento de “santa Dica”.

O jornal o Santuário da Trindade não encontrava em santa Dica essa mulher de grande beleza e que encantava os homens, mas o que incomodava era sua liderança e o confronto social contra os principais segmentos sociais da época. Nesse sentido, o Santuário da Trindade, organizado, principalmente pelos padres redentoristas do sul de Goiás responsáveis pela evangelização daquela região, construíram imagens pejorativas e de total exclusão contra Benedicta e sua Corte dos Anjos.

O jornal buscou construir outra imagem de Dica ao aprofundar seu discurso em um processo de marginalização de sua imagem.

De acordo com Brito (1992, p. 56):

Santa Dica é apresentada como uma mulher que fala bobagens, asneiras, dá conselhos tolos. Ao mesmo tempo, é impostora, embusteira, trapaceira, o que requereria um mínimo de astúcia, pois, é a partir dessa prática que o “povo ignorante de deixa prender” por ela. É também histérica e visionária

Dica foi uma visionária que confrontou segmentos sociais daquela sociedade em prol do uso coletivo da terra, incomodando, e ganhando , mas os adjetivos

utilizados dessa imagem identificam Dica como uma mulher transgressora, que se diferenciava da mulher padrão do mundo privado.

Para “O Santuário da Trindade”, Santa Dica era apontada como uma mulher que dizia asneiras, ignorante, impostora, trapaceira, histérica. Ela era desqualificada pelo periódico, pois fugia à regra de um modelo-padrão de sociedade, a qual colocava punha em prática uma loucura que seria imanente a sua imagem.

Maria Clementina trabalhou a loucura feminina, buscando mostrar que os alienistas do século XIX traçaram perfis diferentes ao defender que as mulheres revelavam menos aptas do que os homens e que, portanto, eram mais vulneráveis à loucura.

De acordo com Maria Clementina (1989, pp. 128-129):

Assim, a crença em uma inferioridade natural marca todas as histórias de mulheres em situação de internamento. Essa inferioridade estaria inscrita diretamente em seus corpos, em sua natureza biológica que lhes definiria um papel social subordinado. Nesta medida, a loucura das mulheres aparecerá como algo diverso e mais transgressivo do que nos homens. Para estes últimos, ela estará geralmente associada, na fala psiquiátrica, à ausência de razão, ao mau uso da liberdade, à privação dos sentidos, aos comportamentos estranhos ou antissociais que manifestam no plano de sua presença pública, como trabalhador(a) ou cidadão(a). Para as mulheres, ao contrário, é geralmente na esfera privada, dominada pelas questões do corpo e da família, que a loucura é perseguida.

Notamos, então, que é justamente nesses registros que a liderança e o poder de santa Dica são traduzidos pelo discurso do jornal “Santuário da Trindade: foi uma mulher que se furtou ao seu papel “natural”, que insistiu em viver suas escolhas, que não se conformou com o papel que lhes era destinado.

Os alienistas aprofundaram suas observações científicas sobre loucura feminina no historiador francês, Jean Delumeau, quando o autor demonstrou, em sua obra, “História do medo do Ocidente” (1989), a noção de uma natureza demoníaca da mulher, que deveria ser contida para torná-la civilizada.

Importante observarmos que o jornal “O Santuário da Trindade”, apoiou-se em sua legitimidade, tanto do discurso científico dos alienistas do século XIX, como naquele que serviu de suporte a esse analisado por Delumeau, como fruto do medo da mulher. (BRITO, 1992 p. 59)

O jornal continuou seu discurso de marginalização sobre Dica, acusando-a de praticar batismos, casamentos, cerimônias religiosas cujas funções eram precípuas da Igreja Católica. Dica foi, assim, acusada pelo jornal de usurpadora de poder que comete atos de transgressão das normas padrão.

Para Delumeau, as práticas religiosas exercidas pelas mulheres foram relatadas pelos padres da Igreja no período Moderno, associado ao caráter impuro do sangue menstrual, devido aos diferentes destinos dados à condição humana de cada parceiro. O elemento paterno representa a história e o elemento materno à natureza. (DELUMEAU, 1989, p. 311). Para o autor,

[...] segundo eles, esse sangue carregado de malefícios impedia a germinação das plantas, fazendo morrer a vegetação, corroía o ferro, provocava a raiva nos cães. Penitências proibiam a mulher que estivesse menstruada de comungar e até de entrar na Igreja. Daí, mais geralmente, a interdição das mulheres servirem à missa, tocarem os vasos sagrados, terem acesso às funções rituais.

Assim na Idade Média cristã, em uma medida bastante ampla, somou, racionalizou e aumentou as queixas misóginas recebidas das tradições de que era herdeira [...]. Foi bem o medo da mulher que ditou à literatura monástica esses anátemas periodicamente lançados contra os atrativos falaciosos e demoníacos da cúmplice preferida de satã. (DELUMEAU, 1989, pp. 317-318)

A teologia cristã não deixou de continuar teorizando a misoginia, que foi fundamental para o desenvolvimento de um pensamento autoritário. Entretanto a usurpação do batismo, do casamento e da crisma exercidas por Dica no Reduto, são elementos religiosos monopolizados pela Igreja Católica, fazendo-se com que o jornal reforçasse a tese de uma intervenção policial na Comunidade liderada por Dica.

Dica não somente usurpava o poder monopolizado pela Igreja por não ser sacerdote, mas também por ser uma mulher³⁶. Na história da Igreja Católica desde, sua fundação (nas bases do próprio cristianismo, ou mesmo judaísmo), sempre prevaleceu a função de liderança ou gerência religiosa monopolizada pelo gênero masculino. (GOMES, 2005, p. 156).

³⁶ Realçamos a discussão acerca do paradoxo entre a “mulher” e a “santa” no que tange à legitimidade da ação religiosa. Se, por um lado, acredita-se que uma das razões do seguimento de Dica ter se dado em uma sociedade expressamente androcêntrica, como a goiana da década de 1920, se deve ao fato de ela ser considerada “santa”, por outro, os opositores de Dica buscavam reafirmar constantemente seu caráter de “mulher” (bruxa, histérica, louca) para deslegitimar sua liderança feminina religiosa. (GOMES, 2005, p.156)

Na edição de 9 de agosto de 1924, o Santuário da Trindade atacou novamente Dica pela ida de muitos romeiros ao Rio do Peixe ou “Rio Jordão”.

Ainda a Santa do Rio do Peixe

Conforme notícias que recebemos continua a romaria ao rio do Peixe em procura de tal “moça dos anjos”, que não passa de uma histérica e tresloucada. O povo ignorante e supersticioso quer ser enganado e não aceita conselhos e esclarecimentos. Isso só servirá para os inimigos zombarem da credulidade do povo. A ta bruxa deu agora para conferências e seguiu pra o Muquem onde continuará a fazer das suas. Pais e mães de família, pessoas de longe, dirigem-se ao Rio do Peixe, novo rio Jordão, para serem por ela rebatizados. Já se viu tamanha asneira? Novamente, é caso para a polícia intervir se não se quiser uma repetição dos Canudos e dos Muckers. (Santuário da Trindade, nº 7 09/08/1924 apud BRITO, 1992, p. 78 grifos Nossos)

Mais uma vez, o jornal construiu uma imagem muito negativa de Dica, e a moça dos anjos era vista pelo periódico como histérica, tresloucada e bruxa. Tais atos da “bruxa” confrontaram o poder da Igreja, as ações de rebatizar seus seguidores no Rio Jordão e, conseqüentemente, a negação do negava o batismo do Catolicismo. O medo da Igreja ficaria, dessa forma, mais explícito. O medo da perda de poder ou de sua partilha reforçaram expressões que desqualificavam Dica enquanto pessoa. (BRITO, 1992 p. 80)

Em História do Medo no Ocidente, Delumeau confirma que as mulheres, ao mesmo tempo orgulhosas e impuras, provocavam na Igreja um determinado medo pela perda de poder.

... Monjas tocam e maculam os panos sacros ou querem incensar o altar. Elas se mantêm no interior dos gradis do coro e ali pretendem servir aos padres. Leem e pregam do alto do púlpito, como se para isso tivessem autoridade. Anotamos de passagem esse temor de um religioso de ver mulheres se apoderarem da função clerical. Durante séculos, ele obsedou os homens da Igreja que temeram, pelo artifício dessa intrusão, o desmoronamento de todo um sistema. Com 250 anos de distância, o Jesuíta Del Rio faz eco a Pelayo e fala com indignação de certa religiosa, a qual se fazia de padre e comungava o povo com hóstias que ela consagrava: atos monstruosos cuja repetição não teria deixado de arruinar de ponta a ponta a grandiosa construção eclesiástica. (DELUMEAU, 1989, p. 325)

Pelayo, citado por Delumeau, autor de “De planctu Ecclesiae” citou um catálogo de 102 vícios e más ações da mulher. Dentre muitos atos, encontravam-se atitudes de mulheres que liam e pregavam no altar, exercendo um papel de autoridade, que foi capaz de reforçar toda uma literatura misógina que marcava a passagem de uma nova etapa do antifeminismo clerical.

Entretanto compreendemos que existiu um confronto de autoridade entre os padres redentoristas e a liderança de Santa Dica na região sul do Goiás, com forte ação dos antifeministas do Malleus, cujo posicionamento foi reforçado no final do século XVI e no começo do século XVII por um discurso eclesiástico de múltiplas facetas. De fato, foi esse o discurso reproduzido pelos padres redentoristas da Igreja de Goiás para que a Igreja não perdesse autoridade, devendo a polícia, a qualquer ação de perturbação da ordem, eliminar a liderança de Dica.

A perturbação da ordem fugia da norma e, nesse caso, havia a necessidade de intervenção da polícia. Segundo Brito (1992, p. 81), o questionamento moral/religioso correspondia a uma ação repressora sem argumentação e ao método de ensino/ disciplina e intervenção/ repressão.

A tal santa, santa é modo de dizer, bruxa que ela é, do Rio do Peixe, deu também para proibir o trabalho no sábado. Ninguém, segundo ela, deve trabalhar no sábado, porque esse dia também deve ser guardado. E muitos bobos já estão praticando o seu conselho. Não é para admirar, pois muita gente desejaria que todos os dias fossem dias de guarda para nunca precisar trabalhar. Só Deus, e em seu nome a Igreja, pode determinar os dias de guarda. Uma tola e histérica qualquer não tem direito para isso e os insensatos que observam essas determinações deveriam ser obrigados a alguns dias de trabalho forçado nas penitenciárias do Estado. Como é possível que no século XX haja ainda fanáticos que acreditam numa mulher doente e visionária? (Santuário da Trindade, nº 8 30/08/1924 apud BRITO, 1992, p. 81 grifos Nossos)

Nesse sentido, o jornal trata Dica de forma irônica ao chamá-la de “santa”, reiterando, assim, a imagem de Dica como “bruxa”. E quando a santa aparece é para reforçar a imagem daquela, pela oposição e ironia. (BRITO, 1992, p. 82)

O pensamento ocidental nos legou alguns conceitos sobre a imagem das mulheres. Na visão do cristianismo, a figura das “bruxas” estava ligada às mulheres, pois toda expressão de poder por parte dessas desembocava em punição. (ZORDAN, 2005, p. 332)

Rompendo leis que certamente ignoravam, as bruxas encarnam tudo que é rebelde, indomável e instintivo nas mulheres. Tudo aquilo que nesse tipo de sociedade, demanda severas punições para que o feminino selvagem se dobre ao masculino civilizado.

... A bruxa modifica-se dentro das eras, ficando em sua imagem as marcas que a sociedade lhe impôs. Mulheres incômodas para a comunidade, viúvas solitárias ou vizinhas indiscretas, as bruxas eram aquelas cujas práticas eram consideradas crimes mais graves do que as heresias. Sedenta por poder, a bruxa é maléfica e corruptora, de modo que, tanto na realidade como na ficção, todas as histórias de bruxas terminam com o castigo por sua insubmissão. (ZORDAN, 2005, pp- 332-333)

Para os padres redentoristas, a comparação entre o papel da bruxa dos séculos XVI-XVII, de Delumeau, com a imagem de Dica, como uma bruxa do século XX, tinha a finalidade de reforçar a ideia de que essa bruxa (Santa Dica) jamais poderia disputar o poder numa sociedade predominantemente masculina. Entretanto a Igreja reiterava a imagem de Santa Dica como uma “bruxa”, em cuja lógica patriarcal, pois o poder da bruxa rompia as leis, pois se tratavam de mulheres rebeldes, que reforçavam as imagens e os argumentos da sua convivência com os demônios e do seu pacto como diabo. (ZORDAN, 2005, p. 333)

A partir de uma visão cristã medieval, a bruxa é a causa de todos os males atribuídos ao feminismo Assim, “primeira companheira” de Adão, no seu ato de desobediência, fez surgir o pecado original, tendo ficado concatenada a imagem da mulher ao de satã.

O autor Roberto Sicuteri, em seu livro “Lilith, a Lua Negra” (1985), fala de Lilith, a primeira companheira de Adão. Assim como havia criado Adão, Deus criou Lilith do pó negro e, em face disso, a mulher foi criada como uma criatura predestinada a ser inferior e submissa ao homem³⁷.

Era inconcebível imaginar que a mulher, no caso Santa Dica, por si própria, tivesse a capacidade de curar e lançar malefícios sobre o corpo ou realizar certos fenômenos ditos “sobrenaturais”. (ZORDAN, 2005, p. 333)

Assim, Santa Dica, a “Lilith de Goiás”, (BRITO, 1992) em certo sentido, foi vista sobre duas cisões: de um lado, no discurso dos padres redentoristas, Dica permaneceu como espírito maligno terrestre que evoluiu como uma bruxa de outro, se tornou uma mulher santa para os seguidores do reduto.

Lilith é o arquétipo do feminino rebelde... Lilith se estrutura como modelo e símbolo das proibições colocadas ao desejo sobre as quais vão se agregar influências religiosas de culto e psicológicas, transformando-a em verdadeiro tabu. (SICUTERI, 1985, p.58)

Lilith é todas as mulheres que ousaram romper esse tabu instituído pelas sociedades patriarcais. As mulheres que ousaram romper modelos patriarcais são as

³⁷ Seguramente, aqui interveio a agressividade masculina inserida na sociedade hebraica estruturada rigidamente em sentido patriarcal com acentuação dos valores patrilineares. Na criação de Lilith, está implícita a perda da unidade mágico-religiosa dos dois sexos na pessoa única do homem. A mulher, evidentemente, enquanto reprimida e comprimida sob a autoridade do macho, tentava reconquistar, então, a paridade. (SICUTERI, 1985, p. 28)

tantas Liliths construídas através dos tempos, e Santa Dica foi considerada pelos padres redentoristas uma delas. (BRITO, 1992, p. 85)

Santa Dica agora era bruxa, cuja imagem, com a denominação de tola, histérica, doente e visionária foi marginalizada mais uma vez pelo jornal “Santuário a Trindade”. Como seria, assim, possível que povo acreditasse numa mulher?

A categoria de gênero torna-se uma forma de indicar “construções culturais”, a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres (SCOTT, 1995, p. 75), inscrevendo-se, nesse pressuposto, uma articulação intrínseca entre gênero e poder, uma vez que as diferenças entre as relações desiguais entre Dica e o jornal “Santuário da Trindade”, notabilizam o discurso que fez equivaler verdades construídas pelo jornal, desqualificando de antemão a imagem de Dica.

O jornal “Santuário da Trindade”, dirigido pelos padres redentoristas, reforçou seu discurso sobre Dica, em que a santa era um mau exemplo para a sociedade e, por isso causava a perturbação da ordem. A ordem, nesse caso, era constituída pelos interesses da Igreja, do Estado e dos fazendeiros. (BRITO, 1992, p. 93)

2.4 SANTA DICA E O JORNAL O DEMOCRATA

Agora, partiremos para a análise sobre o discurso de outro jornal da imprensa goiana chamado de “O Democrata” Esse periódico também construiu uma imagem marginalizada de santa Dica e era favorável à intervenção da polícia no “Reduto dos Anjos”.

Em sua primeira edição, “O Democrata” defendeu o mesmo pensamento do jornal “Santuário da Trindade” sobre santa Dica:

Santa Dica

De vez em quando, em nosso Estado, como em toda parte, surge um santo ou uma santa com o seu grande cortejo de milagres e coisas sobrenaturais, enchendo de pasmo e admiração os nossos ingênuos e rústicos patrícios sertanejos, criados, desde o berço, dentro de uma fé e crença vivas, ouvindo da boca de seus maiores, atemorizados, as mais fantásticas histórias de fadas e de santos, de anjos e de demônios. E a narração dos milagres e virtudes dos bem aventurados, e os contos e perversidades dos malditos,

tudo se vai localizando nos pequenos espíritos na aurora da vida, e tornando almas doentias, cheias de apreensões, de crendices e de coisas inexplicáveis, misteriosas.

De uma geração de místicos sai uma outra geração de inconscientes, sem forças para a luta, sem a precisa energia para vencer.

E essa argamassa humana compacta, rola pela existência, mergulhada na sua própria inutilidade, perturbando muitíssimas vezes, a ordem social e outras dando causa a verdadeiras revoluções.

A humanidade é sempre criança, já tem centenas de séculos, e é a mesma adolescente dos primeiros dias.

[...]

[...]

Crer é maior felicidade humana: mas é preciso saber crer com raciocínio e inteligência.

A religião do rústico é uma mistura de verdades e mentiras, de superstições e crendices.

[...]

Magos, bruxas, adivinhos, cartomantes, histéricas(os) formam essa poderosa legião que domina discricionariamente o povo inculto.

[...]

E é toda essa gente que dirige a camada humana, a ignorante, a inocente camada que vive prisioneira da sua boa fé e aceita os fatos sem os analisar, pouco se lhe importando a causas geradoras.

E vêm os santos e as santas, cada qual mais extravagante, cada qual correspondendo melhor a encomenda.

Goiás não podia deixar de ter também os seus santos(as).

Tivemos a princípio, em 1916 [...] o S. Serafim, negro boçal, mas esperto, cachaceiro e explorador.

A sua fama correu mundo, a multidão não o deixava um momento se quer.

De toda parte vinham mancos, aleijados, coxos, paralíticos, cancerosos, tuberculosos, sífilicos, uma infinidade de doentes, vítimas de todas as moléstias.

E o preto S. Serafim dava-lhes como medicamento uma garrafa de cachaça ou de vinho, se o freguês era abastado, com raízes de capim gordura e de plantas desconhecidas. Os doentes de moléstias nervosas curavam-se pela sugestão, os outros, ou morriam ou pioravam-se pela intoxicação.

O negro foi levado para Uberaba em triunfo, e, quando julgava ir habitar um templo construído pelos fieis, a polícia mineira deu-lhe a cadeia para repouso.

E assim se foi o novo S. Benedicto caipira e velhaco. Mas a tradição ficou.

Agora temos a Santa Dica.

Quem é essa nova beatificada pelo povo?

Temos em nossa frente a sua fotografia. É uma menina de menos de 20 anos de idade, de uma simpatia arrebatadora, modesta, tristonha, e que parece viver dentro do seu próprio sofrimento.

Custa-nos acreditar ser ela uma exploradora. Mas estamos convencidos de que é explorada por pessoas que aproveitam do estado mórbido daquela criança para auferir resultados pecuniários.

Dica é uma doente.

O seu caso está claramente caracterizado e tem o seu lugar na patologia geral das doenças nervosas.

Histórica, sofre periodicamente violentos acessos que a prostam em estado de sonambulismo aparente.

Fora disso é uma pobre moça presa as garras de aves de rapina.

Mas se fosse só isso, teríamos unicamente a lamentar o seu destino e nada mais.

Mas os seus exploradores a estão encaminhando por um caminho perigoso cujas consequências os poderes públicos devem evitar desde logo. No dia de sábado ninguém trabalha mais porque Dica não quer, e quem trabalhar está menos presando o leite de Nossa Senhora!

É o cúmulo da ignorância.

Ela mora em rancho de capim, à margem do rio do Peixe, ultimamente cognominado Jordão. Ali pela inspiração dos seus exploradores, está se fundando uma cidade chamada Calamita dos Anjos, em terras alheias. Dica se tornou uma espécie de Lenine de sexo diferente. Prega a partilha equitativa das terras pelo povo.

O rústico fazendeiro que teve a sua fazenda invadida por Dica, pelos exploradores e pela aluvião de fieis, abandonou a sua propriedade em poder daquela gente e como doido foi procurar abrigo em lugar distante.

Ora, isso não pode continuar. Torna-se imprescindível, enquanto é tempo, uma providência qualquer, para evitar males futuros.

É preciso que nos lembremos de que um homem sugestionado, crente, vale por dez. É sobre-humana a sua força. Canudos é de ontem, e nós sabemos o que foi Canudos!

Estamos em tempo ainda. A menor demora pode convulsionar o Estado.

Dica deve ser recolhida a uma casa de saúde, pois a sua doença é perigosa, os seus exploradores trancafiados na cadeia, a bem da ordem e da tranquilidade pública.

Não é que pensamos que com essa medida de urgência não surgirão mais tarde outros santos e santas. Terão que vir, a humanidade é a mesma, ela gira em torno do mesmo ponto. E esse círculo vicioso que a embala no berço a conduzira ao túmulo. Evoluirão as formas, mas a essência será a mesma até a consumação dos séculos. (O Democrata, nº 1 10/10/1924 apud BRITO, 1992, p. 139 grifos Nossos)

Nas primeiras linhas do texto, nos deparamos com uma situação de normalidade, visto que, de vez quando, apareciam pelo Brasil figuras que, com seus dons sobrenaturais, curavam e ajudavam os mais necessitados.

Loucos seriam aqueles que se deixavam ludibriar pelas palavras de tais “santos(a)” com histórias fantasiosas, narradas dos milagres, de coisas inexplicáveis e misteriosas.

O povo sabe da existência de Deus, mas admiram a figura de determinado “santo(a)”, e passam a ter crenças em seus poderes.

Em seu artigo, “O Democrata” reforçou o discurso do jornal “Santuário da Trindade” de que Dica deveria ser contida e seu caso era uma necessidade de intervenção de política e de saúde.

Outro ponto importante analisado pelo jornal esclarecia que esses movimentos não eram novidade, pois trava-se de algo comum que ocorria “de vez em quando” em Goiás. (BRITO, 1992 p. 140)

Enfim, cremos que o discurso dos jornais “Santuário da Trindade” e “O Democrata” exerceu um discurso na sociedade goiana como uma espécie de uma pressão e a favor de um poder de coerção contra a liderança de Santa Dica, conforme Foucault analisa em “Vigiar e Punir”, ao destacar a regra da disciplina em sociedade.

Foucault, em “Vigiar e Punir”, cita a disciplina como um controle da produção da coerção e restrição dos indivíduos na sociedade:

O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar: um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplica. (FOUCAULT, 2013, p- 165)

Observamos, desta forma, no texto acima, que nem todas as falas e ações eram permitidas. Dica, no discurso da fala do jornal “O Democrata”, sofreu coerção e ação restritiva de sua liderança e poder na Comunidade dos Anjos.

A ordem deveria ser mantida, Santa Dica, para o periódico, era perigosa, sendo necessário seu recolhimento ao sistema de saúde, a fim de que sua loucura fosse tratada.

Mesmo em os setores sociais considerados mais primitivos, brutos, inferiores na escala social e na escala da civilização, as mulheres revelam-se menos aptas que os homens a enfrentar as contingências da vida, e, portanto enlouquecem mais quando submetidas ao tipo de atividade reservada naturalmente para os homens. (CUNHA, 1989, pp. 126-127)

Era recorrente o discurso de uma medicina misógina e, no fundo, o discurso e a prática psiquiátrica em torno da mulher, nesse caso, Dica, apontavam para o reforço de certos papéis e estereótipos sociais garantidores da dominação de gênero e de classe, exigindo das mulheres um silenciamento em relação ao mundo masculino.

Importante compreender que o jornal “O Democrata”, buscou veicular uma imagem de santa Dica como louca e histérica. Nesse sentido, Foucault buscou compreender a “loucura e a histeria”, diferente das experiências produzidas sobre os mesmos conceitos na Renascença.

Segundo Foucault, a loucura é observada da seguinte forma:

“A ‘loucura’ experimentada em tudo aquilo que pode ter de negativo: desordem, decomposição do pensamento, erro, ilusão, não razão e não verdade”. (FOUCAULT, 1997, p. 279)

De acordo com Foucault, a histeria é entendida como:

Cada parte do corpo determina por si só, e em virtude de sua natureza própria, a forma do sintoma que vai produzir-se. “A histeria” aparece assim como a mais real e a mais enganosa das doenças; real porque se baseia num movimento dos espíritos animais; ilusória, porque faz nascer sintomas que parecem provocados por uma perturbação inerente aos órgãos, enquanto estes são apenas a formalização, ao nível desses órgãos, de uma perturbação central ou, antes, geral; é a desordem da mobilidade interna que assume, à superfície do corpo, o aspecto de um sintoma regional. Realmente atingido pelo movimento desordenado e excessivo dos espíritos, o órgão imita sua própria doença; a partir de um vício do movimento no espaço interior, ele finge uma perturbação que na verdade seria sua mesmo. (FOUCAULT, 1997, p. 318)

Em face das observações de Foucault, podemos entender que o jornal “O Democrata” falava de Santa Dica como uma mulher que estava fora de si e causava graves perturbações ao infringir as normas da sociedade vigente e que havia um movimento desordenado e excessivo dos seus espíritos..

Santa Dica é o mal encarnado em sua própria existência feminina, louca, histérica, a fraca do juízo, a inocente, tudo furto de sua condição de mulher. Mas essa maldade não é resultado de uma opção e sim de sua própria natureza. (BRITO, 1992, p. 155)

Importante compreender que o jornal “O Democrata”, buscou veicular uma imagem de Santa Dica como louca e histérica. O periódico atribuiu a histeria de loucura de Dica como uma doença que deveria ser tratada, o que revela, de fato, o quanto sua liderança desestruturou uma sociedade altamente misógina.

Do ponto de vista dos padrões construídos pelo saber psiquiátrico, em suas tentativas de generalização e teorização sobre o natural e o patológico, a quebra do modelo normalização de comportamento feminino significará sempre alguma forma de recusa ou resistência ao papel natural de mãe e esposa. Estratégia de reforço da família, a psiquiatria conta com sua cumplicidade, erigidas em instância jurídicas, gozando das prerrogativas de um tribunal a quem, cabe julgar as condutas, efetuando a divisão entre a razão e a loucura e transformando-se em dos critérios essenciais da razão triunfante, são elas que pedem e obtêm, com uma facilidade que hoje pode parecer espantosa, o internamento de mulheres desviantes. (CUNHA, 1989, p. 129)

Santa Dica ao romper um comportamento dito como “natural”, passa a ser vista como uma mulher louca e histérica. Dica é uma mulher infratora. É mulher que em nada lembra o comportamento feminino como normal. Ela comanda, governa, pega em armas, faz ser entendida pelos seus seguidores. (BRITO, 1992, p. 162)

Assim, o jornal “O Democrata” reforçou uma imagem de uma mulher que rompeu o modelo de uma sociedade ideal, e que jamais poderia ser aceita como líder numa sociedade altamente masculina.

O jornal redigiu um artigo onde faz duras críticas ao discurso feminista cujos feministas estavam longe de serem mulheres normais.

Feministas

Aos que acompanham, com atenção, o evoluir da sociedade brasileira não deve ter passado despercebido o interesse que vai tendo, nos últimos tempos, a campanha feminista.

Concorrem para isso causas diversas, entre elas figura o poderoso influxo que a grande guerra imprimiu as aspirações humanas. Entre nós já existe uma campanha em prol da reivindicação social dos direitos da mulher.

Eu tenho a impressão de que as funções sociais dos dois sexos devem ser harmônicas, porém distintas.

Pelos vossos direitos, há muitos anos, vem trabalhando o catolicismo.

Affonso Celso disse um dia: Há vinte séculos a Igreja obriga o homem a ajoelhar-se diante de uma mulher para lhe dizer, Salve Rainha.

E nas palavras de São Thomaz: Deus tirou a mulher do corpo de Adão, não a tirou dos pés, porque não a destinava para sua escrava, não a tirou da cabeça, porque não devia reger, mandar em tudo, tirou de um lado, perto do coração, porque lhe cabe ser sua igual, sua amiga, sua companheira.

O cristianismo soube sempre elevar a mulher, desde Ruth, desairosa e meiga, desde Magdalena, redimida pelo amor, até Maria, cheia de graça, na opinião de Boussuet, a soberana dos corações humanos.

O feminismo está em marcha, mas o feminismo brasileiro vai mal orientado.

A sua líder em nosso país, a talentosa escritora Maria Lacerda proclama ideias subversivas que poderão concorrer para a desintegração social.

Cuidado, pois jovens preceptoras, si acaso tiverdes pendores para a atividade da luta, em prol dos vossos direitos.

Eu sou pelo bom feminismo, por aquele que procura dar à mulher a dignidade que lhe compete ao nosso lado e não mais.

E nesse sentido, com muito prazer, subscrevo as palavras do escritor Pereira Barreto:

“Propugnado a igualdade natural, civil e política dos dois sexos, os feministas defendem uma causa justa, é mister porém que eles a transformem numa causa santa, propugnado com a declaração dessa igualdade, que é justa, a declaração da proeminência moral da mulher no lar e na sociedade, que é necessária”.

Reclamam os feministas direitos políticos e direitos civis... os direitos políticos incomodam tanto que, certamente, não valem muito esforço.

Quanto ao direito civil, as sociedades cristãs concedem à mulher muito, quase tudo...

O feminismo só poderá ser uma campanha elevada e nobre, visando o pleno domínio da mulher no lar, na família, no coração do esposo e na alma dos filhos.

Santificando o lar, a mulher santifica a sociedade, no lar o seu apostulado é um doce influxo, um perfume eu embalsama em segredo.

Eu não desejaria para as minhas conterrâneas as glórias retumbantes de Maria Thereza, de Mme de Stael, de Sarah Bernard, nem o fulgor literário de muitas escritoras brasileiras...

Mais úteis, muito mais úteis à humanidade são as preceptoras competentes, silenciosas e dedicadas.

Mais úteis e mais necessárias ao concerto social são as que se consomem em dedicação sublimada, dividindo pelos filhos a alma cheia de amor.

Mais necessárias, mais úteis à pátria e a família são as mães brasileiras, são as mães goianas, modestas, sofredoras e dignas, rendendo o mais elevado culto ao amor, à virtude e à honra.

A mulher ideal

O tipo ideal de mulher, ao qual naturalmente pertenceis pelas peregrinas qualidades que vos deram vossas mães e vossas professoras, se traduz nas seguintes palavras de Afrânio Peixoto:

As letras sagradas nos deixaram, num passo do Evangelho, uma quase parábola que resume o ideal da educação da mulher, no lar de Lázaro havia duas irmãs que ambas serviam ao senhor, andava Marta afanada no meneio da casa, a preparar o conforto doméstico com que havia de honrar o seu hóspede, Maria era a graça da presença, a solicitude da atenção, a inteligência do entendimento, o prazer da compreensão, com que enlevava

aos que a viam e ouviam porventura. Realizaram juntas esse milagre que havemos de ver e alguns vem já, mas é forçoso que vejam todos para felicidade geral, todas as mulheres, feitas Martas e Marias a um tempo, com o coração, com a vontade, com a inteligência, desenvolvidas e perfeitas pela educação, a acharem a finalidade da vida para queles a quem se dão todas, corpo e alma, felizes nessa abdicação, e a quem eles devem não só correspondência de amor, porém mais, uma alta estima de imensa admiração!

Jovens normalistas

Seja qual for o vosso caminho na vida, no apostulado da escola ou do lar, que os anos vos sejam, sempre, um rosário de flores. Que os vossos sonhos cor de rosa, sonhos virginais e puros, se concretizem na suavidade de uma benção de Deus. (O Democrata, nº 4 26/12/1924 apud BRITO, 1992, pp. 178-181 grifos Nossos)

De fato, o jornal buscou desconstruir o discurso das feministas por produzirem ideias subversivas, tendo acabado por corroborar, todavia, o discurso “dos feministas do jornal”, desaprovando o comportamento das mulheres que lutavam pelo sufrágio político.

Em face, disso o jornal desaprovava a liderança e a ação de Santa Dica, uma mulher indesejável, sempre o oposto da mulher do lar, mãe-esposa, reprodutora e submissa. Entretanto, ao longo das análises dos jornais, “O Santuário da Trindade” e “O Democrata”, os periódicos definiram uma imagem da Santa Dica da seguinte forma:

1) PERFIL

- Solteira
- menor de idade
- [..]
- zomba, dirige insultos e provocações às autoridades
- é hostil ao governo
- usa brilhantina nos cabelos
- não se porta de maneira honesta
- [...]
- desperta desconfianças
- inculta
- [...]
- vive de lucro ilícito
- [...]
- fingida e mentirosa

2) EMOÇÕES QUE DESPERTA

- amor
- ódio
- inveja
- medo

3) AÇÕES QUE MOBILIZA

- promete
- subjuga
- fascina
- influencia
- seduz
- engana
- domina
- finge

4) COMO MOBILIZA

- fazendo com que acreditem num imaginário poder
- seduzindo pela sua lábia
- deixando-se auxiliar por pessoas perigosas
- usando a obediência cega que lhe prestam
- servindo-se de um estado anormal
- usando uma superstição perigosa
- utilizando a credulidade do povo
- usando seu prestígio absoluto
- praticando a magia- sortilégios

5) COM QUEM É COMPARA

- [...]
- a iniciadora de uma desgraça, louca, vagabunda, bruxa

6) OBJETIVO DESUA AÇÕES

- auferir lucros, enriquecer

7) QUEM É ELA

- ela era, “também, uma mulher”. (BRITO, 1992 pp. 324-325)

De fato compreendemos que Santa Dica não foi qualquer mulher, mas a outra, que rompeu o referencial ideal de um sistema, por seu poder e liderança incomodou Igreja, fazendeiros e o Estado. Assim construiu-se uma imagem de uma mulher que seria comparável a uma bruxa, histérica, louca e práticas de magias.

Apesar dessa imagem estigmatizante, em que o gênero feminino encontra-se estreitamente relacionado à liderança e a determinados poderes de santa Dica, entendemos que a atuação de Dica no universo social extrapolou tais definições previamente definidas e fundadas em valores biológicos. (MOTTA, 2006, p. 83)

Portanto, tais condutas, reveladoras de liderança e poder de Santa Dica, foram vistos como atos transgressores à ordem tradicional, ao modelo de mulher mãe, esposa, obediente e reprodutora. Eram práticas que fugiam do controle social exercido por poderes e saberes masculinos, significativamente, veiculava-se a existência de

uma crise de moral da sociedade dita ideal e creditada ao desregramento da “perigosa mulher”, que precisava ser disciplinada, julgada e detida. (RIOS, 2005, p. 05)

2.5 SANTA DICA E O DISTRITO DE LAGOLÂNDIA

Lagolândia significa cidade das lagoas, e sua origem é marcada pelo fato de, no local, existir uma extensão de terra rebaixada, próximo ao “Rio do Peixe”. O rio recebeu essa denominação pela grande quantidade de peixes em seu leito, mas, após o surgimento de Santa Dica, esse mesmo rio foi rebatizando de Rio do Jordão, uma alusão ao Rio Jordão onde Jesus foi batizado, assim como Dica exercia a autoridade de realizar batismo nesse rio sem consentimento da Igreja.

Acredita-se que no auge da mineração em Pirenópolis, os garimpeiros paulistas chegaram ao local onde hoje é o distrito. Quando a mineração chegou ao declínio no município de Pirenópolis, desenvolveram-se, nessa região, a agricultura e a pecuária.

Aos poucos, as terras de Lagolândia foram ocupadas por fazendeiros, que acabaram invadindo a terra dos índios da tribo Caiapó, que moravam na região, expulsando os indígenas de seu habitat, obrigando-os a esconderem-se nos matos e afastarem-se cada vez com medo de serem aprisionados e entregues aos padres, serem escravizados. (REZENDE, 2011, p. 103-104).

O distrito de Lagolândia, com a responsabilidade de auxiliar o prefeito de Pirenópolis em relação aos assuntos do distrito. Em sua fase de formação, Lagolândia contava com baixa densidade demográfica, pois tinha cerca de 20 pequenos proprietários de terras. Entre 1920 e 1925, ano da 1ª prisão de Dica, consta que, no distrito, encontravam-se mais de 500 pessoas e, em 1958, o distrito contava com 7 mil habitantes. (REZENDE, 2011, p. 106)

Em Lagolândia, as festas religiosas iniciam-se já no início de janeiro com a Festa “Folia de Reis”; em junho, comemora-se, no distrito, a festa de “São João” Ainda dando seguimento às festividades religiosas no mês de julho, encontramos várias

festas como, por exemplo, a “Festa do Divino Pai Eterno”, a “Nossa Senhora do Rosário e São Benedito” e a Festa do Doce (FIGURAS 8 e 9) no Distrito de Lagolândia.



Figura 8: Festa do Doce em Lagolândia.

Fonte: Acervo fotográfico Jornal O Popular. (2013).



Figura 9: Festa do Doce em Lagolândia

Fonte: Acervo fotográfico de Siqueira (2015).

A festa de São Benedito representou a ressurreição de Dica. Seus pais, católicos fervorosos, fizeram uma promessa, batizando a menina com o nome de Benedita em homenagem a São Benedito, e prometendo festejar seu dia enquanto

vivos estivessem. Em face disso, Dica começou a distribuir doces aosromeiros que ali passavam para celebrar a festa, tradição que e que ainda se mantém viva .

Sobre os doces servidos desde os tempos de Dica, contam que a explicação é que isto se deve à veneração aos Santos Anjos, que sendo crianças apreciavam os doces, outra explicação, é de que os doces representam a vida que nos espera no céu, longe das amarguras da vida terrena. Ainda encontramos uma terceira versão, em que os doces servidos são para lembrar o maná caído do céu, mandado por Deus, para alimentar o povo judeu que padecia de fome no meio do deserto, seguidores liam constantemente a Bíblia Sagrada, e temiam o fim do mundo. (REZENDE, 2011, p. 142)

Santa Dica foi grandemente reconhecida pelo povo do distrito de Lagolândia por sua liderança e pelo poder conquistado por meio de suas realizações de curas, orações e benzeções. Atualmente, a única escola do distrito, que tem como homenagem seu nome (FIGURA 10), chama-se Escola Estadual Benedita Cipriano Gomes.



Figura10: Escola Estadual Benedita Cipriano Gomes, em homenagem a “Santa Dica”.

Fonte: Acervo fotográfico de Siqueira (2015).

O distrito conta com a “Praça Benedita Cipriano Gomes” (FIGURA 11), que tornou-se símbolo de encontro e lazer da comunidade, fundada por santa Dica,

mantida e cuidada pela associação feminina de Lagolândia, herança deixada por Dica.



Figura 11: Busto de Santa Dica na Praça Benedita Cipriano Gomes fundadora da cidade de Lagolândia Goiás.

Fonte: Acervo fotográfico de Siqueira (2015).

A Associação Feminina de Lagolândia, herança deixada por Dica, conta com mulheres do município que ainda seguem os ideais deixados por Santa Dica, e que, com coragem, lutam por melhores condições de vida para os moradores do distrito. A Associação Feminina (FIGURA 12) preserva a praça e não conta com nenhuma ajuda de políticos do município para construir ou reformar



Figura 12: Fundação da associação feminina de Lagolândia Goiás fundada por Benedita Cipriano Gomes.

Fonte: Acervo fotográfico de Siqueira (2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre Santa Dica nos fez refletir sobre como que a história nos encanta, e como, a cada momento, em uma nova pesquisa, nos deparamos com a riqueza e a abundância de fontes históricas que ainda possam ser interpretadas por novas fontes e fatos.

Antes de pensar numa História das Mulheres, é importante salientar que elas estiveram invisíveis nas grandes narrativas históricas, tornando-se necessário que estas lacunas sejam preenchidas, redefinindo suas especificidades, tornando-as capazes de construir sua própria história. Essa história começa com o desenvolvimento de novos campos temáticos, tais como a história das mentalidades e a história cultural, campos do conhecimento que vieram reconhecer o avanço do feminismo, contexto em que desenvolvemos a pesquisa, abordando o papel social de Santa Dica.

A trajetória de Santa Dica nos fez pensar sobre a história de liderança e poder de uma mulher em Goiás do século XX, que enfrentou uma sociedade altamente misógina e também uma ordem religiosa dos padres redentoristas que colocava em questão a imagem de uma mulher “bruxa”, “demoníaca”, “impostora”. Através das fontes analisadas, pudemos identificar que a liderança de Santa Dica nos possibilitava realizar um estudo feminista e das relações de gênero.

Nas primeiras décadas do século XX, grande foi a luta das mulheres pela igualdade e pelo direito social para o reconhecimento do voto. Lembramos que a conquista das mulheres brasileiras pelo voto já havia sido antecipada pelas mulheres de outros países europeus mais avançados na luta pelos direitos das mulheres.

Porém, no Brasil, às mulheres, durante muitos anos, foi negado um papel social de destaque, prevalecendo uma dominação misógina. A partir do século XIX e XX, obtivemos os primeiros avanços na conquista da visibilidade das mulheres em diferentes funções e, sob a égide desse avanço, destacam-se a liderança e poder de Santa Dica, mulher franzina, de corpo miúdo, cabelos encaracolados e compridos.

Benedita Cipriano Gomes nasceu em 13 de abril de 1905 na Fazenda Mozondó, hoje atual distrito de Lagolândia, a 40 km de Pirenópolis. A menina Dica já

nasceu para lutar e, primeiro, lutou pela vida, quando a parteira achou que ela não sobreviveria. Aos 2 anos parou de respirar, ficando totalmente imóvel, sem recobrar seus sentidos, só conseguindo sair do torpor mortal depois de alguns dias. Esses fatos começaram a despertar a atenção de moradores, quando foi identificado que Santa Dica era possuidora de poderes milagrosos e de intimidade com o sobrenatural, o que lhe conferiu status de milagreira, curandeira e profetisa.

A partir das fontes consultadas, tivemos a oportunidade de realizar interpretações históricas acerca das relações de gênero ao objeto de pesquisa. Em tais fontes, pudemos evidenciar que a História está sempre pronta para desconstruir uma imagem do passado que já tenha sido produzida, institucionalizada, cristalizada e interpretada.

Nossa pesquisa sobre feminismo e gênero relacionada liderança e poder em Santa Dica, trata da análise de uma mulher que rompeu os valores patriarcais, cristão e androcêntrico no sul de Goiás. Nessa perspectiva, temos uma leitura dessa experiência, dentre as várias possibilidades acerca do objeto/tema historiográfico. Caminhamos, a partir desse olhar na história, para a evidência da História. De fato, há uma história da visão ou, de maneira ainda mais ampla, do visível e do invisível, de sua organização e de seu compartilhamento, passível de sofrer mutações e transformações de uma época para outra, de acordo com a interpretação historiador sobre os objetos da história.

Finalmente, queremos, com esta dissertação, refletir sobre a história das mulheres, do feminismo e das questões de gênero na historiografia do Goiás, partindo de um estudo sobre a complexidade as relações de poder no contexto da história da personagem de Santa Dica, a partir de um arcabouço teórico e metodológico das categorias de análise feministas contra a opressão patriarcal, a marginalização e o controle da mulher. Esperamos que essa pesquisa dê sua contribuição à construção da representação do gênero, operando, talvez, como uma possível resposta para o avanço dessa temática na região centro-oeste.

REFERÊNCIAS:

ABREU, Mayra Regina Saraiva de. *Cidadania movimento feminista e feminismo pragmático em Goiás*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiânia, 2002.

ALAMBERT, Zuleika. *Feminismo: o ponto de vista marxista*. São Paulo: Nobel, 1986.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é Feminismo*. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

ANDRADE, Priscilla Maia de. *A Economia Solitária é Feminina? Análise da política nacional de economia solidária sob a perspectiva de gênero*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade de Brasília – UNB, Brasília, 2007.

AQUINO, São Tomás de. *b* Tradução Alexandre Correia. São Paulo: Saraiva, 1934.

ARIÉS, Philippe. *A história das mentalidades*. In. *A História nova*. Jacques Le Goff; Roger Chartier; Jacques Revel. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução Roberto Raposo. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

ARRUDA, Angela. *Feminismo, gênero e representações sociais*. In *Cadernos Texto de História*, Vol 08, nº 1/2. Brasília: UNB, 2000, PP 113-137.

ASSUNÇÃO, Pollyanna. *Fases do feminismo*. <http://www.girlswithstyle.com.br/as-fases-do-feminismo>. Acesso em: Outubro 2015.

BRITO, Eleonora Zicari Costa de. *A construção de uma marginalidade através do discurso e da imagem: santa Dica e Goiás – 1923-1925*. Brasília, UNB, 1992. (Dissertação em História).

BRITO, Eleonora Zicari Costa de. *Santa Dica: relações de gênero e campo religioso*. In: COUTINHO, Sérgio Ricardo. *Religiosidade, misticismo e história no Brasil Central*. Brasília: CEHILA, 2001.

BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. In. *Enciclopédia Einaudi*, vol. 5, Antropos. Homem, Lisboa, Imprensa Nacional. Casa da Moeda, p.198, 1985.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução, Renato Aguiar. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CAROSIO, Alba. *Feminismo y cambio social en America Latina y el Caribe*. Magdalena Valdievo. Coordinado por Alba Carosio. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Clacso, 2012. <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20120912031117/Feminismoycambiosocial.pdf>. Acesso em: Outubro 2015.

CASTRO, Hebe. *História Social*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs)- *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. *Prefácio*. In. Vidas faladas: Mulheres em perspectiva. Maria do espírito Santo Rosa Cavalcante (org). Goiânia: PUC-GO Kelps, 2012.

CÉSAR, Maria Auxiliadora. *Exílio da vida: O cotidiano de mulheres presidiárias*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade de Brasília – UNB, Brasília, 1995.

CHARTIER, Roger. *Diferenças entre os sexos e dominação simbólica*. In Cadernos Pagu (4). Campinas: UNICAMP, 1995, PP. 37-47.

CHARTIER, Roger. “*Uma crise da história? A história entre narração e conhecimento*”. In. PESAVENTO, Sandra J. (org). Fronteiras do milênio. Porto Alegre. Ed. Universidade UFRS, 2001

CIRIZA, Alejandra. *Feminismo y política en dos encrucijadas históricas. La modernidad madura*. In Revista filosofia Universidade Costa Rica. Costa Rica, XXXII (77), 1994, PP. 41-50.

CIRIZA, Alejandra. *Heranças e encruzilhadas feministas: as relações entre teoria(s) e política(s) sob o capitalismo global*. Enpublicacion: Filosofia Política Contemporânea: Controvérsias sobre Civilização, Império e Cidadania. Atilio A. Boron, 1a ed. - Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO; São Paulo: Departamento de Ciência Política. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. Abril 2006.

COSTA, Ana Alice. A. *O movimento feminista no Brasil: dinâmica de uma intervenção política*. Revista Gênero, v.05, nº. 2, p. 09-35, 2005.

COSTA, Ana Alice. A. *O movimento feminista no Brasil: dinâmica de uma intervenção política*. In. MELO, Hildete Pereira de; PISCITELLI, Adriana; MALUF, Sônia Weidner; PUGA, Vera Lúcia (orgs). Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2009.

COSTA, Ana Alice. A; SARDENBERG, Cecília M. B. *Feminismo, feministas e movimentos sociais*. In: BRANDÃO, Margarida Luiza Ribeiro; HINGEMER, Maria Clara (orgs) – Mulher e relações de gênero. São Paulo: Edições Loyola. 1994.

CROATTO, José Severino. *As linhagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. Tradução de Carlos Maria Vásquez Gutiérrez. São Paulo: Paulinas, 2001.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Loucura, gênero feminino: as Mulheres do Juquery na São Paulo do início do século XX*. In Revista Brasileira de História – A Mulher no Espaço Público, vol. 9, n. 18. São Paulo, ANPUH – Marco Zero, 1989, pp.121-144.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente – 1300-1800*. São Paulo. Cia da Letras, 1989.

DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. Tradução Dulce Oliveira Amarante dos Santos. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. *Betty Friedan: Morre a feminista que estremeceu a América*. Estudos Feministas. Florianópolis, vol. 14, n.1, 2006 Janeiro-abril, pp. 287-293.

DUBY; Georges. *Poder Privado e Poder Público*. In. História da vida privada, 2: da Europa feudal à Renascença. DUBY, Georges (org); Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.

DUMARESQ, Ana Carolina Landin. *Mandrake: Gênero, corpo e sexualidade na narrativa televisiva*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2010.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Tradução Paola Civelli. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.

ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. Tradução Fernando Tomaz e Nátalia Nunes. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FARIA, Keila Maria de. *Medéia e Mélissa: Representações do feminino no imaginário ateniense do século V a.C* (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiânia, 2007.

FARGE, Arlette; DAVIS, Natalie Zemon. Introdução. In. DUBY, Georges; PERROT, Michele (orgs). In. História das mulheres no Ocidente. Vol 3: do Renascimento à Idade Moderna. Edições Afrontamentos, Portugal, 1991.

FEMINISMO EM MARCHA PARA MUDAR O MUNDO (2015): *Trajetórias, alternativas e práticas das mulheres em movimento*. Disponível em www.sof.org.br, acesso em 19/10/2015.

FERREIRA, Leyllianne Morais. *O movimento feminista goiano sob a ótica do jornal O Popular*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC – GO - Goiânia, 2010.

FRIEDAN, Betty. *Mística feminina*. Petrópolis, RJ. Vozes, 1971.

FORTUNATO, Maria Lucinete. *O coronelismo e a imagem do coronel: de símbolo a simulacro de poder local*. Dissertação (Doutorado em História) Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Campinas – São Paulo, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A História da Loucura na Idade Clássica*. Tradução José Coelho Teixeira Netto. São Paulo, Perspectiva, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução Raquel Ramallete. 41. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GARCIA, Carla Cristina. *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade, 2015.

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais no início do século XXI: Antigos e novos atores sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

GOHN, Maria da Glória. *Mulheres- atrizes dos movimentos sociais relações político culturais e debate teórico no processo democrático*. Caderno CRH, Salvador, n 11, p. p 41 70, out 2007.

GOMES FILHO, Robson Rodrigues. *O movimento messiânico de “Santa Dica” e a ordem redentorista em Goiás (1923-1925)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, Mariana - MG, 2012.

GONÇALVES, Eliane; PINTO, Joana Plaza. *Reflexões e problemas da “transmissão” intergeracional no feminismo brasileiro*. In Cadernos Pagu (36). Campinas: UNICAMP, 2011, Janeiro-junho, PP. 25-46.

GONÇALVEZ, Andréa Lisly. *História e Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo. Brasiliense, 1981.

LAURETIS, Teresa. *A tecnologia do gênero*. In. HOLLANDA, Heloísa Buarque (org). *Tendências e Impasses. O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto: o município e o regime representativo no Brasil*. 4ª Ed, São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

LEITE, Miriam Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática 1984.

LIMA, Jorge de. *Santa Dica*. In: *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Aguilar/Brasília, 1974.

LIMA, Miriam Késia Labs de. *Movimento Social Map: Como Emergente Paradigma Transfronteiriço na Amazônia Sul Ocidental*: Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2008.

LYNN SMITH, T. *Brasil: povo e instituições*. Tradução de José Arthur Rios. Rio de Janeiro: Programa de Publicações Didáticas: USAID, 1967.

MACHADO, Lia Zanotta. *Gênero, um novo paradigma?* In: Cadernos Pagu (11). Campinas: UNICAMP, 1998, PP. 107-125.

MARANHÃO, Clênia. *B.O Poder feminino*. Porto Alegre: Edição da autora, 2000.

MARTINS, Mirian Teresa de Sá Leitão; ALCANTARA, Karoline Romero de. *Mudanças da condição feminina na atualidade: Revisitando a história do feminismo*. Revista Ártemis. Edição V. 14, ago-dez, 2012, pp-98-110.

MATOS, Maria Izilda S de. *Estudos de gênero: Percursos e Possibilidades na Historiografia Contemporânea*. In: Cadernos Pagu (11). Campinas: UNICAMP, 1998, PP. 65-75.

MÉROLA, Giovanna. *Feminismo: Um Movimiento Social*. Nueva sociedad Nro.78. Argentina. Julio-agosto, 1985, pp. 112-117.

MOTTA, Tatiana Carvalho. *Entre o Atlântico e o Sertão: mulheres e vida urbana na capitania de Goiás*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília-UNB, Brasília, 2006.

MOURA, Antônio José de. *Sete léguas do paraíso*. São Paulo: Global, 1989.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo (2010). *Mulheres na historiografia brasileira: práticas de silêncio e de inclusão diferenciada*. In. ALMEIDA, Tânia Mara Campos de; BRASIL, Kátia Cristina Tarouquile; STEVES, Cristina; ZANELO Valeska (orgs). *Gênero e Feminismos: Convergências* (in) disciplinas. Brasília-DF, EX Libris, 2010.

NARVAZ, M.G; KOLLER, S.H. *Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política*. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.11, n.3, pp. 647-654. set./dez.2006

NICHOLSON, Linda. *Interpretando o gênero*. *Estudos Feministas*. Florianópolis, vol. 8, n.2, 2000, pp. 09-41.

NORA, Pierre. *Entre memória e história. A problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo: Revista do Programa de Pós-graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP, nº 10, p 07-28, dez, 1993.

OKIN, Susan Moller. *Gênero, o público e o privado*. *Estudos Feministas*. Florianópolis, vol. 16, n.2, 2008, pp. 305-332.

PATERMAN, Carole. *O Contrato Sexual*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PEDRO, Joana Maria. *Relações de Gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea*. *Topoi*, v.12, nº. 22, jan-jun.2011 p. 270-283.

PEDRO, Joana Maria; SOIHET, Raquel. *A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de Gênero*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v, 27, nº 54, p. 281-300, 2007.

PERROT, Michelle. *Escrever uma História das Mulheres: Relato de uma experiência*. *Cadernos Pagu* Campinas: UNICAMP, 1995, PP. 09-28.

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História. Operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução Angela M. S. Côrrea. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. *Cartografia do tempo: Palimpsetos na escrita da história*. In PESAVENTO, Sandra Jatáhy (org). Um historiador nas fronteiras: O Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. *História & História Cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Feminismo, História e Poder*. In BIROLI, Flávio; MIGUEL, Luis Felipe (org). Teoria e feminismo; abordagens brasileiras. Vinhedo, Editora Horizonte, 2012.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. (Coleção História do Povo Brasileiro).

PITANGUY, Jaqueline. *Advocay: um processo histórico*. In BARSTED, Leila Linhares; PITANGUY, Jaqueline (orgs). O Progresso das Mulheres no Brasil 2003-2010. Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, 2011.

Platão. *A República*. Tradução Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1980.

PONCELLA, Anna Fernández. *Estudios sobre las mujeres, el género y el feminismo*. <http://www.juridicas.unam.mx/publica/librev/rev/nuant/cont/54/cnt/cnt4.pdf>. Acesso em: Outubro 2015.

PRIORE, Mary Del. *A mulher na História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1992.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. *Quando Clio se apaixonou por Hermes: Paul Ricouer e as práticas historiográficas*. Liberintellectus, vol. 1, num. 1, 2007. p. 22

RAGO, Margareth. *A História repensada com ousadia*. In: JENKINS, Keith. A História repensada. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Contexto, 2007.

RAGO, Margareth. *Descobrendo historicamente o gênero*. In: Cadernos Pagu (11). Campinas: UNICAMP, 1998, PP. 89-98.

REZENDE, Waldetes Aparecida. *Santa Dica: história e encantamentos*. Goiânia: Kelpes, 2001.

RIBEIRO, Maria Rosa Dória. *Relações de poder no feminismo paulista – 1975-1981*. (Tese em História) Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2011.

RICHTER REIMER, Ivoni. *Patriarcado e Economia Política: um jeito romano de organizar a casa*. In. Economia no mundo bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: CEBI; Sinodal, 2006. P. 72-97.

RIOS, Gilma Maria. *Mulheres “modernas”, mulheres “perigosas”, gênero, corpo e comportamentos sociais em Araguari/MG (1940-1960)* (Tese em História) Universidade de Brasília – UNB. Brasília, 2005.

ROCHA, Maria José Pereira; BICALHO, Elizabete; FARIA, Gisele Justiniano de. *Luta e resistência de mulheres em Goiás (1930-1993)*. Cadernos de pesquisa nº 18. Goiânia, GO: Ed UCG, 1999.

SAFFIOTI, Heleith. *Gênero, patriarcado e violência*. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, Heleith I.B. *Primórdios do conceito de gênero*. In: Cadernos Pagu (12). Campinas: UNICAMP, 1998, pp. 157-163.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando sua trajetória. Estudos Feministas. Florianópolis, vol. 8, n.2. Maio/ Agos, 2000, pp. 35-50.

SCOTT, Joan. *Gênero, uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, Porto Alegre, 12 (2). Maio/ Agos. 2004, pp 77-105.

SCOTT, Joan. *História das mulheres*. In: Burker, (org) – A escrita da história: Novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

SCOTT, Joan. *Entrevista com Joan Wallach Scott – Ponto de Vista*. In. Revista Estudos Feministas, V.6, n. 1, 1998.

SENA FILHO, Nelson de. *Identidades, histórias, mulheres*. Nelson de Sena Filho; Margareth Maciel de Almeida Santos; Joice Meire Rodrigues (orgs). Goiânia: Editora Vieira, 2009.

SICURETI, Roberto. *Lilith: A Lua Negra*. Tradução Norma Telles, J. Adolpho S. Gordo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SILVA, Jeane das Graças Araújo. *Santa Dica ou reduto dos anjos: Uma visão psico-social*. Goiânia: UCG, 2005. (Dissertação em Ciências da Religião)

SILVA, Telma Gurgel. *Feminismo e Políticas Públicas na América Latina: relação com o Estado e dilemas estratégicos no século XXI*. III JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS São Luís – MA, 28 a 30 de agosto 2007.

SOARES, Vera. *Muitas faces do feminismo no Brasil*. In. BORBA, Ângela; FARIA, Nalu; GODINHO, Tatau (orgs) – Mulher e política: Gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.

SOIHET, Raquel. *História das mulheres*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs)- Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

SOIHET, Raquel. *Mulheres ousadas e apaixonadas. Uma investigação em processos criminais cariocas (1890-1930)*. Revista Brasileira de História, São Paulo: ANPUH/ Marco zero, vol. 09, nº 18, pp 199-216, agosto 1989/ setembro 1989.

STOLCKE, Verena. *La mujer es puro cuento: La cultura Del género*. Estudos Feministas. Florianópolis, vol. 8, n.2, 2000, pp. 09-41.

STREY, Marlene Neves; BRZEZINSKI, Cíntia da Silva; BÜCKER, Izabel; ESCOBAR, Rogéria. *Mulher, gênero e representação*. In: STREY, Marlene Neves (org) – Mulher, estudos de gênero. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1997.

SVAMPA, Maristela. *Feminismo del Sur y ecofeminismo*. Revista Nueva Sociedad Nº 256. Argentina, Marzo/abril, pp. 127-131.

SWAIM, Tânia Navarro (2010). *O grande silêncio: a violência da diferença sexual*. In. ALMEIDA, Tânia Mara campos de; BRASIL, Kátia Cristina Tarouquile; STEVES, Cristina; ZANELO Valeska (orgs). *Gênero e Feminismos: Convergências (in) disciplinas*. Brasília-DF, EX Libris, 2010.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*. Tradução Elia Ferreira Edel. Petrópolis RJ: Vozes, 1994.

VALCACÉL, Amélia. *O que é o feminismo e que desafios apresenta*. Disponível em: <http://www.diba.es/urbal12/cdseminari/ponencias/ameliavalcarcelportu.pdf>. Acesso em: Agosto 2015.

VARIKAS, ELENI. *Do bom uso do mau gênero*. In: Cadernos Pagu (12). Campinas: UNICAMP, 1998, PP. 11-36.

VASCONCELOS, Lauro de. *Santa Dica: encantamento do mundo ou coisa do povo*. 2ª Ed. Goiânia: Editora UFG, 2013.

VAUCHEZ, André. “*Santidade*”. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa. Casa da Moeda/Imprensa Nacional, v. 12: Mythos/Logos, 1987.

VEYNE, Paul Marie, 1930. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

VRISSIMTZIS, Nikos A. *Amor, sexo e casamento na Grécia Antiga*. Tradução Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Odysseus, 2002.

ZANETTI, Julia Paiva. *Jovens Feministas: Um estudo sobre a participação juvenil no feminismo do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense – Rio de Janeiro, 2009.

ZIRBEL, Ilze. *Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil: Um debate*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2007.

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. *Bruxas: figuras de poder*. Estudos Feministas. Florianópolis, vol. 13, n.2, 2005 Maio-agosto, pp. 331-341.

Documentos

Processo 651, março 9 – Cartório do Crime, Pirenópolis (GO), 1925.

Jornais

Disponível em :<http://www.oanapolis.com.br/pdf/7751/pag%2009.pdf>. Acesso em: Dezembro 2015.

Disponível em: <http://www.opopular.com.br/editorias/magazine/festa-do-doce-atraipessoas-de-toda-regi%C3%A3o-1.363469>. Acesso em: Fevereiro 2016.

ANEXOS

Imagem – A: Túmulo de Benedita Cipriano Gomes em Lagolândia Goiás. Ela está enterrada sob uma grande gameleira.

Fonte: Acervo fotográfico de Siqueira (2015).



Imagem – B: Túmulos de Benedita Cipriano Gomes e de seu marido Chico Teixeira, em Lagolândia, Goiás.

Fonte: Acervo fotográfico de Siqueira (2015).



Imagem – C: “Santa Dica”, ao lado de Manuel José de Torres (“Cacheado”).

Fonte: REZENDE, Waldettes Aparecida. 2011, p. 38.

